



# WUNSCH 11

**BOLETIM INTERNACIONAL DA  
ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO**

outubro de 2011

## WUNSCH

Número 11, outubro de 2011

TERCEIRO ENCONTRO  
INTERNACIONAL DA ESCOLA  
Paris, dezembro de 2011

Boletim internacional da  
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano

### Editorial

Dez anos depois de seu início, em 2001, a Escola continua. A Escola, isto é, o passe, sempre recomeçado. É esse passe pelo real, posto à prova no dispositivo, que pode nomear alguém como analista, quando um certo “*effect*” pode fazer dizer “isso é alguém!”. É esse passe que faz com que a psicanálise re-comece, isto é, que ela “torne-se novamente o que ela nunca cessou de ser, um ato ainda por vir”.

**A Escola: Encore:** para festejar esses 10 anos da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano republicamos o texto de Colette Soler “O tempo longo”, que articula a Escola com as condições do ato e propõe uma perspectiva do ato que inclui suas consequências em sua temporalidade lógica.

**A Psicanálise, fins e consequências** anuncia os debates do III Encontro Internacional da Escola. O Colegiado de Animação e Orientação da Escola convidou, para tanto, os membros do Colegiado Internacional da Garantia afim de que eles fizessem um balanço sobre sua experiência recente com os cartéis do passe na perspectiva do tema do Encontro. Seus diversos trabalhos estão organizados segundo três capítulos: *Os passadores da psicanálise; O ato se julga com suas consequências; a Escola: em consequência de causa*. Desejamos que essas elaborações ressoem e repercutam em efeitos de Escola, como foi o caso dos números anteriores de Wunsch.

1981-2011, aniversário de 30 anos do falecimento de Jacques Lacan: sendo assim, como não prestar uma homenagem a Lacan nesse número de Wunsch dedicado às consequências do ato do psicanalista! **Lacan, a marca:** quatro de nossos colegas agradecem para nós o efeito Lacan, quer seja como ele afeta definitivamente, a partir das vias trilhadas por seu ensino e sua prática, nossa “interpretação” lógica, ética e poética da psicanálise. Vocês verão ao longo deste Wunsch 11, a atenção, o cuidado, a consideração que a Escola tem por seus passadores; julgamos, então, oportuno propor a vocês um **Thesaurus sobre o passador** a partir dos textos e intervenções de Lacan.

Por fim, encontrarão o **Programa do III Encontro**, que, esperamos, os “animará”, e *the last but not least*, já que “o futuro dura muito tempo”, fiquem atentos ao texto de apresentação e às preciosas informações para participar do **VII Encontro da IF-EPFCL** em julho, no Rio de Janeiro: **O que responde o analista? Ética e clínica.**

*Dominique Fingermann (para o CAOÉ)*

## A Escola: Encore!

Colette SOLER (França)

# O tempo longo

Proponho aqui algumas reflexões, que considero parciais, sobre o que se pode e a que se deveria visar no dispositivo do passe. Felizmente, neste ponto, Lacan foi “o parceiro com chance de responder”<sup>1</sup>, e de responder da melhor maneira, pois produziu tantas fórmulas diferentes que não há como extrair delas uma dogmática do passe. Fica, então, ao encargo daqueles que seguem suas orientações... orientar-se nelas.

Parto da indicação fornecida em seu Discurso na E.F.P.: no passe, “o ato poderia ser apreendido no tempo que ele se produz”<sup>2</sup>. Algumas vezes se concluiu a partir desta frase que o passe desejado por Lacan era mais feito para os analistas, digamos assim, em instância, do que para os que já estavam estabelecidos de longa data. E nós, inclusive, nos apoiamos nela para incitar os novatos a se apresentarem ao passe. Havia aí uma lógica, até porque outras indicações de Lacan seguem a mesma direção. Mas, em contrapartida, será que não era dado muito pouco peso ao condicional do verbo: “o ato *poderia*”? Poderia, talvez, eventualmente, se. É algo a ser verificado, como tudo que Lacan propôs sobre o passe. Era, também, esquecer o contexto de diálogo polêmico desse discurso. Naquela ocasião Lacan falava em forma de réplica aos que o denegriam, para justificar sua Proposição. Mais tarde, uma vez realizada a experiência do passe, ele próprio disse não ter encontrado nada que verificasse o condicional do verbo. Além disso, a julgar pela baixa proporção de nomeações de AE desde que o passe existe, da E.F.P. até nós, e isso sem exceção, não deveríamos supor que há um obstáculo que não depende nem do contexto, nem das pessoas, e que aquilo que Lacan chama de “o tempo do ato”, longe de ser uma evidência, é algo a ser interrogado?

### *O tempo do ato*

Fico impressionada com o emprego da expressão “o tempo que ele se produz”, pois ali onde o francês <sup>3</sup> [assim como o português] corriqueiro diria o tempo *no qual* ele se produz, deixando supor – sugestão gramatical que a expressão de Lacan desfaz – que o tempo seria apenas uma espécie de espaço ambiente, de *ground*<sup>4</sup> em que o ato viria se alojar, sem ser, ele próprio, do mesmo tecido do tempo. Ora, desde as primeiras linhas, o discurso à E.F.P. propõe que o ato se confirma por suas sequências (ou séries). Lacan o afirma a propósito de sua Proposição cuja dimensão de ato ele interroga. “Será ela um ato? É o que depende de suas consequências, desde as primeiras a se produzir.”<sup>5</sup> Ressalto a ambiguidade da palavra sequência que designa ao mesmo tempo o *a posteriori* temporal e as consequências no registro da causa. Aliás, a conotação dupla está bem evidente nas traduções do 3º Encontro internacional da nossa E.P.F.C.L., *A análise, seus fins, suas sequências*, que oscilam entre continuação e consequência.

<sup>1</sup> Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos, *Outros Escritos*, p.555.

<sup>2</sup> (N. da T.) Optamos por não seguir a versão apresentada na edição brasileira dos *Outros Escritos* (2003, p. 271), qual seja: “O ato poderia ser apreendido no momento em que se produz”, pois ela não nos permitiria acompanhar o comentário de Colette Soler de que Lacan não obedeceu à gramática.

<sup>3</sup> (N. da T.) Em francês: *le temps où*; em português: o tempo *em que* ou o tempo *no qual*.

<sup>4</sup> (N. da T.) Em inglês no original.

<sup>5</sup> Discurso na Escola Freudiana de Paris, *Outros Escritos*, p. 265

Como quer que seja, as sequências devem ou não ser incluídas no “tempo que ele se produz”, o ato? Vemos qual é a alternativa: se imaginamos, é fácil fazê-lo – *lalíngua*, aliás, nos convida a isso e as passagens ao ato o sugerem - que o tempo do ato é da ordem do instante, instante do corte entre um antes e um depois, devemos estabelecer que as sequências não se encontram no tempo do ato, mas em outro tempo, posterior. E, quanto a isso, o futuro “dura muito tempo”. Ou, então, admitimos que “o tempo que ele se produz”, assim como o que Lacan nomeou de “tempo lógico”, nada tem de pontual, não pode ser medido nem pelo deslizamento das agulhas do relógio nem pelos ritmos de sua duração, embora tampouco ele seja inefável, mas estruturado, e não se reduz ao seu ponto de conclusão.

Os três tempos bem conhecidos, que Lacan distinguiu em 1946, a propósito do sofisma dos três prisioneiros, o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir, ele os aplica a sua Proposição. Ele se pergunta se ela é um ato, o que depende de suas sequências, assinalando, diante das objeções que lhe são feitas, que ele não havia pensado bastante no tempo para compreender daqueles a quem ele a estava propondo. Ele tem razão em fazê-lo, pois o que está em questão, num caso como no outro, é a lógica de uma decisão que não é individual, além do tempo propriamente dito. Para os prisioneiros, trata-se de uma decisão sobre fundo de ignorância (não sei qual é a minha cor), uma certeza antecipada que conduz à saída passando pela mediação do coletivo (os três prisioneiros). Levanta-se a questão de saber se e até onde o que está em jogo, nesse caso, é um ato analítico propriamente dito. Voltarei a esse ponto. De todo modo, não é possível separar o ato analítico da insistência do dizer que o torna possível. Ora, o que lhe serve de estofa, e que é tempo, não é emprestado do imaginário, “não há outro Em-si”<sup>6</sup> senão o objeto que cai dele. Mas, “é preciso tempo”, o tempo do sujeito se instruir com sua divisão. O ato é corte, sem dúvida, mas o que é um corte sem as suas bordas, como apreendê-lo sem o que vem antes e sem o que vem depois? Concluo que “o tempo que ele se produz”, o ato, pode durar muito tempo. Não há meio de apreendê-lo como uma figura do instante, aliás, bastante inapreensível – mas este é outro problema. Importam menos as referências diacrônicas ao antes e ao depois do que a causalidade em jogo nas condições e as consequências do ato, ou seja, aquilo de que ele procede e o quê dele procede.

### *Condições e consequências*

#### *Uma análise como consequências*

A consequência mais comumente admitida é a própria análise. Mesmo antes da Proposição, a supervisão<sup>7</sup> era a forma clássica de apreender o ato, embora nós a formulássemos em outros termos e a referência ao ato em psicanálise date apenas do Seminário de Lacan em 67. A supervisão consiste em apreender o ato por meio de seus efeitos no outro, o analisante. De fato, ele funciona implicitamente sobre o seguinte postulado: se há análise, a do paciente do supervisionando, então se pode dizer que havia ato e que houve analista. Sob este ponto de vista, a primeira análise é sempre, precisamente, a segunda. De modo que o ato não se sustenta mais em apenas um, como a saída dos prisioneiros no sofisma do tempo lógico. Creio que foi por esta razão que, em determinado momento, Lacan pensou que a nomeação de um AE engendraria a do seu analista.

Mas, será que pode haver sequência imediata? Por exemplo, será que engajar alguém em uma análise é uma sequência tão imediata a ponto de se confundir com o ato? Nós não dizemos que se trata de um ato? Mas, será o ato analítico? Lacan nos ensinou a distinguir a análise em curso e a análise que chegou ao ponto de finitude que condiciona o ato. Com o termo analisante, ele nos convidava a prestar atenção ao curso da análise, ao seu processo, deixando suspensa a questão do analisado e, sobretudo, a do analista, a tal ponto que a

<sup>6</sup> “Radiofonia”

<sup>7</sup> (N. da T.) No original: *contrôle*, isto é, controle.

definição que ele deu deste último, em sua “Nota italiana”, implicava o risco de não haver nenhum.

Análise em andamento é aquela que começou. Isso não é uma tautologia, pois não basta encontrar um analista e, nesse sentido, a questão da entrada em análise é tão crucial quanto a do seu fim. Não basta nem mesmo estar falando para alguém que se diz analista, só se entra em análise quando se põe seu próprio “não sei” a trabalhar. A fala exige duas condições: a transferência, ou seja, o postulado do sujeito suposto saber, o amor “que se dirige ao saber”<sup>8</sup>, do lado de quem faz a demanda, do outro lado, correlativamente, um parceiro *ad hoc* que suporte a transferência em todos os sentidos do termo e, ao mesmo tempo, a coloque em questão. Levanta-se assim a questão das condições que, do lado do analista, lhe permitem sustentar esse postulado. É certo que o analisante investiu o analista como sujeito suposto saber, mas isto não diz o quê permite ao analista responder desse lugar. Será que a mudança do passe, a experiência do de-ser do sujeito suposto saber sem a qual não há ato analítico, é sempre necessária? Em ocasião longínqua<sup>9</sup>, propus a questão de saber o que é que permite funcionar os analistas sem passe, todos aqueles que se dizem analistas antes deste termo. A condição mínima, na prática a mais simples e mais comum, é simplesmente compartilhar o postulado transferencial. E não foi justamente assim que todos os primeiros pós-freudianos iniciaram a carreira, com a caução de Freud, que afirmou até o fim que a análise do analista é normalmente mais breve, já que, para ele, é suficiente que a decifração das formações do seu inconsciente, do sonho ao lapso e ao sintoma, lhe tenha permitido crer no inconsciente. A fórmula freudiana, “crer no inconsciente”, diz a mesma coisa que o postulado do sujeito suposto saber, fórmula lacaniana. Há, em ambas, a ideia de um inconsciente saber que fala por meio da escrita cifrada, um tipo de sujeito diferente daquele da consciência. De fato temos o testemunho desses primeiros analistas que, em suas interpretações, para fazer falar o inconsciente, pensavam tanto quanto o analisante, algumas vezes até mesmo no lugar dele, associando livremente. Ressalto que isso não impediu que a experiência progredisse, ponto essencial. Além disso, voltando ao presente, não é assim que, até hoje, a maior parte dos analistas começam sua carreira? Eles não começam acreditando, não é este o termo de Lacan, mas sabendo que, no espaço da transferência, um saber trabalha nessa direção. Será que não é preciso concluir que podemos nos deixar investir pela transferência, até mesmo fazer de nós a causa da transferência, induzir a histerização do analisante em potencial, ocupando o lugar do semblante, não como objeto a, mas como \$? Sem esta hipótese, a história do movimento analítico, de seus primórdios aos dias de hoje, permaneceria ilegível.

A partir daí muitas observações de Lacan, aparentemente estranhas, adquirem todo seu relevo. Em primeiro lugar, a que evoca “o analista médio que se autoriza apenas de seu extravio.”<sup>10</sup> Em que ele difere do sujeito barrado? Em seguida, aquela na qual ele dizia esperar dos analistas um testemunho sobre o estado de sua relação com o sujeito suposto saber. Além delas, sobretudo a observação da “Nota italiana” a respeito de Freud, de seus “amores com a verdade”, em que Lacan reconhece, cito-o: “o modelo do qual o analista, quando existe, representa a queda, o rebotalho (...), mas não qualquer um.”<sup>11</sup> Suas observações não insultam ninguém, apenas esboçam certo estado de coisas e asseveram que, sem o passe que possibilita o ato, por um lado o analista fica limitado, por outro, ele fica privado do princípio de fim. Se, no ato analítico, o objeto é ativo, e a hiância do saber, operatória, é preciso que “não se suporte mais” o engodo do sujeito suposto saber, para que o analisado possa vir a ocupar o

<sup>8</sup> “Introdução”, *op. cit.*, *ibid.*

<sup>9</sup> Ver meu texto de 1989, *Une par une*. Em português: “Um por Um” in Soler, C. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998, p.331-345.

<sup>10</sup> (N. da T.) No original: “L’analyste moyen qui ne s’autorise que de son égarement” in *Ornicar ?* n. 1, p. 5

<sup>11</sup> J. Lacan. “Nota italiana” (1973) in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p.313

lugar do semblante como objeto, ou seja, submeter seu analisante à questão do mais-de-gozar, até o ponto de questionar o postulado transferencial. Isso equivale a dizer que começar a praticar não basta para dar provas. Aliás, não é bem verdade que nós já temos muitos testemunhos sobre esse ponto, da parte dos passantes que exercem a psicanálise há muito tempo e que atestam a ocorrência de uma mudança, logo após terem engajado seus primeiros analisantes nesta aventura?

Concluo nesse ponto. Certamente, o ato analítico depende de suas sequências, mas começar a praticar, como se diz, não faz parte dele, não é nem mesmo exigível. O funcionamento não prova nada, ao contrário, é do ato que depende a natureza de uma prática. Em regra geral, nos dias de hoje, a prática é autorizada primeiramente pelas formações anteriores, psicologia e psiquiatria, mais do que pelo ato analítico... e pelo Estado em acréscimo. Há, então, necessidade de uma Escola e do passe, para que haja uma avaliação diferente: daquilo que se depreende para alguns outros deste famoso ato. Aqui não importa a questão das gerações: jovens, velhos, novatos ou experientes, tanto faz. Com a ressalva, talvez, de que os primeiros são mais propensos a se interrogar, ainda. De modo mais geral, seria preciso nos afastarmos do modelo único do ato político, pois a ação, o agir, tem um peso bem diferente, ao passo que, na análise, o ato se impõe a partir de um dizer, e como o dizer não pode ser formulado em termos de verdade, ele só se deixa apreender pelas mudanças que engendra, e quase se poderia dizer que o ato lhes é imanente.

#### *Uma análise como condição*

Quanto às condições do ato, elas interessam precisamente a análise do analisante e a questão é saber se, para além do terapêutico, ela produziu o sujeito transformado que ele esperava ser ao final. Este analisado, Lacan o definiu justamente por uma mudança na relação com o sujeito suposto saber, quer dizer, mudança também na relação com o real, o saber real do inconsciente, este “saber sem sujeito” que trabalha sozinho. Não se pode duvidar desta orientação, com o objeto que faz furo no saber, na *Proposição*, depois, com um fim pela produção de um sujeito que se assegura no saber do impossível, em *O aturdido*. Embora menos evidente, ela tampouco está ausente do *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*, em 1976, pois Lacan formula que há uma satisfação que marca o fim da análise. Já dei ênfase a isto, se seguirmos a lógica do texto, o afeto de satisfação procede da prova por meio do afeto, pois é o índice de uma mudança que qualifiquei de epistêmica. Eu designava assim o que Lacan chama de pôr um termo na miragem da verdade, que em nada difere, digo-o assim de forma resumida, do postulado transferencial. Então, a satisfação do fim vale como conclusão. Ao desligar o sujeito da verdade mentirosa, ela confirma a separação do fim, separação em relação ao Outro por meio do real do sintoma. Lacan intitulou suas palestras em Saint-Anne de “O saber do psicanalista”, título que lhe era caro. No fundo, o que está em questão é justamente o saber, não suposto, mas efetivamente adquirido pelo analista. Saber de que ou sobre o que? Lacan propôs muitas fórmulas, não vou retomá-las aqui, pois, de fato, cabe a cada passante dizer qual o saber que lhe concerne, de preferência dizê-lo com seus próprios termos, pois a autenticidade é o preço do testemunho.

Neste ponto coloca-se uma questão que envolve aqueles de quem o passe depende em primeira instância: os cartéis do passe e os passadores, que recebem e transmitem o testemunho. Para reconhecer esse saber que, apesar furado, é ao mesmo tempo um saber gozado, como todo saber, será que é preciso tê-lo experimentado por sua própria conta? Lacan pôde declarar que um afeto testemunha uma relação específica entre dois saberes inconscientes, o amor. Se uma análise produz verdadeiramente uma mudança na relação com o próprio saber inconsciente, será que os afetos ambíguos que proliferam no dispositivo do passe não testemunham, de forma homóloga, o reconhecimento, não entre dois saberes

inconscientes, mas entre as relações, mudadas ou não, com o saber inconsciente. Se assim for, é evidente que a prova do passe não é apenas para o passante. Deixo isso em suspenso.

Uma análise concluída costuma ter efeitos nas sequências temporais da vida do analisado, isso não se discute, mas agora insistimos em dizer que são, principalmente, efeitos de satisfação. Porém há muitas satisfações, a de se sentir melhor, a do gaio saber etc., mas a única satisfação que importa é aquela que marca o fim e ela é diferente: ela faz signo dessa mutação na relação com o saber, que, na falta de palavra melhor, chamamos de “queda” da transferência ou fim da miragem da verdade e que condiciona o ato analítico.

O ato, então, entre duas análises? Aquela que ele torna possível, que ele causa, e da qual se tenta aproximar em supervisão, e aquela que o tornou possível, que o passe explora. Não digo aquela que o causou, pois é justamente uma questão. Independente das condições de possibilidade, o ato não é tanto causado quanto causal, ele nada tem de automático. Também nele, há lugar para alguma contingência.

*Tradução de Vera Pollo  
Revisão de Dominique Fingermann*

## Os passadores da psicanálise

Rosa ESCAPA (Espanha)

### A “diz-mensão” do passador

Porque a prática da psicanálise, sendo uma prática do sentido, aponta para o que não cessa de não se escrever, é que o dispositivo do passe é uma prática de compromisso com a psicanálise e com a Escola na qual os que dela participam, de um lado ou de outro, apostam porque é possível depurar algo do desejo do analista, do passe ao ato e transmiti-lo para fazer avançar a própria psicanálise. Desejo de analista articulado a um dizer como real que comanda ao sujeito, real no limite do saber, que não se traduz em palavras, mas faz ouvir sua presença através dos ditos do inconsciente.

Para isso Lacan confiou, mais do que nos analistas já estabelecidos em sua prática, os mais velhos, naqueles analisantes que se encontram em um momento próximo ao passe clínico, do que seus analistas estão primeiramente informados. Eles, os analisantes, possíveis passadores, saberiam de algum modo da dimensão desse momento de sua cura, mas a surpresa que declaram de forma praticamente unânime ao tomar notícia de sua designação indica que esse saber por si mesmo houvera acontecido mais adiante, no *après-coup*.

Esta indicação de Lacan é consequente com a observação de que, uma vez instalados no dispositivo, os psicanalistas parecem esquecer o que lhes conduziu até ali. Quando Lacan fala no discurso da EFP (1967) da “amnésia do ato”, o que é que do passe ao ato cai no esquecimento? Porque para cada analista existem elementos dessa virada do sujeito tocado pelo horror de saber e sua saída que, em meu entender, dificilmente se podem esquecer. E no entanto, pareceria que a prática como psicanalista abandonasse, deixasse para trás o que produziu. Do que se trata no recurso ao passador é de contar com a frescura do momento crucial na cura da destituição subjetiva, com a ingenuidade que se conserva no final da análise, diz Lacan. Não só está em um momento próximo ao passe ao ato mas também que, como o passante, o passador “é” o passe. Para ambos não se trata do que como sujeitos podem dizer ou escutar mas do ser, ser do passe que implica “o des-ser em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado como um luto”.<sup>12</sup> O passante diz e o passador pode ouvir desde o “não-penso”, desde seu ser de saber alcançado por seu ser de desejo.

Com respeito ao “eu não penso”, o lugar do passador se equipararia ao do analista, risco que Lacan adverte e diante do qual é enfático. O “não penso” comum a posição do passador e do analista porque aquele que pensa é o sujeito operam em dispositivos distintos. Para o primeiro, o saber suposto recai sobre o passante, para o segundo a ele lhe é imputado. O analista opera desde o lugar de semblante de objeto causa de desejo. O passador não só não opera desde esse lugar senão que se trata de que não opere, ou melhor, que deixe passar o que operou no passante.

Nesta primeira experiência como membro de um cartel do passe, constatei que os passadores conhecem bastante bem os textos de Lacan sobre o passe e que estão muito atentos a suas indicações, particularmente a de não se colocar no lugar de analista. Esta prevenção se traduz às vezes em certa inibição. É justamente a ingenuidade do final e o estar na mesma borda que permite ao passador de forma ativa fazer funcionar a caixa de

<sup>12</sup> J. Lacan. “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p.260.

ressonância que ele melhor do que ninguém está em condições de ser e de onde vai reverberar a verdade do dizer que ex-siste aos ditos do passante.

Cabe agregar que o “não penso” pelo qual o passador põe seu saber em reserva se sustenta sobre um fundo de espera particular. O passador espera escutar algo de uma demonstração, nos limites de um saber, da passagem a analista, e essa expectativa dá razão, às vezes a pequenas boas intervenções, às vezes a certa tensão quando os encontros se prolongam sem indícios de que essa expectativa possa ser satisfeita.

A posição do passador ao recolher o testemunho contrasta com o tempo intermediário, anterior a transmissão no cartel, na qual os passadores revisam suas notas e se preparam para esse segundo momento. Aí é com seu saber próprio, extraído de seu inconsciente, que dão uma ordem ao que foi dito, e também se dão conta, em algumas ocasiões de que algo não foi dito. A esse respeito me parece interessante a distinção que assinala M. Bousseyroux sobre as funções do passador, de “testemunho e de transmissão, que não devem confundir-se, mas que devem ser articuladas em função de sua relação com o real. Testemunha-se uma verdade como causa, transmite-se um fragmento de saber.”<sup>13</sup> Essa separação corresponde às vezes, isso foi o que pude escutar, de maneira muito clara a duas posições, dois momentos e dois lugares bem diferenciados. E isso me conduz ao modelo do chiste pelo qual se ordena a proposição do passe que Lacan formula em 1967. O efeito jocoso do chiste não se propaga porque quem o reproduz conserva a graça de quem o contou primeiro, mas por reproduzir o efeito de surpresa “do rigor da topologia construída por essa especial faísca”.<sup>14</sup> Re-produção, voltar a produzir esse efeito com seu estilo com a condição de conservar o rigor da topologia. No passe, a topologia a passar é a da articulação do real entre saber e verdade, “onde a verdade se situa se se supõe aquilo que do real cumpre função no saber que aí se agrega (no real).” (*Televisão*).

Na “Nota sobre a designação de passadores” (1974), Lacan pontua que para recolher o testemunho de outrem não é suficiente ter concluído uma análise e se autorizado como analista. O final de análise produz praticantes de análise que podem operar sem que isso implique que tenham esclarecido o discurso que os condiciona. Um esclarecimento de tal ordem é o que o passante se propõe a transmitir e para isso é preciso que quem o escute esteja animado por certo amor ao saber e ao mesmo tempo seja sensível, nesse momento, ao horror de saber. Assim, na Nota citada, Lacan assinala que é necessária outra *dit-mension*, distinta da do funcionário da psicanálise, “aquela que comporta saber que a análise, da queixa, não faz mais do que utilizar a verdade.”

Toda queixa atesta a divisão do sujeito e nesse ponto tem algo de verdadeiro, mas também a verdade é uma queixa uma vez que está marcada por uma divisão, o que implica que não possa ser dita senão pela metade. Então, à análise não interessa tanto o sentido da queixa mas sim aquilo que está mais além, como núcleo de gozo irreduzível que pode aparecer depois de raspar o sentido. É necessário que o todo do sentido caia para desnudar o sem-sentido, para chegar a algo do real que aparece em seu limite. Lacan adverte que o gozo-sentido da queixa que se vai limpando na análise não deveria ser esquecido, caso contrário produziria rechaço<sup>15</sup>, observação que me parece especialmente pertinente no testemunho do passe. O sentido requer muitas elaborações às quais é necessário referir-se no passe, não em seus detalhes, mas como parte da historização do passante: quais as veredas percorridas pelo saber e que passes ao real o escandiram. O passador, afetado em sua experiência analisante pelo alcance do real por trás da miragem da verdade mentirosa, pode recolher o testemunho de como isso se produziu no outro e fazê-lo passar ao cartel. Tem nisso um papel ativo que, às vezes por algum efeito imaginário do qual como sujeito não se pode subtrair, não chega a

<sup>13</sup> M. Bousseyroux. “Posición de Lacan respecto a la designación y funciones de pasador” In: *Wunsch* 4, 2006.

<sup>14</sup> J. Lacan. Discurso a E.F.P., 1967.

<sup>15</sup> J. Lacan. Seminário XXI, “Los no incautos yerran”, 1973-1974, Aula 12.

exercer. E, no entanto, será importante que diante do cartel possa dar conta do que passou entre o instante de ver e o momento de concluir, algo do tempo de compreender para que se escute a conclusão do passante como efeito de uma depuração de sentido.

O fato de contar com dois passadores para cada passante nos permitiu comprovar neste cartel que efetivamente a forma de receber o testemunho incide de alguma maneira sobre os enunciados do passante, que às vezes um e outro não se encaixaram, e ao mesmo tempo, que apesar disso não houve contradição, a saber, que por detrás do que disse um e outro do que escutou, houve um mesmo “que se diga fica esquecido” que os passadores transmitiram... talvez sem sabê-lo, mas que foi captado por cada um dos membros do cartel individualmente e logo posto em comum. É tarefa dos passadores fazer passar a historização da análise do passante e com isso provocar a ressonância que experimentou, se assim foi; logo será tarefa dos cartelizantes autenticar a satisfação que pôs fim ao deciframento e que daria conta do que Colette Soler chama de uma mudança na balança do gosto pela verdade para o gosto pelo que não mente<sup>16</sup>.

*Tradução de Luís Guilherme Coelho*

**Dominique FINGERMANN (Brasil)**

## A presença do passador: atualidade da Escola

“Para que a psicanálise, não obstante, volte a ser o que nunca deixou de ser – um ato por vir, ainda”.<sup>17</sup>

“...o ato psicanalítico, que se julga na sua lógica pelas suas consequências”.<sup>18</sup>

“A verdade pode não convencer, o saber passa em ato”.<sup>19</sup>

### A QUESTÃO DO CARTEL

Foi um consenso sem hesitação, nem deliberação: na sequência da cautelosa elaboração de nossas respostas aos passantes e uma vez redigidas suas formulações, o tema de trabalho de nosso cartel se impunha. O que é que faz um passador? O que é que o qualifica como tal?

Sua **presença** notável na experiência procede da **distinção** que proporciona a sua **designação** pelo analista, aposta da sua **disposição** ao longo de tudo o procedimento. Aposta de um passador que se avalia na disposição ética do analisante – dignidade de sua relação com o real – e nas suas qualidades lógicas e poéticas destacadas pela sua cura analítica

<sup>16</sup> Soler, C. La oferta del pase. *Wunsch* 7, 2007.

<sup>17</sup> J. Lacan. “Introdução de *Scilicet* [1968]” in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.293.

<sup>18</sup> J. Lacan. “Discurso na Escola Freudiana de Paris [1967]” in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.281.

<sup>19</sup> J. Lacan. “Alocução sobre o ensino [1970]” in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.310.

“Ele o é ainda, esse passe”<sup>20</sup> anuncia Lacan na *Proposição*: é no presente que o passador declina o passe, é sua presença que fará valer a dos outros que se prestam à provação do passe.

A atualidade da Escola para nós que somos engajados em sua obra de enlaçamento entre a intensão e a extensão, é a atualidade da psicanálise. De fato, o ato que a condiciona e sua persistência nos tempos que correm, depende de nossa insistência em “fazer Escola”. “A Escola, ou a Prova”<sup>21</sup> nota Lacan em sua primeira versão da *Proposição*, podemos dizer na esteira de sua declaração: “o passador, é a prova”, prova da atualidade da Escola e da psicanálise. Para que haja analista são necessárias análises que levam até o passe, até esse ponto em que uns possam ser designados passadores, e os outros decidirem-se passantes.

O que faz um passador? Essa questão que se impôs no centro da experiência de nosso cartel (e depois de ter escutado o testemunho de seis passadores) impõe-se a nós cotidianamente no cerne de nossa experiência de analista.

É uma responsabilidade dos A.M.E. São eles que respondem, insiste Lacan, por essa designação dos passadores que farão a prova da Escola.

No decorrer desse trabalho, “produto” de cartel, que esse texto inaugura, desejo portanto examinar, sondar, o discernimento dessa “insondável decisão do ser” que orienta para designar um passador, e que eventualmente pode provar que um passante é A.E.

No decorrer de dois anos de exame dessa questão, e para fazer ressoar a experiência do cartel do passe, conto evidentemente me beneficiar das particularidades do trabalho em cartel: a experiência dos encontros com os passadores de nossa escola (sua voz, sua fala, seu discurso), a experiência do trabalho com os 4+1 (reflexão, argumentação, formulações, reviravoltas, desassossego, suspiros, fulgurâncias, achados, etc.). Enfim, espero poder avançar nas elaborações contando com os poderes da experiência e da fala (seu efeito sofisticado) que favorecem uma abordagem tangencial do real em jogo na experiência.

Levarei em conta os trabalhos publicados pelos CIG atuais e passados.

Utilizarei também alguns interlocutores como W. Benjamin, Barthes, Blanchot, Lévinas e alguns outros que me auxiliam em geral a expandir meu campo de visão, mas mais particularmente aqui no que diz respeito a noções como: a experiência, a neutralidade, o testemunho, a narrativa, a tradução, a presença, a voz.

O texto que segue é, portanto, apenas um primeiro passo em sequência à primeira experiência de trabalho desse cartel.

## AS REFERÊNCIAS DE LACAN

Mas retomemos as coisas do princípio: quais são as indicações de Lacan a esse respeito, já que lhe devemos a nomeação do momento clínico do passe assim como a invenção do dispositivo cujo passador é o elemento-chave? Exceto o lance inicial da Proposição de 1967, as referências de Lacan são sucintas, mas precisas e nós podemos lembrá-las aqui<sup>22</sup> (não coloco aspas, basta referir-se ao thesaurus para nele encontrar as diversas formulações de Lacan e suas referências).

### Os passadores são escolhidos

Eles são escolhidos, nomeados, eleitos, designados por seus analistas, indica diversamente Lacan. Estes têm a responsabilidade desse discernimento a encargo deles: eles respondem por essa indicação declarando perante a escola que esses analisantes são no

<sup>20</sup> J. Lacan. “Proposição de 9 de outubro sobre o analista da Escola [1967]” in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.260.

<sup>21</sup> J. Lacan. “Primeira versão da Proposição de 9 de outubro sobre o analista da Escola” in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.582.

<sup>22</sup> Ver *Thesaurus* sobre o passador estabelecido por Ricardo Rojas e Dominique Fingermann. Publicado em *Wunsch* 11, 2011.

momento do passe. Está acordado, portanto, que o momento do passe possa ser discernido, na experiência, pelo analista.

Essa escolha não constitui uma promoção, nem reconhecimento de análise finita, nem atribuição de selo de análise bem-sucedida.

É preferível que o passador escolhido não seja informado dessa designação, orienta Lacan, mas fazê-lo pode decorrer de uma “cortesia”, em resposta da qual ele pode declinar a honra outorgada.

### **Eles estão no passe**

Enquanto o passante declara ter transposto o passe, isto é, não mais estar na via analisante que supõe a transferência e enlace analisante com o Sujeito Suposto Saber, o passador por sua vez está no passe, porém alguém do passo fora de jogo da via analisante, alguém da de-cisão. Ele tem a experiência de analisante “ainda ligado ao desenlace de sua experiência pessoal”.

O passe inscreve-se, portanto, numa duração que precede o instante do ato. Indicação que abre para nós o campo e o canteiro de obra de nossas elaborações pós-experiência. Isso levanta a questão de nossa medida institucional dessa duração: o tempo limite em que uma pessoa pode permanecer indicada como passador e ser sorteado pelos passantes.

Isso implica a discriminação daquilo que, neste momento-duração do passe, permite predizer aí a potência do ato, ou ao menos a capacidade para o futuro passador de apreender a “diferença absoluta” de onde se proporcionam seus efeitos. O que será? Quais são os “índex” desse momento? Será um tratamento novo da repetição, como princípio de repetição? Serão modalidades diferentes da resposta à angústia? Será abalo ou rachadura da solução fantasmática? Será um certo rasgamento na tela da verdade?

Trata-se sem dúvida da avaliação pelo analista da relação com um certo furo (*trou*) nesse ponto de percurso analisante, que se verifica então mais como *trou-matismo* do que como traumatismo. Efeito que em certa medida, justifica o afeto da dita posição depressiva do passe, da qual “não pode se dar ares” : o trauma não passa de um furo, não há um Outro que sustente, nem mesmo aquele da indecência do trauma [*indécence— inde-sens*].

O passador – “*passoire*” coador –, é utensílio furado (*troué*), propício para recolher os achados (*trouvaille*). O passador é esse “corredor, essa falha, por onde quis fazer passar meu passe” diz Lacan:<sup>23</sup> é isso a “outra diz-mensão” do passador, outro sítio do dizer: “Para recolher (esse testemunho) de um outro, é preciso outra diz-mensão: a que comporta saber que o analista, da queixa, não faz senão utilizar a sua verdade”.<sup>24</sup> O passador é portanto advertido por sua experiência que a verdade que dá sentido à queixa é utilizada apenas para fazer limite ao saber do inconsciente (real). O passador não é tapado, nem tapeado pela verdade, ele topa.

**Eles são próprios para quê?** O que é que os qualifica para o acolhimento do testemunho e a transmissão da experiência?

Eles são distintos, é à sua honra, e ei-los empenhados num ofício e numa dignidade de que se trata de não desonrar. Constatamos que Lacan não hesita em qualificar os passadores a partir de características propriamente éticas, isto é, sua “consideração” para o real.

Eles são capazes de acolher, diz Lacan, de recolher efeitos do ato, e de “testemunhar das informações que dizem respeito à experiência”: o passe do passante, isto é, a passagem da via psicanalisante ao ato analítico.

Podem-se demonstrar as condições dessa passagem, as vias de invalidação do impasse da transferência: é o que Lacan chama de “a análise lógica do passe”. Mas esse momento

<sup>23</sup> J. Lacan. “Sobre a experiência do passe [1973]”. *Ornicar? n.13*. Paris: Navarin, p.117.

<sup>24</sup> J. Lacan. “Nota sobre a designação dos passadores [1974]”, inédito (*Pas-tout-Lacan*).

crucial de passagem ao ato do passante só pode se provar em seus efeitos: possa o passador se surpreender com eles, e daí se deixar causar e saber dizer alguma palavra que impacta o colegiado “*de advertidos?*”!

Se há, portanto, uma descontinuidade entra a posição depressiva notada por Lacan em 1967 e o entusiasmo da Nota italiana de 1974, trata-se da distância entre os dois extremos do passe e uma relação topológica entre o oco da posição depressiva (“o horror próprio cingido”) e o eco, o ricochetear do lance de entusiasmo.

## NOSSA EXPERIÊNCIA

As observações e recomendações de Lacan são sucintas, mas constantes no transcorrer de quase doze anos de sua participação na experiência do passe. Em contrapartida, desde o princípio de nossa escola – 10 anos – de múltiplos textos, em todas as línguas da IF, trataram da questão do passador: sua competência, sua performance, sua experiência são examinadas e avaliadas pelos cartéis do passe e pelos próprios passadores (seria interessante saber quantas pessoas em 10 anos funcionaram como passadores). Dizer “a questão” do passador não é para colocar em questão a competência ou a desempenho desse ou daquele passador, mas sublinhar o aspecto único, paradoxal e capenga de sua posição.

Poderíamos dizer “o paradoxo do passador”, como Lacan dizia “o paradoxo do ato analítico”: como sustentar a experiência da transferência uma vez saído da via analítica, perguntava-se Lacan a respeito do analista? Como dar voz ao ato, reverberar seus efeitos quando ainda se está sob o jugo da transferência e trilhando a via analítica, podemos talvez dizer a propósito do passador? Lembremo-nos dessa advertência de Lacan: “Porque, afinal, é preciso que uma porta esteja aberta ou fechada, e é assim que se está ou na via psicanalisante ou no ato psicanalítico. Podemos fazê-los alternar-se tal como uma porta bate, mas a via psicanalisante não se aplica ao ato psicanalítico, cuja lógica se julga na sua lógica pelas suas consequências”.<sup>25</sup> E então perguntamos: como o passador pode testemunhar da lógica do ato e de suas consequências se ele ainda está no passe, “ainda ligado ao desenlace de sua experiência pessoal”.

O paradoxo do passador decorre sem dúvida da duração do momento do passe, em que alternam como uma porta que bate o impasse e o passe, a angústia e o *sinthoma* por vir, momento paradoxal do ato em potência: esse tempo desconfortável é o tempo do passador.

Em nossas elaborações desses 10 anos, quer elas provenham dos passadores ou dos cartéis, uma expressão entre outras, distingue-se para elucidar a capacidade do passador em testemunhar os efeitos do ato cuja firmeza, no seu caso, escapa-lhe ainda: o passador funcionaria como “placa sensível”. Essa expressão parece se impor com uma certa evidência e com o assentimento de todos aqueles que participaram da experiência, o que nos inclinou inicialmente a escolhê-la como tema do trabalho de nosso cartel.

Notemos, contudo, que até onde sabemos<sup>26</sup> essa expressão não foi utilizada por Lacan para falar do passador.

Lacan utilizaria duas vezes essa expressão em seus seminários – em 1954 no seminário “O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica” para precisar o que não é o aparelho psíquico, no decorrer de um comentário de “O Projeto...”,<sup>27</sup> e em 1967 em *O Ato Psicanalítico* para precisar o que não é a interpretação.<sup>28</sup>

Inclusive, não é desinteressante reler essa passagem do seminário XV, em que Lacan procede mais uma vez a uma releitura do Mênon. É para ele uma boa ocasião de interrogar o

<sup>25</sup> J. Lacan: Discours à l'EFPP [1967] In : *Autres Écrits*. Paris, Seuil, 2001, p.280.

<sup>26</sup> A pesquisa foi feita pelos membros do cartel auxiliados por P. Valas, mas nossa referência é o “Pas-tout Lacan”!

<sup>27</sup> J. Lacan. *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique psychanalytique (1954-1955)*. Paris : Seuil, 1978.

<sup>28</sup> J. Lacan. *L'acte analytique (1967-1968)*, inédito.

lugar do saber, esse saber sem sujeito em relação ao qual Platão invoca a reminiscência da alma e que Lacan, à procura desse saber insabido encontrará do lado do em-corpo [*en-corps/encore*] Eventualmente, emergem "do nada" acontecimentos de corpo, lapsus e repetição, saber emanente, imanente, mais do que eminente.

É a respeito do escravo inocente/ignorante do Mênon que Lacan evoca a “placa sensível”; poderíamos certamente desenvolver mais esse tópico, mas preferimos trilhar a “insondável” (virtude do passador por outras vias).

#### A SENSIBILIDADE DO PASSADOR

A metáfora da “placa sensível”, emprestada da linguagem técnica da fotografia, foi utilizada por Miller em 1990 num texto chamado “A Escola e seu psicanalista”; ela nos pareceu até então, conveniente para dar conta do paradoxo do passador e de sua qualificação indispensável para a experiência.

Desdobremos essa referência analógica<sup>29</sup> interessante por mais de um motivo, pois ela supõe um dispositivo em dois tempos, o tempo do negativo e o tempo da revelação, assim como o aparelho do passe supõe um primeiro tempo em que o passador está impressionado, e um segundo em que ele impressiona o cartel.

Refiro-me aqui ao artigo “Fotografia” da Enciclopédia *Universalis*.<sup>30</sup>

“[...] A placa sensível é o elemento químico receptor, sensível à luz e que o aparelho fotográfico (analógico) vai colocar um instante em **contato** com a luz emanante do objeto fotografado.

As partes claras do sujeito fotografado, que emitem uma quantidade importante de radiação em direção à camada sensível, produzem mais escurecimento ou formação de corante do que suas partes escuras, que absorvem uma fração importante da radiação **incidente** reenviando bem pouco em direção à camada sensível. A imagem primária gravada encontra-se, portanto, invertida; é qualificada, portanto, de negativa. Para restituir o aspecto inicial, é necessário **repetir** a operação para obter a imagem positiva.

Em quanto que basta uma quantidade de energia mínima para impressionar a superfície sensível, é preciso **uma quantidade de energia infinitamente maior** para transformar através da revelação, a imagem latente em imagem visível [...]”.

O extenso lembrete a essa referência nos permite constatar imediatamente que essa analogia pode nos servir em diferentes aspectos. Vamos nos utilizar deles eventualmente.

“Placa sensível”: o passador teria, portanto, adquirido da experiência de sua análise uma “sensibilidade” que permitiria a essa espécie de depósito opaco da experiência de se deixar impressionar, de tornar-se ativo, de disparar uma reação, em resposta à “luz” do passante, e que a experiência com o cartel permitiria desenvolver, isolar, revelar, transformando o latente em explícito, o opaco em transparência. Reação de precipitação “química” à “luz” do passante, ou seja, não uma ação direta de causa/efeito, mas um efeito secundário de sua própria “presença”, uma consequência *irresistível* (“por pouco que o passador seja um passador”) de sua distinção, de seu estilo, do impacto de sua “identidade de separação”.<sup>31</sup> O passante despertaria no passador um acesso a um saber inconsciente desencadeado (fora da cadeia da linguagem), algo um pouco da ordem dessa dimensão de um “novo amor” de que Lacan fala a partir do *Seminário XX*. É talvez por isso que um passador *blasé*, sob o pretexto de neutralidade e de imparcialidade, parece nunca ser de bom augúrio para o cartel.

O passador nunca é *blasé*, ele é reativo, e ativo, sua atualidade no passe manifesta-se por intermédio de sua presença notável, isto é, vivaz, acordado, perspicaz. Um dos

<sup>29</sup> Essa metáfora é hoje menos acessível àqueles que só conhecem a fotografia digital!

<sup>30</sup> P. Kowaliski e P. Glafkidés. Verbete “Photographie” In: *Encyclopédie Universalis*. Paris: 1996, p.132.

<sup>31</sup> C. Soler.

inconvenientes do uso da metáfora da “placa sensível” seria, portanto, como sublinhou P. Valas quando de nossas trocas, fazer passar o passador por um elemento passivo, quase inerte. Isso seria sem apostar em sua disposição ética, ao passo que mensuramos bem nos cartéis a importância para a transmissão do impacto da angústia e da inibição ou, ao contrário, de entusiasmos que contribuem à recepção ou não do testemunho pelo cartel.

Isso seria também sem contar com o potencial lógico oriundo de sua própria experiência (“por pouco que o passador seja um passador”) que proporciona a demonstração lógica dos diferentes cortes da análise do passante.

Seria também não contar com sua retórica própria, ou seja, o bem-dizer adquirido em sua cura que lhe fez encontrar no testemunho do passante as boas palavras para que o Dizer manifestasse (apofântico), em sua transmissão do testemunho.

A metáfora foto-gráfica e, portanto, a referência à luz, pode também levar à confusão, isto é, à mistificação. De que luz se trata?

Não se trataria antes de um vento novo, seja ele brisa ou borrasca, que sacudiria as aleias bem alinhadas ou atravancadas do passador: um vento que passaria pela porta aberta pelo ato e que se engolfaria do lado do passador (“esse corredor, essa falha”), como numa brecha. O interesse da metáfora da luz, todavia, é que ela passa por buracos e fendas das quais não temos a menor ideia, e no melhor dos casos, isso nos faz acordar! “*There is a crack in everything, that's how the light gets in*” canta Leonard Cohen,<sup>32</sup> que nos permite talvez, assim, de encontrar a metáfora da luz.

A sensibilidade do passador parece-nos, portanto, algo que é antes da ordem de suas quebras, ranhuras, hachuras, por onde passaria a “fuga/escoamento<sup>33</sup> do sentido”; a fuga/escoamento daquilo que escapa ao sentido, o estilhaço, o transbordamento, o sopro, a “ventaneira” do passante, ou seja, daquele que se arriscou a “romper o semblante” da verdade, aquele que há pouco, deu a largada.

## O DISCERNIMENTO DA EXPERIÊNCIA DAQUELE QUE É O PASSE.

O é que faz, portanto, um passador. O que é que faz com que como A.M.E. nós distingamos um momento de seu tratamento como um momento de passe? Qual é a experiência daquele momento, que qualifica sua “sensibilidade” e nos faz apostar no bom ouvido do passante, e seu discernimento dos efeitos de sua passagem ao ato?

Freud em seu discurso para “A análise profana”, na falta de argumentos lógicos, postulava já essa aporia da transmissão da psicanálise: seus interlocutores/objetores fictícios não podiam ouvir o que ele dizia, pois eles próprios não tinham “a experiência” da psicanálise. Já alertava que essa transmissão não dependia da razão, mas do “réson”. O passador, se ele estiver no passe, precisa ter uma experiência da análise que não seja simplesmente a do analisante e de sua neurose de transferência.

O passante testemunha: ele fala, sua fala desmonta, demonstra e mostra: o passador deve disso ter o “entendimento”, e ser bom de ouvido [*entendement*].<sup>34</sup>

Ele deve primeiramente ser um bom entendedor [*entendeur*] da demonstração do passante. A decupagem de sua cura em seus momentos cruciais, suas soluções de descontinuidade, as diferentes passagens da angústia produzidas pelo topar com o real, a evidência do tapar fantasmático, e os cortes do analista que irrompem de vez na solução de continuidade que é a transferência, devem suficientemente impressionar sua placa sensível. É

<sup>32</sup> Acesse Leonard Cohen “Anthem” In: [http://www.youtube.com/watch?v=\\_e39UmEnqY8](http://www.youtube.com/watch?v=_e39UmEnqY8)

<sup>33</sup> Em francês *fuite du sens*. *Fuite*, em francês, possui um duplo sentido: o que seria equivalente a “fuga” em português, mas também de “vazamento” (como na expressão “*fuite d'eau*” – vazamento de água).

<sup>34</sup> J. Lacan. “A direção do tratamento” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.622 “[...] Ce que j'écoute est d'entendement”. Expressão destacada e comentada por Colette Soler em seu seminário 2007-2008 “O inconsciente: o que é isso?”, capítulo III.

preciso um passador lógico<sup>35</sup>. Não seria conveniente, de fato, de que ele rebaixe a hystorização do passante a uma historieta de sua vida.

W. Benjamin<sup>36</sup> distingue dois níveis de experiência: *Erlebnis*, a experiência vivida, o choque do real saturado de acontecimentos e sensações, e *Erfahrung*, a experiência da travessia do vivido. O passador lógico deve, portanto, ter uma certa experiência de sua própria travessia da verdade, e não simplesmente estar sob efeito da experiência da transferência vivenciada para poder estar sensível à hystorização do passante e dar conta de seu testemunho. Aquilo que se concebe (*Begriff*) bem se enuncia claramente.

A hystorização da análise do passante no procedimento do passe, ou seja, a demonstração de suas passagens em torno do *traumatismo*, atestam a travessia do plano da verdade, isto é, a saída do plano do traumatismo, ela implica que o passante tenha topado com o ab-sens. Para que o passador tenha o “entendimento”, “ouvidoria” disso [*entendement*] é preciso que ele tenha sido sensibilizado por sua cura ao impossível acesso ao real, e que daí possa flagrar os seus achados próprios inventados para se virar com isso, sensibilidade que seu tratamento da angústia, da repetição, e do sintoma atestam: é a prova ética do passador.

O que prova um passador é sua “consideração” pelo real, sua relação com o saber (do ICSR) e paradoxalmente, a potência do ato (o ato em potência) que daí se deduz. O que prova um passador é a constatação em sua cura de uma porta que bate em alternância, rasgando a cada vez um pouco mais a verdade na qual ele conforma seu fantasma. É a repetição que rasga a verdade, se o ato do psicanalista souber esvaziá-la de seu drama e produzi-la como furo da trama.

Topar com o ab-sens é encontrar o equívoco fundamental de todo significante no cerne dos mal-entendidos de sua neurose, não é sem consequências poéticas: pois como na poesia, o sentido sacado [*sens issu*] do (*sans issu*) [sem saída] surgiu do fora de sentido insabido; o passe é sacado (e “sacada”) do impasse. Para além de sua demonstração, o passante “mostrará” (*apophanai*) por sua fala, pelo teor e a modulação de sua voz, os efeitos do ato que lhe soltou a língua presa com as palavras, constrangidas pelo sentido. A experiência da análise do passador ainda “no momento do passe” deveria dar-lhe entendimento-ouvido [*entendement*] suficiente para que ele esteja sensível ao passe do passante. Assim como a escuta da música afina a cada vez mais a orelha e permite ter acesso repentinamente àquilo a que éramos surdos no instante anterior.

O passador precisa pelo menos ter entrevisto (ou, melhor, entre-ouvido) algo da ordem das armadilhas do sentido, ter a-bordado o limiar, o oco do ab-sens, de tempos em tempos (momentos de passe), no limiar em que não há mais nada a des-cobrir, senão escancarar portas abertas.

Indicamos, portanto, os passadores para o dispositivo do passe quando distinguimos que um analisante tem, a partir da experiência da análise, sensibilidade suficiente, ou seja, ouvidos para ter a “ouvidoria”, (*entendement*) do passe do passante. Isto é, que nós lhe supomos a ética daquele que tem o entendimento do não acesso ao real, a escuta das repercussões poéticas do *trau-matismo*, a lógica das “passagens” que permitem essa conclusão. O que não se concebe bem não vai se enunciar claramente.

Se para ouvir o testemunho, ele precisa ter bons ouvidos, para a transmissão ele precisa da sua voz. A qualificação do passador, na experiência do cartel, depende de sua presença, ou seja, da voz que vai dar corpo ao seu testemunho.

<sup>35</sup> Referência ao “analisante lógico” de que Colette Soler falou há muito tempo.

<sup>36</sup> W. Benjamin. “Expérience et pauvreté” In: *Œuvres II* e *Œuvres III*. Paris: Folio Gallimard, p.364 e p.114. (respectivamente).

## O TESTEMUNHO DO PASSADOR

**Melancholia**, o último filme de Lars Von Trier deu-nos recentemente a ocasião de examinar em que consiste o efeito “passador” de certos testemunhos, confirmando e detalhando o que a experiência do cartel nos havia indicado. Esse filme foi um acontecimento clínico, pois no decorrer da semana, a maioria dos analisantes dedicou um bom tempo de sua sessão a testemunhar daquilo que lhes havia afetado. Todos tinham visto o mesmo filme, mas haviam sido tocados de maneira diversa por sua experiência visual, auditiva, simbólica – e os testemunhos eram completamente diferentes um do outro, e até mesmo contraditórios. Além do fato de que isso trazia indícios clínicos preciosos com relação ao afeto e às suas soluções singulares em diversos momentos das curas analíticas, isso fornecia indicações precisas sobre o que qualifica um testemunho como “passador”.

### A verdade do testemunho

Alguns se aplicavam em relatar o filme restabelecendo dele a continuidade de uma história verossímil, em que o sentido da história decorria de uma tradução épica coerente. Outros se interessavam mais pela descontinuidade e por detalhes que os teriam “impactado”, pois se “a verdade pode não convencer, o saber passa em ato”.<sup>37</sup>

Ainda que no geral os passadores de nossa escola sejam advertidos de que o cartel não espera que eles venham depor à barra do “tribunal” “a verdade, toda a verdade”, ocorra eventualmente deles descolarem pouco da verdade do romance familiar, conferindo uma espécie de continuidade às vias e desvios dos acontecimentos existenciais, reconstituindo às vezes em seus testemunhos a coerência que apenas a constância do fantasma outorga a uma vida, e isso a despeito da preocupação do passante em desmontar essa consistência, como denuncia às vezes o testemunho do segundo passador.

### A narratividade

A experiência do filme havia tocado os espectadores quer como “*Erlebnis*”, quer como “*Erfahrung*”. Essas duas espécies de experiência dão sequência, segundo Benjamin, a dois tipos de narratividade do testemunho. O choque com a experiência vivida contribui para um tipo de testemunho que ele associa ao “romance” ou pior ao “jornalismo”, testemunhos que encontramos no cartel como “historieta” ou romance-verdade, ou relatório puramente “informativo”. Ser tocado pela experiência – *Erfahrung* permite uma narratividade do tipo “narrativa” [*récit*] que associamos à hystorização da verdade como mentirosa, ou seja, uma distância com relação à dimensão épica de uma análise, mas uma precisão de suas passagens lógicas e uma proximidade “poética”. “À diferença da informação” – explica Benjamin – a narrativa [*récit*] não se preocupa em transmitir o puro em si do acontecimento; ele o incorpora à vida mesma de quem conta, para transmiti-lo como sua própria experiência àqueles que escutam. Assim, o contador deixa ali seu traço, “como a mão do oleiro sobre o vaso de argila”.<sup>38</sup>

### O ato fotográfico

Re-encontramos a metáfora fotográfica, mas dessa vez evitando relegar o passador à passividade que poderia evocar a metáfora da “placa sensível”. Há no testemunho algo da ordem do ato fotográfico<sup>39</sup>, isto é, um flagrante do instante em que o referente (os momentos cruciais do filme ou o ato do passante) faz sinal, produz efeitos e justifica que se dê testemunho disso.

<sup>37</sup> J. Lacan. “Alocução sobre o ensino [1970]” in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.305.

<sup>38</sup> W. Benjamin “Sur quelques thèmes baudelairiens” In: *Œuvres III*. Paris, Folio Gallimard, p.335.

<sup>39</sup> P. Dubois. *L'Acte Photographique*. Paris: Nathan, 1990.

O que numa fotografia testemunha do ato do fotógrafo é quando aquele que a olha pode ali discernir algo como um *punctum*, diz Barthes, distinguindo-o do *studium*. O *punctum* cujo referente é um ponto fora de linha, fora de campo do *studium*, é fora de código, “é um suplemento: é o que se acrescenta à foto, e que, entretanto, está já ali”,<sup>40</sup> um pequeno detalhe pontudo que não se mostra forçosamente intencionalmente, que denota uma incoerência para com o resto da imagem. No testemunho do passador, no sentido do ato fotográfico, apreensão de um instante fora de campo, é muitas vezes um detalhe que averigua o passe: “Um detalhe fisga toda a minha leitura: é uma mutação viva de meu interesse, uma fulguração. Pela marca de algo, a foto não é mais qualquer”.<sup>41</sup>

### O amor do narrador

Um passador *blasé*, desafetado, mas assim como um passador exaltado por sua mensagem, não honraria o que é esperado de sua presença. “Não há amizade que está lá que esse inconsciente suporte” adverte Lacan em seu Prefácio, que seja, mas talvez seja preciso que o passador seja dotado de uma capacidade daquilo a que Lacan chama de “um novo amor”, isto é, de uma abordagem do outro no nível de sua mais radical estranheza, uma conexão oblíqua com o litoral de seu saber inconsciente. A “sensibilidade” do passador deve-se talvez a uma certa “amizade”, no sentido de um bom “ouvido” [*entente*] pelo inaudito, no sentido em que Blanchot, falando de Bataille, diz “A amizade, essa relação sem dependência passa pelo reconhecimento da estranheza comum... devemos acolhê-los na relação com o desconhecido, em que eles nos acolhem também em nosso distanciamento... distância infinita, separação fundamental a partir da qual o que separa torna-se relação”.<sup>42</sup>

### A voz do passador

Há uma diferença absoluta, uma “identidade de separação”<sup>43</sup> que deve passar: não sem a voz de um em que, a partir do “inevitável equívoco da palavra viva”<sup>44</sup>, pode re-soar a alteridade singular do outro – o passante – a fim de que “a repercussão mesmo do ser”<sup>45</sup>, esse desejo inédito, impressione suficientemente o cartel.

...a seguir

## Pascale LERAY (França)

# A implicação do passador

Este título se propõe a questionar, sobretudo, o que funda a posição do passador, seja o que pode torná-lo apto a se deixar levar pelo inesperado, pelo novo, inédito, seja ao cerne do testemunho do passante e, em seguida, fazer passar ao cartel. Se essa posição implica o fato de ser sensível a quem faz o passe, seria necessário precisar em que ela pode assim o ser; o

<sup>40</sup> R. Barthes. *La Chambre Claire. Œuvres Complètes*. Paris, Seuil, p.833.

<sup>41</sup> Idem, p.828.

<sup>42</sup> Idem, p.833.

<sup>43</sup> Idem, p.828.

<sup>44</sup> M. Blanchot. *L’Amitié*. Paris: Gallimard, p.328.

<sup>45</sup> C. Soler.

passador se encontrando implicado de outra maneira do que como um secretário passivo e aplicado do passante.

Uma experiência recente em um cartel do passe, deu a oportunidade de ouvir alguns passes, a partir de transmissões muito contrastantes, até mesmo contraditórias, de vários passadores, dá aí matéria a se recentrar sobre a função do passador.

A maneira pela qual Lacan concebeu o passe na Escola confere de chofre ao passador um lugar determinante no dispositivo do passe. Ela lhe dá esta função de testemunha em relação ao passante com esta responsabilidade de poder transmitir o que do testemunho deste passante marca o lugar do real que tumultuou, abalou sua relação ao saber e à verdade, e o que é levado a fazer com isso, em ato.

O dispositivo implica o passador de uma maneira única pelo fato de ele se intercalar entre o passador e o cartel do passe como este outro que, “como ele, o é ainda, esse passe”.<sup>46</sup> O passador, tendo sido designado por seu analista e sorteado pelo passante, é este analisante cujo passe clínico está neste momento ativo, nos efeitos de des-ser atingindo seu analista, quando a falha do sujeito suposto saber abre sobre a certeza de um real no saber analisante.

É a partir deste passe que ainda o transtorna com vivacidade, que o passador designado esta “no ponto” para ser receptivo ao que faz o ato do passante no passe que este transpassa, que o faz passar à analista, e do qual ele procura transmitir os pontos vivos.

O passador pode ser, então, essa testemunha apta a ouvir o que faz a mola desse passe na medida em que singularmente, ele também é confrontado nesse tempo lógico de seu percurso analítico ainda não terminado.

Como Lacan o precisa em sua “Nota sobre a Escolha dos passadores”<sup>47</sup>, o momento propício para fazer de um analisante um passador, designando-o para o sorteio, não se sobrepõe exatamente ao do fim da análise, tanto que ele nos diz: “Pode não ter produzido aí mais que um funcionário do discurso analítico. Nem por isso o funcionário é indigno do passe, onde ele testemunharia seus primeiros passos na função.”<sup>48</sup> Onde ele tentaria dar conta do que sustenta sua decisão de dar continuidade a essa função de analista.

Se para Lacan o passe não se sustenta de maneira nenhuma em um modelo que decorre de um mínimo ideal, deixando cada um responsável pelo risco de testemunhar disso, em absoluto, em nenhum caso ele deixou sua conceitualização na imprecisão e na ausência de exigência. Pelo contrário, é porque o passe decorre da operação de um desejo específico, cujas marcas precisam ser autenticadas, que Lacan, nessa nota, enfatiza com uma particular insistência a implicação crucial do passador, interrogando o que o torna apto para essa tarefa de transmitir ao cartel do passe a experiência do real em jogo no saber do passante.

Tratar-se-ia, para que o passador seja receptivo ao que possa fazer o ponto de bascula desse passe, de que esteja agindo nele *uma outra dit-mension* [*diç-mensão*] diferente daquela que o faria funcionar como simples receptáculo da narração do testemunho do passante.

Esta outra *dit-mension* é aquela que o passador deve poder discernir em funcionamento no passante, é “aquela que comporta saber que, da queixa, a análise não faz senão utilizar a verdade”.<sup>49</sup> Ora, como o passador poderia estar nesta posição de discernimento quanto ao lugar da verdade se esta dimensão não estivesse ativa para ele? E para que fim? Nada além do que extrair o que no testemunho do passante está *a serviço de um desejo de saber*.

É a única coisa que finalmente importa nesta nota e que exige, como Lacan havia enunciado em outra nota, que “os passadores não se desonrem ao deixar a coisa incerta, sem o que o caso caia no âmbito de uma declinação polida da candidatura”.<sup>50</sup>

<sup>46</sup> J. Lacan. “Proposição de 9 de outubro de 1967” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p.260.

<sup>47</sup> Cf. “Thesaurus sobre o passador” In: *Wunsch 11*, 2011.

<sup>48</sup> “Nota sobre a escolha dos passadores” (inédito).

<sup>49</sup> *Idem*.

<sup>50</sup> J. Lacan. “Nota Italiana” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p.313.

O A.M.E. que se implique, designando como passador um de seus analisandos, deve poder fazê-lo localizando nele esta posição subjetiva que resulta dos efeitos de um momento de passe de maneira que ele abra a esta *outra dit-mension* a partir da qual a verdade singular ressaltada na cura não obtura mais a causa real do desejo de saber.

Isso só é possível na medida em que esse analisante atravesse a experiência de um real frente ao qual o sujeito suposto saber não ampara mais. Essa falha que se abre para ele cria esse hiato irreduzível em relação ao saber tomado no Outro, e abre, então, na análise o acesso à certeza de um saber, aquele do inconsciente que não é de sujeito algum, distinto da sua verdade, a partir do qual ele tem de reconhecer o que singularmente faz seu horror de saber. É o que está mudando radicalmente em seu desejo que lhe permite afrontar o horror de saber que lhe é próprio por circundar a causa.

É a partir de um momento também crucial da análise que o analista pode considerar bem-vinda a designação desse analisando à função de passador, o qual que poderá se implicar nessa tarefa, não se restringindo apenas a recolher os efeitos de verdade do testemunho do passante. O passador, no efeito da divisão subjetiva em que esse passe lhe eleva, pode ser receptivo ao hiato o que opera entre efeitos de verdade e saber em causa no desejo de saber, animando o passe.

Ele poderia, então, ser sensível ao fato que o passante testemunhe em ato desse desejo que o faz produzir alguma coisa de novo.

É possível que ele possa também localizar o caso em que a verdade do passante encobre o real do saber e impede aquilo que no passe poderia conduzir à conclusão e ao ato.

Em seguida, há, enfim, o caso em que o passador poderia ouvir e transmitir ao cartel o que Lacan postula como hipótese no fim de sua nota: que para um passante “a suspeita vem ao sujeito, nesse momento, que sua própria verdade, a sua, não veio à barra”. Que seja dado a um passante se dar conta de que sua verdade, a mais singular da análise, não seja transmutada, nesse lugar de um saber que a barra e que poderia lhe permitir a efetuação do passe.

A verdade que “vem à barra”, no passe, não é a verdade congruente, aquela do meio-dizer, estrutural. A verdade singular que vem à barra do S de grande Outro barrado é aquela que pode servir para fazer o lugar a um saber que toca o real portando a marca de sua singularidade.

Em cada um dos passes que lhe será dado a ouvir, o passador terá de fazer com aquilo que, no saber do passante, a sua invenção própria [*crû dans son propre*], carrega a marca de seu acesso ao real, pedaço do saber que, pela sua diferença, não pode ser comum a outros saberes, a começar por aquele do próprio passador.

O passador deve poder fazer passar ao cartel o hiato que cria esse “troço” de saber enquanto ele se inventa no passe, iluminando, ao mesmo tempo, como ele vem a se produzir, o que faz dele o dizer, no âmago mesmo do que tenta de fazer ouvir o testemunho.

*Tradução de Gláucia Nagem  
Revisão de Dominique Fingermann*

**Anne LOPEZ (França)**

## Passe e passador

É preciso dizer que o pensamento humano é intrinsecamente ancorado no imaginário competitivo de nossa sociedade. No passe, alguns passantes não podem impedir-se de serem um tanto afetados por uma resposta não positiva. O não positivo da resposta a um passe não é uma negação: a não nominação como A.E. não significa que não haja psicanalista, mas

somente o que o testemunho não pôde fazê-lo ouvir.

O passe é a questão da transmissão da passagem do analisante ao analista no momento em que o ato produz descontinuidade e ruptura com toda a ganga neurótica imaginária e simbólica que faz aparecer o real intrinsecamente difícil de suportar. Por isso, pode existir, no tempo dos tratamentos que se levam e o tempo das sessões, uma posição nova do desejo do analista que não se sustenta por um sujeito, mas por um semblante de objeto. Lacan tem expressões às vezes cruas sobre o psicanalista do qual ele fala como dejetivo “lixo decidido”. É uma posição ao contrário do narcisismo do sujeito e supõe ter atravessado um tanto os habituais semblantes de *i(a)*, do ampara-ser, para-ser<sup>51</sup>.

O desejo do analista não tem nada a ver com o desejo do sujeito que é o analista em sua vida onde as conclusões da sua análise lhe permitem em geral viver melhor, de não mais não se satisfazer, de apanhar oportunidades contingentes tendo largado muitos ideais que o sustentavam na sua vida; mas sua vida, pela escolha que ele fez, permanece atormentada por esta difícil função de semblante de objeto.

O passe permanece o único meio de fazer viver com vários a ausência de garantia encontrada nesta posição “analista”. Lacan experimentou com esse procedimento do passe nos dar os meios de não viver com nossas velhas referências, sobre o já solidificado, sobre o bem assentado, o suficiente que ameaça o discurso analítico de adormecimento, e também de extinção.

E não é porque teria sido A.E. que esta posição de analista seria adquirida uma vez por todas e por todo encontro com um futuro analisante. O passe cobre a não relação sexual. Lacan fala disso como “ponto de ideal” – para entender no equívoco com *ponto* e como *não*<sup>52</sup> que ele cubra com o passe pequenas trivialidades (ornamentos sem valor, bagatelas) em suma, uma expressão que enlaça o “pouca coisa” a no entanto um semblante de amarração momentânea do A.E. Três anos ou dois dura sua função, função que passa e provavelmente é melhor para não envolver uma identificação muito sólida na qual o AE arriscaria acreditar nisso.

O passe é um meio de lutar contra nossa ignorância e de retomar sempre a questão do psicanalista; de fato, é uma luta de esboço contínuo da função analista sem que esta questão seja jamais definitivamente fechada. Um psicanalista, o que é? (*c'est quoi?*) Que se possa ouvir com o verbo saber, “*sait quoi?*” : sabe o que? Porque, de fato, quando a gente se lança nessa grande aventura da psicanálise, não se sabe em geral muita coisa. Sua própria análise permanece a base de onde se percebeu que o analista estava largado, des-ser para suportar como desidealização e dessuposição de saber. Mas nenhuma psicanálise não se parece com outra e o real da clínica é muito suspeito de não fazer “um” mundo, mas mundos bem singulares a cada um. O passe Existe para ampliar, abrir o campo de nosso juízo e perder um pouco a priori.

De fato, é raro que nós tenhamos levados a termo várias análises indo até este desejo do analista e através do passe isto nos permite ler caso a caso experiências analíticas variadas, variáveis, fazendo do passe um verdadeiro ponto de vista sobre a existência e a vida, poderíamos dizer, da psicanálise. É também um esclarecimento sobre a prática dos próprios analistas, o que explica em parte as resistências de muito...

É seguramente um meio precário, não preditivo, frágil, provocando às vezes cisões mas também efeitos de formação, de ensino, de transmissão. A teoria se encontra vivificada, não permanece letra morta e borda para cada um resto não visto.

O efeito radical de um não saber é o ato analítico, um ato sem sujeito, sem o sujeito que é o psicanalista e, portanto, a partindo dele, que necessita a análise do psicanalista, seu

<sup>51</sup> (N. da T.) *Par-être* em francês soa com *paraître*, o *semblant*, o parecer orna, e guarda, protege, ampara o ser.

<sup>52</sup> (N. da T.) *Point* em francês quer dizer tanto “ponto” quanto uma maneira preciosa de expressar a negação “*pas*”

desejo decidido e também os numerosos saberes referenciais psicanalíticos.

O passe desaloja o esquecimento do ato, do ato que funda uma prática do analista. Parece-me que no passe nós temos que nos haver com a escritura e a leitura do conjunto do tratamento, uma leitura com seus tropeços, suas descontinuidades, os rateios e o impasse mostrando o real, o resto sintomático com o qual o sujeito se vira, sabe fazer com isso. Como e com que ele tinha escrito a relação sexual? O não pode se saber do ser é o que se diz entre as palavras e isto dá acesso a um real “qualquer coisa de dito de verdade onde isto não pode se demonstrar”.<sup>53</sup> No mesmo capítulo Lacan nos fala da escritura: “Escritura é isto que deixa rastro de linguagem”. Isso é o que tentamos com o passe; umas nuvens de linguagem que deixam rastros do impossível. Como, por quais estilhaços “lalíngua” nos apreendeu se incorporando, ou seja, nos fazendo habitar nosso corpo e colocando em função a linguagem e a fuga de sentido.

Também tentar esclarecer pelo passe ao que até então o analisante tinha se dedicado, ocupando-se do Outro - não sem gozo - e o que isto havia provavelmente tido uma função de suporte do desejo por ele.

A visão através do passe da prática analítica desvaloriza igualmente nossa própria análise no sentido que ela não é senão uma análise entre muitas outras; nós não tomamos nossa análise como modelo de análise, mas como uma das modalidades de análise, singular, porque a nossa.

Abordarei agora a questão atual enquanto AME, a questão da designação dos passadores. Designação e não nomeação, palavra reservada a nomeação de um AE. Tinha sido discutido em nossa escola a modalidade desta designação, isto é, se o analista ao designar um de seus analisantes para a tarefa de passador tinha que prevenir ou ao contrário não devia informá-lo pois ele ficaria sabendo se ele for sorteado por um passante, fora do processo de sua análise, isto é, pelo passante que sorteou seu nome. A resposta a esta questão não era e não é unânime. No entanto estou persuadida que é bastante interessante para o analisante designado de nada saber a priori e por ser “destacado” pelo exterior, sacado pela sorte por um passante enlaçando assim o íntimo, sua análise, o êntimo, a Escola. Além da surpresa sempre bem vinda na psicanálise, esta escolha tem frequentemente por consequências questões muito estimulantes sobre o desejo do analista pelo analisante já que no mínimo esta é sua questão “que ele esteja ou não em dificuldade com ela”. O passador não pergunta e o analista também não.. É uma indexação sem palavra. Claro que o “designado” tem sempre a escolha de recusar, mas esta recusa voltaria em bumerangue para seu analista como questão sobre sua escolha.

Os dois passadores são uma das engrenagem essenciais do passe.

Os passadores são dois. Com este 2 a filtagem é interessante desde já que ela permite a transmissão do testemunho do passante como numa peneira cujos buracos, os espaços de filtagem não serão jamais os mesmos. É também o apoio sobre este 2 que permanece equívoco e do qual fala Lacan no seminário *Encore*, este inimaginável 2 (*deux*), a ouvir *d'eux* “deles”, salto de um ao dois como real impensável que não faz jamais Um fusão. É sobre este real da lalíngua do falasser que é construído, mito, húmus inconsciente, todo o conjunto de uma análise e do qual permanece no final algumas letras reais impossíveis de apagar que moldam o *sinthoma* com o qual o analisante e o futuro analista se virarão, saberão, terão aprendido a “fazer com”, como o saber fazer de um artesão.

Estes dois tem, portanto, uma necessidade para o passante já que ele não falará jamais da mesma maneira para um e o outro passador. Na Escola da Causa Freudiana quando existia o “passe de entrada” havia fenômenos de transferência aos passadores como” colocar em ato a realidade sexual do inconsciente” e isto pode se encontrar em alguns passantes quando justamente eles não estão no momento do passe e extraído da ganga neurótica.

<sup>53</sup> J. Lacan. *Encore [1972-1973]*. Paris: Seuil, 1975, pp.107-124.

O passador é questão diante do vazio da demanda e a ausência de garantia.

O passe é o único meio que nós temos para produzir “com vários” uma garantia momentânea de uma passagem, de uma báscula disto que entra como analista. Mas a nomeação permanece uma aposta lançada pelo cartel, um risco, portanto, que cada membro do cartel assume.

Eu vou tentar, mas é um exercício difícil de falar do passador. Ele deve ser escolhido com cuidado. Ele não inscreve nesta função como analista, mas como acolhendo um testemunho tentando se deixar atravessar pelo dizer do passante. o que não o impede de colocar questões de tempos em tempos. Ele terá que reduzir o texto do passante, e aí operar cortes extraíndo o que lhe parece o âmago, valorizando as descontinuidades, a apreensão das rupturas e mudanças. Ele terá que dar sua opinião, seu julgamento íntimo sobre este testemunho mesmo se não seja ele que faça a escolha definitiva, mas o cartel do passe.

Em geral os passadores estão ainda em análise e isto permite, portanto, uma certa consideração dos efeitos desta experiência em sua análise.

Vocês conhecem eu suponho a definição de Lacan do passador: “disto que seja um analisante em seu cargo e do que ele estima ser no passe onde precisamente advém o desejo do analista, que ele esteja aí em dificuldade ou não” (*Ornicar* nº37, p.8). E esta outra citação na Proposição de outubro 1967 “o passador é ainda este passe, a saber em que está presente neste momento o des-ser em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado como um luto, sabendo com isso, como qualquer outra função de didata, que para eles também isso passará”

Na primeira apresentação da Proposição de outubro 1967, Lacan coloca os interventores do passe sobre o grafo do desejo. Os AE no lugar de S(A) e na frente o passador no lugar de S◇D. Em baixo os A.M.E. em lugar de S(A), isto é, em lugar, de opiniões convergentes que os fizeram ser escolhidos AME. Vê-se que o passador nesta ótica está na relação opaca à pulsão. É provavelmente por isso, por causa desta opacidade que nos temos dificuldade de falar entre nós da designação de passadores. Mas também é, me parece uma indicação de Lacan que acentua minha ótica de não perguntar ao analisante, futuro passador, o que quer que seja mas de o apenas indexar. Se ele está neste desligamento e esvaziamento em relação à demanda, não é um bom momento para ... perguntar.

Guardemos, portanto, estes pontos de referência da pulsão e do des-ser (des-ser que supõe a queda das identificações e dos ideais). São, portanto, análises bem avançadas onde já houve momentos de antecipação do tempo para compreender, o instante de ver, onde o real do começo da experiência analítica deixou-se entrever, momentos no tratamento que já se repetiram. É um retorno sobre o que já estava lá na entrada: “sabia-se disso” mas ele se articula de outra forma e uma verdade daí se destaca, da qual o saber remaneja o gozo. É, portanto, uma antecipação que se reordenará no ao-depois (*après coup*) da saída que terá que ser re-encontrada várias vezes mobilizando as mudanças de posição que não se estabelecerão imediatamente mas onde o sujeito não poderá recuar.

Alguma coisa remete ainda à transferência. Resta o ato por realizar, com muitas deduções lógicas ainda para ser operadas, para que o corte não seja passado ao ato, mas verdadeiro corte em ato que é o sujeito.

*Tradução de Tereza Oliveira  
Revisão de Dominique Fingermann*

Marc STRAUSS (França)

## Corte com a verdade!<sup>54</sup>

Partamos de uma experiência singular, repetida em diversos passes, ao ponto de ser divertida – e, quem sabe, esclarecedora:

– de um lado, por cada um dos dois passadores, uma apresentação radicalmente diferente do testemunho de um mesmo passante. Diferente por sua forma, um dos passadores colocando a ênfase em seu aspecto caótico, o outro, em sua coerência lógica; diferente pelo afeto experimentado, um consternado, o outro, entusiasta; por seu julgamento, enfim, sobre a pertinência da convicção do passante, um estupefato, o outro, convencido.

– de outro, a partir de cada um desses testemunhos tão diferentes, um julgamento idêntico e unânime dos membros do cartel.

O primeiro movimento seria de deduzir daí que não há um “bom” passador, que cada um, graças à potência do dispositivo de testemunho transmite aquilo que ele deve transmitir, independentemente de sua maneira de apreender e de relatar o discurso do passante. É que, então, alguma coisa opera mais além das diferenças individuais e se transmite identicamente, o passador funcionando de fato como “placa sensível”.

O que seria esta coisa que transmitiria o passador, “à revelia de sua própria vontade”? Entusiasmo poderia ser a resposta que se impõe já que ela é a que propõe Lacan em sua *Carta aos italianos* para distinguir o analisante a ser nomeado AE do funcionário do discurso analítico. Mas sabemos, além de que há diversos modos de manifestação do entusiasmo no sujeito, que é bem difícil de distinguir o entusiasmo de outras formas do júbilo. Em particular do júbilo que acompanha o sentimento de uma evidência que se impõe, seja ao maníaco, seja de maneira mais comum ao sujeito infante que se reconhece na imagem que lhe devolve o espelho, e mais tarde, ao mesmo sujeito, em seus “trunfos” narcísicos. Há um entusiasmo em se crer apreender a verdade, e dizê-la redobra esse entusiasmo ao mesmo título em que há um prazer não somente em se fazer, mas também em recontar um chiste.

O passante certamente carrega sua verdade em seu testemunho, mas que ele o saiba ou não, não há somente ela, há também sua posição em vista dessa verdade. Ele pode confundir-se com ela, mas pode também não somente distanciar-se dela, como mesmo dela se destacar. E é a posição que o passante assume em relação a isso que lhe apareceu como sua verdade, produzida na análise, que exercerá um efeito sobre a posição do passador. Que o passador aí encontre uma aderência, ou que a recuse, ou que reste incerto sobre sua pertinência, aquilo que ele faz escutar é, mais além dos enunciados de verdade do passante que ele reporta, o estatuto da verdade mesma para o passante.

Será, no entanto, que o passador deve saber qual é o estatuto da verdade em psicanálise para poder ser marcado por aquele do passante e transmiti-lo, na falta de julgá-lo? A expressão “placa sensível” deixa entender que quanto o menos que ele saiba, tanto menos resistirá a ser impressionado, no sentido da impressão escrita. Resta que essa expressão, após verificações plurais e autorizadas, verifica-se não ser de Lacan. Seu sucesso, e o fato que todos se lha

<sup>54</sup> (N. do. T.) O título original deste trabalho, “La vérité à la barre!” traz, já de partida, dificuldades de tradução. Literalmente, a incitação “à la barre” remete a que a verdade de que se trata deveria ser convocada ao tribunal, para dar seu depoimento ou testemunho. Porém, psicanalistas aí reconhecerão também a barra que cinde, que corta. Não encontrando a mesma duplicidade invocada pelo termo na língua portuguesa, optou-se por uma variante que ao menos guarda alguma homofonia entre os sentidos suscitados, ainda que aqui haja, infelizmente, uma distinção de gênero no artigo que define uma ou outra denotação: a convocação à corte, como corte de justiça, e a invocação ao corte como aquilo que cinde.

atribuam sem verificação, tão evidente que ela pareça, explica-se menos por sua origem familiar que porque ela carrega essa dimensão de inocência aqui evocada.

Essa evidência repousa, no entanto, sobre um preconceito, aquele que indicaria que o quanto menos se saiba, mais se seja receptivo, mais se possa aprender, ainda que a psicanálise nos ensine que quanto menos se creia saber, mas se saiba de fato; mesmo se é inconscientemente, o suficiente, em todo caso, para que se permaneça surdo ao que não se sabe. Ao exemplo de Freud, que pode dizer que era necessário um alto grau de civilização para acreditar na sorte, podemos dizer, com Lacan, que é necessário um alto grau de análise para ser impressionado pelo saber, pela posição de um sujeito em relação à verdade.

Com essa observação, acabamos de contradizer nossa hipótese inicial, a de que não há bons passadores, que a potência do dispositivo é suficiente a fazê-los preencher sua função de placa sensível, se eles não forem constitucionalmente demais obtusos, mais ou menos “quaisquer uns”, portanto. Qual é, então, a condição da designação deles? É desta questão que Lacan trata em seu texto *Nota sobre a escolha dos passadores*.

Nesse texto encontra-se legitimada também nossa assimilação do saber à posição de um sujeito em relação à verdade, pois é o que ele diz em todas as letras. É necessário, diz ele, que a verdade tenha “vido à corte”.<sup>55</sup>

### **Corte com a verdade!**

Esta expressão, que poderia soar como uma injunção da qual se suporta todo tribunal, indica, portanto, o tipo de saber requerido de um passador para que ele possa ser designado à essa tarefa. Requerida, em todo caso, por Lacan, nesse texto curto, denso e, sobretudo, surpreendente.

Surpreendente já porque ele aí nos diz, de saída, que se “o fim de uma análise pode não ter produzido senão um funcionário do discurso analítico”, esse último não é, apesar disso, indigno do passe. Mas ele acrescenta ainda que para recolher o testemunho de um outro, para que um passador esteja à altura de sua tarefa, é necessário mais, é necessário uma “outra dimensão”. Assim, é colocado, de saída, que para que ele convenha ao dispositivo, exige-se mais do passador que do passante.

Lacan precisa em que consiste essa outra “dimensão”, isso que o passador deve saber: “...que o analista, da queixa, não faz senão utilizar sua verdade”

O texto nos diz que tanto o funcionário como o passador podem, ambos, ser tomados do desejo de saber, mas também que se pode “estar em sua função sem reconhecer o que leva aí”, caso do funcionário que se encontra assim definido. E podemos deduzir disso que “reconhecer o que leva aí” responde ao saber que definiu o passador, que a análise, da queixa, etc.

Mas como a análise pode conduzir a esses dois fins tão distintos, ambos, no entanto, validados como tais, o funcionário e o outro? E o que diferencia, na psicanálise, até eventualmente em sua prática, um desejo de saber do qual o sujeito reconhece aquilo que o conduz aí, daquele no qual o sujeito não o reconhece?

Para precisar, então, o que distingue essas duas proposições, é necessário examinar o que quer dizer “da queixa, não fazer senão utilizar sua verdade”.

Sublinhemos, em primeiro lugar, a dimensão redutora, senão mesmo depreciativa, do “não fazer senão”, figura já utilizada precedentemente no texto: “...não faz senão um funcionário”. Mas, sobretudo, ao rebaixar a verdade ao nível de simples meio, supõe-se um outro fim, um fim mais além dessa verdade apenas. Não é, de fato, dito que a análise da queixa dê, e ainda menos que revele, a verdade da queixa. O que visa, então, a psicanálise, ao atacar a

<sup>55</sup> (N. do T.) Cabe aqui o mesmo comentário quanto ao título do artigo, em que a verdade é convocada ao tribunal, para testemunhar, ao mesmo tempo em que a conotação de cisão é invocada na homofonia.

queixa, se dela não faz senão utilizar a verdade? E qual é o valor da queixa, se não é unicamente sua verdade?

É um fato: há bem uma verdade da queixa. Partimos disso e isso nos funda em nosso discurso, fazendo-nos, por aí, iguais de todos os “fala-seres”: toda queixa diz uma insatisfação. Insatisfação que é o primeiro constituinte do psiquismo, como lembra Lacan, apoiando-se em Freud. Uma insatisfação que toma, nos dois (*sic*), o nome genérico de castração. Se, então, a análise não faz senão utilizar a castração, que é, ainda uma vez mais, de seu fim? Para que lhe serve esse uso da castração se ela não é um objetivo, senão apenas um meio?

A sequência do texto nos esclarece: pode ocorrer que o funcionário, que não reconhece o que o leva ao desejo de saber, no passe, seja “tomado da suspeita que sua própria verdade, talvez na análise, a sua, não tenha vindo à corte”. Vemos aí a instância duplicada em uma dimensão que não tem nada de genérica nem de universal, mas acentua, ao contrário, a singularidade: sua própria verdade; a análise, a sua. A psicanálise não faz senão utilizar a verdade da queixa da castração, assegurada por sua universalidade, para fazer vir à corte uma verdade singular. O texto opõe, de um lado, a verdade universal da castração, que é posta como suficiente ao funcionário para saber como fazer funcionar os administrados do significante que são os fala-seres, e, de outro, uma verdade singular.

A expressão “vinda à corte” permite-nos uma dupla leitura que pode nos esclarecer a diferença. Com efeito, podemos entender como a verdade que se assenta no trono da corte e que para o passante faz fé, referência, impõe-se a se apresentar como saber resultante de sua análise, produzido no tempo em que estava, para ele, em função, o desejo de saber. Mas, e não é incompatível, podemos entender também a verdade vinda à corte como a vaca ao touro, acentuando mais suas posições respectivas, em cima – em baixo, que a significação de avacalhado<sup>56</sup> que a verdade aí reencontra. Assim, essa verdade, vinda à corte, se encontra cortada, a ser entendido em um sentido tão vulgar quanto nossa expressão precedente, para não dizer, como isso se pode fazer da transferência, que ela foi por isso liquidada<sup>57</sup>.

Que resta, então, ao passante do saber que, pelo trabalho de seu desejo analisante, foi produzido como verdade de sua análise? Um saber se distingue da verdade, pois se a verdade é cortada (barrada), o desejo que a produziu não existiu menos por causa dela, realmente, já que ele sustentou toda a operação analisante. Qual é, de onde vem, esse desejo? Conhecemos ao menos sua fonte, a queixa, seja o fato de que haja uma insatisfação que é reconhecida pelo sujeito e que se endereça a um outro; na ocorrência, em nossa experiência, a um outro que o queixoso, que dela se faça queixante, reconhece como podendo escutá-la, um psicanalista. Essa fonte do desejo de saber analisante é também sua causa: a queixa, com efeito, se diz, quer se dizer e ser reconhecida, antes mesmo de ser julgada em sua validade, isto é, ser sancionada. A queixa quer se dizer, ela quer se fazer saber, saber de verdade, aos olhos do Outro. Mas se a verdade, ela-mesma, vem a se apresentar à corte, ela não pode se colocar senão sob o corte, revelar sua ausência de garantia. Assim da insatisfação se isola a dimensão de enigma, enigma do que ela fez do sujeito, da posição que ele tomou e sustentou em seu lugar, da maneira singular que ele teve de tratá-la. Um enigma que nenhuma verdade que se apresentaria ao título do saber poderia resolver, nem ao menos decidir, cortar<sup>58</sup>. Um enigma precioso, já que ele é a fonte do que cada um possui de único, que o faz distinto de todos os outros.

A insatisfação, claro, não é pouca coisa, não é “nada”, mas ela não é senão o agente da realização de cada um, por suas respostas que, se a verdade vem à corte, não possuem de verdade senão a função. E o enigma que sob a forma de queixa colocou o sujeito a trabalhar

<sup>56</sup> (N. do T.) Em francês *vacherie*, que significa “má ação”, “coisa desagradável”, “injusta”.

<sup>57</sup> (N. do T.) Novamente deparamo-nos com problemas de tradução de expressões coloquiais. Talvez, aqui, perdendo-se a vulgaridade sugerida, pudesse-se sugerir a metáfora da vaca ao matadouro, em que o corte também mantém uma função proeminente. Desse modo, a verdade viria à corte como a vaca ao corte, para ser liquidada.

<sup>58</sup> (N. do T.) Aqui, o termo cortar, como tradução do original “*trancher*” vem com alguma propriedade.

ao serviço do Outro, do suposto saber, retoma todo o seu valor enigmático quando as respostas sopradas pelo Outro não mais o recobrem de suas restrições.

Podemos dizer que não são mais as respostas que o sujeito quer que lhes sejam sopradas (*soufflées*), mas que é ele que é espantado (*soufflé*)? Soprado menos no sentido de evacuado, destituído, (como no jogo de damas) do que aquele de surpreendido, siderado. Um sopro se levanta aí que pode entusiasmá-lo, por pouco que o sujeito tenha aí um gosto, que ele tenha gosto por isso que se desvela do que funciona.

É assim que podemos, parece-nos, ler o início do seminário *Mais, ainda*, quando Lacan opõe não o funcionário e o passador, - mas será isso tão diferente? – seu “não quero saber nada disso” àquele de seus auditores. Se o “não quero saber nada disso” de seu auditório pressiona à pesquisa da verdade, que sempre retorna à verdade última, aquela que ficaria sobre a barra para dela recobrir a falha, aquele de Lacan é um “não quero saber nada da verdade que se apresenta como saber”. O que não quer dizer que ele não quisesse nada saber, como a amplitude de seu ensino o prova. Ele queria menos que isso funcionasse do que saber como isso funcionava, tanto que isso não funcionava senão melhor assim – a satisfação que ele encontrava, e que não excluiu a dor, ele o precisou, valia bem aquela de ver as coisas funcionarem sem saber o que a isso levava. Para dizê-lo mais simplesmente, ele não queria pagar-se de palavras, mas tocar o real.

O paralelo entre os dois “não quero saber nada” do seminário e dos lugares do funcionário e do passador no dispositivo pode, vimos, se sustentar, na perspectiva do que vem à corte. O funcionário é aquele que encontrou a verdade e a faz funcionar, mesmo se essa verdade se chama castração; o passador, como Lacan analisante em seu seminário, é animado pelo que o surpreende, o “sopra” no discurso do passante, isso que do saber não se veste de verdade, castração real de ser sem palavra, mas em ato.

Não obstante, de sua relação ao enigma do saber, Lacan estava animado conscientemente, ele o sabia, podia dizê-lo e elaborá-lo. Deve ser assim também para o passador?

Não nos tardaremos no erro que haveria em designar um passador naquele cujas disposições impediriam de se deixar soprar (surpreender), o obtuso já evocado. E para um passador a priori “soprável”, se a despeito dessa disposição, ele não o tiver sido, isso não prova que o passante não tenha sido, ele; pode ser que um e outro não se tenham posto de acordo em seus modos de fazer a verdade vir à corte. Mas no caso em que o passador testemunha ter sido soprado por repercussão do que soprou o passante, e por aí sopra o cartel, de que ordem é essa transmissão? Trata-se de um saber articulável e enunciado, ou de alguma coisa que se transmite em ato?

A última frase do texto: “é necessário um passador para ouvir isso” deixa entender que o passador sabe o que faz, que ele não é apenas uma placa sensível, passiva e inocente.

Esse ponto de vista traz um certo inconveniente: nessa perspectiva, o passador saberia ao menos tanto, senão mais, que o passante. Ele saberia, já o repetimos, que da queixa, a análise não faz senão utilizar a verdade, saber que o passante funcionário, e por isso, não indigno do passe, não teria, saber esse que deve ser aquele do passante não funcionário. O que distingue, então, o passante do passador, distinção que nos parece necessário manter para não fazer da designação do passador o equivalente de uma nomeação de A.E. por seu analista? Podemos supor que o AE é um passo adiante do passador. Seria essa uma diferença quantitativa, o passador sabendo-o, mas ainda não crendo totalmente, agarrado que estaria ao sujeito suposto saber? Lacan não deixa entender isso, ele põe de maneira radical que deve estar bem aí o saber do passador, e não um saber suspeito ou entrevisto. Então, onde está a diferença? Talvez nas consequências que esse saber tem para o sujeito. Consequências que não são, quem sabe, todas imediatas. Em particular, a consequência de deduzir daí um saber da psicanálise que ouse demandar fazer-se reconhecer como tal, que, então, aceite descobrir-se a

outros. Digamos que o passador pode sabê-lo, mas ainda não apoia-se no ato no qual se projeta o passante. Que um outro o faça o espantará (soprará) tanto mais quanto ele esteja perto disso, sem aí estar completamente ainda. Ele poderá então ouvir que para aquele que ele escuta, que a verdade veio à corte, e fazer passar o que ele tiver entendido, sem reduzir sua função a reportar os enunciados do passante. Assim se esclarece a expectativa que os passadores, sua tarefa efetuada, se apresentem ao passe. Permanece a distância entre a proximidade lógica e o momento efetivo do ato, incalculável.

*Tradução de Paulo Rona  
Revisão de Dominique Fingermann*

## “O ato se julga pelas suas consequências”

**Nicole BOUSSEYROUX (França)**

# Satisfazer os casos de urgência

Espera-se dos membros dos cartéis do passe que eles tirem um ensinamento de sua experiência do cartel e que eles a transmitam. Nosso cartel do passe escutou no momento passadores de três passes os quais ele não pode responder pela nomeação de A.E. Quando, após ter escutado os passadores, a discussão e o trabalho do cartel não chega a um julgamento unânime a favor de uma nomeação, há sempre um pequeno ponto de decepção. É verdade também que quando se escuta os testemunhos dos passadores, isto não se dá sem certa esperança de escutar daí alguma coisa que faça prova da passagem à analista. Aliás, teria de se interrogar, quando se participa de um cartel do passe, sobre essa esperança, essa espera, esse desejo de nomeação. Desde que uma não nomeação não significa um veredito de não-analista. E mais, as não nomeações exigem, por parte do cartel, e contrariamente a uma nomeação, a avaliação de uma resposta personalizada ao passante que não é fácil de formular.

A localização, nos testemunhos, da passagem à analista é difícil e depende da concepção que se faz de suas coordenadas teóricas. Ora, entre a teoria da “Proposição” de 1967 e aquela do “Prefácio à edição inglesa do Seminário XI” de 1976 (*Autres écrits*, p.571-573) a guinada é bastante grande. Parece-me que a leitura do texto de 1976 destaca que os momentos do passe pelos quais o inconsciente se manifesta em surpresa só tomam seu pleno efeito de real ao fim, com a satisfação do fim. É estranho ver, um texto a ler e reler, como Lacan insiste sobre o fato que “produzir essa satisfação é a urgência a qual preside a análise.” É dever do analista, está a cargo do desejo do analista, não apenas dar, essa satisfação, de “se dedicar a satisfazer esses casos de urgência” mas, sobretudo, é melhor “o ter calculado”. Isto redefine, re-qualifica o desejo de analista, como dependente dessa capacidade de pesar bem o real em jogo nisso que nas análises assume o lugar de um caso de urgência.

Nosso cartel escolheu trabalhar sobre a questão do real no passe e sobre o que se pode atestar de seus efeitos. O problema é que o real não se deixa expor, como pode o ser a verdade com seus emaranhados. O que atesta, o que dá provas do real, nisso que o cartel escuta de um testemunho do passe? O que prova, a partir do que o cartel recolhe, examina, interroga, interpreta, julga dos testemunhos do passe, que o passante passou pelo real do inconsciente, a partir de suas manifestações? E, sobretudo, o que vale como prova que essa passagem pelo real e seus efeitos tenha efetivamente modificado, mudado, transformado sua posição, sua relação ética com seu próprio gozo? A resposta de Lacan em 1976 é: o afeto, a satisfação do fim que, como a angústia, não engana. Disso não se pode dá ares.

A questão é o tamanho. A resposta também. Ela assume o lugar da ética. Porque sobre isso que se tem a decidir, trata-se da resposta ou da não resposta do passante ao real que em sua análise o atingiu, pressionou seus amores com a verdade. Haja vista que no testemunho do passe não há testemunho do real. O real não vem para testemunhar. O que vem para testemunhar na barra do tribunal<sup>59</sup>, Lacan disse em sua nota aos passadores, é a verdade. Mas o testemunho do passe não é o testemunho do tribunal. É o testemunho do real. Não há

<sup>59</sup> “Ce qui vient à la barre , c’est la vérité”. Segundo a tradução de Paulo Rona seria “O que chega a corte, é a verdade” Cf. texto de Marc Strauss (N. do T.).

analista da Escola sem esse testemunho. Não há analista se ele não passou pela experiência da barra que põe fim aos amores à verdade que mentem.

Tratar-se-ia, pois, de apreciar, de estimar, de pesar, no testemunho dos “dispersos e desaparelhados” que “se arriscam a testemunhar na melhor das hipóteses a verdade mentirosa” se, desta verdade mentirosa, da qual se desenvolve a transferência e sua suposição, um afeto do fim que testemunhe que eles efetivamente saíram: que eles foram desaparelhados<sup>60</sup>. Viu-se bastante, à época das grandes missas da causa freudiana, os A.E. saírem do passe bem aparelhados (*bien assortis*) e nada dispersos. O real do inconsciente não é feito para nos reunir. E ainda bem!

Dizer que o passe produz dispersos desaparelhados indica que o fim provado pelo afeto não é para todos, porque trata-se aí de uma tomada de posição ética em relação ao real. Isso muda nosso ponto de vista sobre o passe e a nomeação dos A.E. Não ser nomeado não significa que o cartel considere que a análise não terminou. Isso significa, se o cartel do passe orienta sua escuta e seu trabalho pelo “Prefácio” de 1976, que ele (passante) não tomou posição ética em relação ao real, ou ao menos que não foi possível encontrar em seu testemunho a marca de um afeto que prove que o real foi levado em conta.

*Tradução de Angela Mucida  
Revisão de Dominique Fingermann*

**Mario BRITO AFONSO (Venezuela)**

## Do Amor ao Analista ao Desejo de Analista

O percurso de análise é um caminho que se vai fazendo em etapas e que não existia antes, pelo contrário, é um caminho que se vai construindo com os próprios traços, que vai marcando nosso inconsciente até que se coloca um que aponta para o fim.

Após a análise e depois do passe, nesses dois tempos, pude perceber que no curso da análise houve vários momentos onde ocorreram mudanças em relação ao relato, as associações, a posição subjetiva, a transferência e em geral, com o próprio trabalho analítico.

Num primeiro tempo, se entra no consultório de um analista a quem se apresenta uma queixa, um mal estar, algo que deixou de funcionar. Nesse primeiro momento, alguém autorizou-se como paciente e recorre a outro alguém em busca de respostas. No entanto as respostas são diferentes das recebidas anteriormente de outros lugares ou formas de psicoterapias experimentadas.

No meu caso, o analista me escutava de forma cordial, não se propunha a compreender a partir de uma ilusão de simetria ou experiências compartilhadas; nem muito menos me convidava ao diálogo, porque não há diálogo possível dentro do dispositivo analítico. No entanto, desde essa assimetria, desde o silêncio como resposta, desde o somente me olhar e assentir com a sua cabeça que me acompanhava, iniciou-se um movimento que me permitiu colocar-me em um mais além da queixa com a qual me apresentei; e como resultado, comecei a assumir algo do que me pertencia ao surpreender-me com esse saber não sabido sobre o sintoma.

<sup>60</sup> (N. da T.) A autora faz uma disjunção da palavra “*désassortir*” (desemparelhar): *dès* (desde), o (a) do objeto a e *sortir* (sair). “*Assortir*” tem, por sua vez, a conotação de combinar, reunir, aparelhar.

Nesse momento, algo da demanda fracassou e se passou a um tempo diferente onde foi possível transformar essa demanda em desejo; um enigma sobre a sexualidade surgiu em um sonho.

No sonho um homem e uma mulher faziam amor, ele deitado em uma cama e ela sobre ele. Não se distinguiam, tudo estava escuro no quarto e só se podiam ver duas silhuetas fundidas. Tinha a sensação de que se olhavam e ao mesmo tempo, podia perceber o prazer desse encontro. Despertei ansioso e a primeira associação foi uma pergunta: Fazendo sexo com minha analista? Lembro-me do dia em que levei o sonho à análise não podia ver seu rosto enquanto o comentava.

A transferência sempre se liga a um mistério a ser decifrado e se admite que o analista saiba da causa e significação do sofrimento; por isso lhe foi concedido um amor e se estabelece um laço social diferente com ele, conta-se-lhe uma história e se vão desenvolvendo associações à espera de respostas desse tesouro do Outro que o analista encarna.

Como já disseram Freud e Lacan, a transferência impulsiona um trabalho e sustenta o curso de uma análise. No entanto, como resultado das elaborações que fiz depois do passe me pergunto: Será que a transferência é suficiente para sustentar um percurso até o final de análise?, O que ocorre com a transferência durante o tempo de análise? O que acontece com a transferência no final de análise? A transferência acaba no momento de finalizar ou pode diluir-se posteriormente? Pode-se falar de um final com resto de transferência?

Hoje em dia, vivem-se os mal estares que produzem um mundo onde o rápido, o prático e o imediatismo estão em oposição ao que referimos como um trabalho psicanalítico e penso que não podemos dizer que uma análise só é realizada até o final por aqueles que já tinham conhecimento da psicanálise e do longo caminho que aguarda os que nele embarcam.

Pode-se pensar então que durante o curso de uma análise se vislumbram elementos que permitem suportá-lo. Algo concorre para que se sustente uma análise até o final e esse algo é mais que a transferência, mas emerge da mesma, e é o “amor ao saber”. “Amor ao Saber” que acompanha um tempo do percurso analítico.

O “amor ao analista” se transforma em “amor ao saber” e se entendemos o “amor” como “dar o que não se tem”, pode-se dizer que o que sustenta esse tempo do percurso é que a transferência ao analista leva o analisante a dar o que não tem para apreender algo desse saber.

O amor ao analista leva a essa emergência de saber sobre o inconsciente e a possibilidade de apreender algo de verdade. Esse saber que só se recolhe quando se transita pela experiência de análise e que embora esteja registrado no inconsciente, só existe no momento em que algo pode se fazer próprio do mesmo.

É um saber que se vai construindo passo a passo, em um caminho que está feito por giros, por ciclos, por onde se dão várias voltas porque de uma só é impossível bordejar o ponto. É algo que se expressa com as frases: “outra vez”, “não vou sair disto”, “novamente o mesmo”.

Somente circulando é que a cadeia de significantes cruza sobre si mesma para capturar algo do ponto de impossibilidade que de alguma maneira chamamos de objeto “a”. É por isso que Lacan, no *Seminário XI*, afirma que a repetição é o motor do circuito cíclico e algo da pulsão se satisfaz.

Pois bem, ao ir passando pela análise, por esse circuito descrito, chega um momento em que esse “amor ao saber” apresenta uma nova reviravolta, uma torção ligada a uma aposta que o sujeito faz pela psicanálise e que é o “devir do desejo”. Essa aposta, esse giro, é o que logra permitir ou apoiar os tempos fortes na análise com respeito à queda das identificações do ser do sujeito e o encontro com o momento de horror, horror que requer algo mais que a transferência inicial para poder atravessar a porta e não voltar ou sair da análise.

Algo do gozo fálico foi reduzido, algo do narcisismo diminuiu, algo desfaleceu com respeito ao grande Outro para que o sujeito possa se desprender e abrir espaço ao desejo, sem títulos e sem posições especiais. Da mesma forma, algo também se move com respeito à transferência. O amor ao analista foi caindo e este saiu desse lugar agalmático no qual foi colocado.

Passado o momento de horror, e não sem angústia, começa um momento diferente que se refere ao tempo do final. É um momento onde se faz um trabalho solitário, mais além do analista. Passa-se por um momento único que está articulado com uma posição diferente do percurso analítico. O sujeito se encontra só, a mercê de suas elaborações que ocorrem para além de estar presente no dispositivo.

Nestes tempos, algo sustenta o trabalho analítico e já não parece ser a transferência, que não foi totalmente perdida. Algo surgiu e apoia esse trabalho, uma volta se completa, o desejo de analista aparece.

No meu caso um sonho mostrou esse momento: “Eu estava como espectador em um congresso de psicanálise e minha analista apresentava um trabalho sobre um caso clínico. Eu não a escutava, mas, ao vê-la, sabia que apresentava meu trabalho de análise. Ao dar-me conta disso me incomodei e disse que não lhe cabia fazê-lo, só eu apresentaria esse trabalho”.

Também é um momento no qual decidi dar conta do trabalho analítico a outros mais além do analista, ao Outro da Escola. Portanto, a escolha de fazer o passe pode ser feita antes do final de análise.

Pensar no final de análise é parar para pensar então no destino da transferência, do amor ao analista ao amor pelo saber e a emergência do desejo de analista que permite o avanço da psicanálise. O analista pode não ser esquecido, o que se move é o amor que faz surgir um desejo marcado com um afeto.

O desejo de analista é ir mais além, ter disposição para atravessar a porta do saber e assim proporcionar a possibilidade de que algo inédito frutifique. Suportando a rejeição da humanidade, que não quer saber. Por isso Lacan fala de delírio, porque é um desejo de revelação do que é o sujeito.

*Tradução de Gracia Azevedo*

#### **Referências Bibliográficas**

- AGÜERO Y CHAMA (s/f) Sin fin de felicidad. Recuperado el 2 de septiembre de 2011 en <http://www.apdeba.org/articulos/simposio2010-pdf/Aguero-Chama.pdf>
- FARIAS, F. (2000) ¿Qué del sujeto al final del análisis? Trabajo presentado en las 1ras Jornadas de los Foros Psicoanalíticos de Argentina. Octubre de 2000 en el Paseo La Plaza, Buenos Aires.
- LACAN, J (2003) Seminario VIII. Editorial Paidós: Buenos Aires.
- LACAN, J. (2006) Seminario X. Editorial Paidós: Buenos Aires.
- LACAN, J. (1968). Seminario XVI. Recuperado el 20 de julio en [www.tuanalista.com/Jacques-Lacan/15545/Seminario-16-De-un-otro-al-otro-pag.66.htm](http://www.tuanalista.com/Jacques-Lacan/15545/Seminario-16-De-un-otro-al-otro-pag.66.htm)
- LÓPEZ, M. (s/f) Autorización y acto analítico. Material mimeografiado publicado en [www.convergenciafreudlacan.org](http://www.convergenciafreudlacan.org).
- RESTIVO, María F. (2003).- Revista virtual “El Sigma” Fundación del Campo Lacaniano. Recuperado el 20 de Julio en <http://www.elsigma.com/site/detalle.asp?IdContenido=3249>
- PAOLA, D. (1999) Sueños en Transferencia. Recuperado el 20 de julio en [www.efba.org/efbaonline/paolad-07.htm](http://www.efba.org/efbaonline/paolad-07.htm)

Patrícia DAHAN (França)

## Unidade da linguagem, singularidade d'*alíngua*

Como preâmbulo das jornadas de dezembro de 2011, sobre “A análise, seus fins, suas consequências”, referindo-me às últimas elaborações de Lacan e à experiência da análise, eu gostaria de enfatizar um ponto que eu proponho formular assim: a análise é o que permite a um sujeito se autorizar a falar sua própria língua.

No desenrolar de uma análise a redução do sintoma passa por um trabalho sobre *alíngua*. Se a análise tem por efeito o desvelamento de um saber que “repousa no antro da *alíngua*”<sup>61</sup> e que “é coabitando com *alíngua* que se define o ser falante”<sup>62</sup>, ao fim da análise, o analisante está numa nova relação com sua língua.

Na vida comum a linguagem tem um papel unificador, ela é o suporte de trocas econômicas, da educação, da cultura, da informação. Para o sujeito e seu inconsciente a linguagem é o suporte de coisa bem diferente, ela é o suporte de seu gozo. Lacan expressa essa noção dizendo que “a linguagem é o único aparelho do gozo” e que “*alíngua* serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de *alíngua*, essa *alíngua* que vocês sabem que eu a escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, *alíngua* dita materna, e não por nada dita assim.”<sup>63</sup>

Ora, o processo de socialização pela linguagem afasta o sujeito de sua língua própria, a escola procede a uma “desmaternalização” da língua. Este processo de unificação da linguagem tem uma função no seio do grupo que é de permitir a todos os sujeitos se comunicarem através de uma linguagem comum. Em contrapartida, a unificação da língua por esta linguagem comum põe o sujeito à distância de sua língua.

Na escala de um país o processo de unificação de uma nação passa pela emergência de uma língua unificada, processo que, apagando os dialetos locais, tende a ofuscar as diversidades.

O paralelo entre a relação da linguagem à *alíngua*, e a relação da língua oficial de uma nação aos dialetos locais, permite pôr em evidência que a unificação da língua tem por consequência apagar as particularidades, as diferenças próprias a cada um.

Pelo trabalho da análise, que consiste em se livrar da dimensão unificadora da linguagem para recuperar os efeitos de afeto d'*alíngua*, o analisante toca o que faz sua diferença e ele pode assumi-la, ele está em condição de deixar se expressar sua própria criatividade, sua própria poesia.

Eu gostaria, então, de insistir sobre a oposição entre o caráter unificante da linguagem e os uns d'*alíngua*, aos quais a análise visa, apoiando-me sobre as diferentes aproximações de Lacan ao final de seu ensino, lá onde ele valoriza esta oposição. Uma das formas na qual Lacan enuncia essa distinção é dizendo que “a linguagem não existe”, que “não há senão suportes múltiplos da linguagem que se chama *alíngua*”, em outros termos, que “não existe metalinguagem”.

Em nossa história, a experiência da linguagem totalitária mostra que podemos impor pela força uma língua e um modo de pensamento que visa a unificar e a empobrecer a

<sup>61</sup> J. Lacan. *Seminário 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.124 (edição de 1985).

<sup>62</sup> *Ibid*, p. 130.

<sup>63</sup> *Ibid*, p. 188.

linguagem. No fim, essas tentativas se verificam ineficazes na medida em que uma língua não pode vir a substituir a multiplicidade de línguas e de dialetos. Com o conceito d'*alíngua* Lacan nos ensina que há um laço indissociável entre o sujeito e sua língua e para cada sujeito a relação com *alíngua* é singular. Assim, toda tentativa de impor uma língua oficial em detrimento de todas as outras línguas não chega a anular a relação singular que cada sujeito tem com *alíngua*.

Se o que caracteriza *alíngua* é ser uma língua singular, própria a cada um, ela não pode ser totalizada, ela não entra no lote comum. Lacan vai até dizer que a linguagem é apenas uma elucubração de saber sobre *alíngua*.

No seminário “O momento de concluir” Lacan precisa uma última vez o que ele tentou demonstrar em diversas retomadas, em particular no seminário *RSI*, que não há uma linguagem dominante, uma língua que possa se impor em relação às outras línguas, uma língua que possa dizer a verdade sobre as línguas, que não há metalinguagem. “Se disse que não há metalinguagem, diz ele, foi para dizer que a linguagem não existe. Não há senão suportes múltiplos da linguagem, que se chama de *alíngua*, e o que se espera é que a análise, por uma suposição, chegue a desfazer pela fala o que foi feito pela fala.”<sup>64</sup>

Uma língua que se pretendesse totalizante, uma língua que viesse se impor em detrimento de outras línguas, em detrimento dos dialetos, responderia a essa noção de metalinguagem. *Alíngua*, ao contrário, é uma língua própria do sujeito sobre a qual nenhum mestre, nenhum colonizador, nenhum ditador pode agir, mesmo se quiser interditá-la, erradicá-la como tem sido frequentemente o caso ao longo da história. Para além de uma incontestável eficácia da língua oficial em se impor, uma incontestável impregnação do discurso do mestre na linguagem, *alíngua* própria ao sujeito, que ela seja escondida, oprimida ou destruída, está sempre pronta a re-emergir. Porque não há uma unidade, mas, ao contrário, uma diferença de línguas, não há uma *alíngua*, mas uma multiplicidade de *alínguas*, por consequência, uma linguagem que se pretenda totalizante não pode vir substituí-la definitivamente. Apesar da pressão imposta pelo mestre sobre a língua, *alíngua* do sujeito resiste, ela retorna, às vezes mesmo sem ele saber, e vem por sua vez inflar a linguagem de novas expressões.

Com o conceito d'*alíngua* Lacan sublinha a importância das primeiras relações com a língua como núcleo constitutivo para o sujeito. Ele mostra como, desde a origem, existe uma relação com a língua que é uma relação de gozo. Essa língua que a criança não aprende, que lhe é transmitida por sua mãe ou por quem lhe dá os primeiros cuidados, é feita de balbucios e de lalações. É uma língua na qual som e sentido são confundidos, uma língua que não é aquela da cultura mas uma língua anterior à aprendizagem da leitura e da escrita, uma língua na qual os afetos são diretamente expressados, uma língua própria a cada um.

Esse laço muito forte entre o sujeito e sua língua materna é muito bem descrita num filme cujo título é: “De uma língua à outra”<sup>65</sup>. Esse filme é feito de entrevistas com escritores, poetas, filósofos e cantores, todos tendo que se haver com a língua em sua profissão, na sua prática cotidiana, todos tendo conhecido uma ruptura com a ou as línguas de sua infância. As pessoas entrevistadas testemunham sua relação com sua língua materna, como eles a cultivam, como eles a rejeitam, como eles se orgulham dela ou como lhe têm vergonha, todos descrevem um laço indestrutível com essa língua. O que o filme soube mostrar, e que é o elemento essencial da definição d'*alíngua*, é o gozo expressado por cada um dos entrevistados quando falam de seus encontros com as sonoridades de sua língua materna. Eu citarei dois exemplos, o de Aaron Appelfeld que diz que aquele que vive separado de sua língua materna é

<sup>64</sup> J. Lacan. *Seminário “O momento de concluir”*, inédito, aula de 15 de novembro de 1977. Disponível em: [http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/a\\_tagarelice.pdf](http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/a_tagarelice.pdf). Tradução de Jairo Gerbase.

<sup>65</sup> N. Aviv. *D'une langue à l'autre*.

enfermo. Enfermo, a palavra é forte, entretanto ela traduz plenamente o laço primordial do sujeito com sua língua materna.

O outro exemplo provém de um poeta de origem russa, que diz ter voluntariamente esquecido, apagado sua língua materna, o russo, para poder expressar sua poesia numa outra língua, o hebreu, que é a língua do país onde ele reside agora; esse poeta expressava sua surpresa ao constatar que seus poemas eram impregnados do ritmo e das sonoridades da língua russa, da qual ele acreditava estar completamente separado. Assim, essa língua materna, que ele imaginava ter apagado, re-emergia sob uma forma inesperada.

Essa relação do sujeito com a língua na qual ele foi banhado nos primeiros momentos de sua vida, essa língua “dita materna”, estrutura seu inconsciente, é a tese de Lacan a partir do seminário *Mais Ainda* com a fórmula “o inconsciente fato da *alíngua*”. Ele dirá mais tarde numa conferência à Universidade de Yale: “o que cria a estrutura é a maneira pela qual a linguagem emerge de início num ser humano.”<sup>66</sup> Lacan indica assim, nessa fase de seus avanços teóricos, que a estrutura do inconsciente não pode unicamente ser apreendida pela estrutura da linguagem, mas também pela forma com a qual a língua foi falada e ouvida nos primeiros anos da existência.

Com o conceito d’*alíngua*, Lacan nos dá algumas indicações sobre a forma de operar na análise, notadamente em “A Terceira”, de 1974, onde ele repete em diversas retomadas que, o que ele afirma, já o disse em “Função e campo da fala e da linguagem”. É assim que ele nos reenvia à primeira conferência de Roma, na qual ele afirma ter proferido que a interpretação não é interpretação de sentido, mas jogo sobre o equívoco e que é “d’*alíngua* que se opera a interpretação.”<sup>67</sup> E ele insiste em seu seminário do mesmo ano, “Les non dupes errent”: “o que eu propus, diz ele, desde o início desse ensino, desde o discurso de Roma, é de concordarmos com a importância que ela tem na prática, na prática analítica do material d’*alíngua*.”<sup>68</sup>

Lacan nos guia ainda na clínica para chegar a dizer no seminário *O sintoma* que “é unicamente pelo equívoco [que compreende a abolição do sentido] que a interpretação opera”,<sup>69</sup> equívoco pelo qual se especifica, aliás, o de que é feita *alíngua*.

Apoiando-se, enfim, sobre um caso clínico descrito por Freud, Lacan dá um exemplo de interpretação a partir d’*alíngua* na análise de um sujeito bilíngue.

Esse caso, ao longo de sua obra, Lacan o citou frequentemente, mas apenas em 1974, depois de ter introduzido o conceito d’*alíngua*, é que ele aparece novamente como exemplo para mostrar que “é no nível d’*alíngua* que impacta a interpretação”.<sup>70</sup>

O caso desse paciente bilíngue evocado por Freud é citado num texto sobre o fetichismo na coleção intitulada *A vida sexual*. Lacan faz o seguinte comentário: “Evocarei simplesmente o que Freud traz num caso sobre o que é considerado como um estigma de perversão. O *Glanz auf der Nase*, o brilho sobre o nariz, excita bem particularmente um fetichista do qual ele fala. Se ele encontra a interpretação, é no *to glance at the nose* que era a língua que falava a criança quando nasceu. Eu quero dizer pouco depois de seu nascimento, quando ele começou a ser enredado, justamente, na língua de seu país. O *to glance*, olhar, torna-se um *Glanz*, um brilho, um raio. Eis o que Freud designa como responsável pelo fetichismo do sujeito em questão.”<sup>71</sup>

Nós temos aqui uma indicação do que opera na análise. Vemos a partir dessa vinheta clínica que é na língua materna que se constitui o sintoma, assim a explicação do sintoma, e

<sup>66</sup> J. Lacan, “Conférence à Yale University”, *Silicet* 6/7, Paris, Le Seuil, 24 novembre 1975.

<sup>67</sup> J. Lacan, *A Terceira*. Disponível em: [http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2).

<sup>68</sup> J. Lacan, “Les non dupes errent”, seminário inédito (1973-1974), sessão de 11-6-1974.

<sup>69</sup> J. Lacan, *O Seminário, livro 23: O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p.18.

<sup>70</sup> J. Lacan, “Le phénomène lacanien”, *Les cahiers cliniques de Nice* n.1, juin 1998.

<sup>71</sup> *Ibid.*

então a possibilidade de uma redução do sintoma, pode se fazer por um retorno à língua materna: “O fetiche, originado de sua primeira infância, tinha de ser entendido em inglês, não em alemão.”<sup>72</sup>

No seminário *Mais Ainda* Lacan enfatizou o fato de que há um saber na *alíngua* que excede em muito tudo o que pode ser expressado pela linguagem.

Esse saber expresso na *alíngua* é um saber inconsciente próprio ao sujeito. Não podemos falar desse saber expresso na *alíngua* sem citarmos esse *witz* de Freud extraído de sua obra *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Eu proponho citar integralmente esse extrato, que nos esclarece e nos diverte, por ver como a intuição de que existe um saber em *alíngua* está presente nesse engraçado chiste. “O médico a cujos cuidados se confiou a Baronesa em sua gravidez, anunciou que ainda não chegara o momento de dar à luz e sugeriu ao Barão que enquanto esperavam jogassem cartas no cômodo vizinho. Após um momento, um grito de dor da Baronesa feriu os ouvidos dos dois homens: “*Ab, mon Dieu, que je souffre!*” Seu marido levantou-se de um salto mas o médico fez-lhe sinal que se assentasse: “Não é nada. Vamos continuar com o jogo!” Pouco depois, ouvem-se novos brados da mulher grávida desta vez em alemão: “*Mein Gott, mein Gott, was für Schmerzen!* (Deus, meu Deus que dores terríveis?” — “Não vai entrar, Professor?”), perguntou o Barão. “Não, não. Ainda não é a hora.” Finalmente chegou da porta próxima um inconfundível grito [em ídiche] de “Ai, ai, ai!” [“Ai, waih, waih!”]. O doutor largou as cartas e exclamou: “*Agora é a hora.*”

O comentário de Freud é o seguinte: “Este bem-sucedido chiste demonstra duas coisas pela modificação gradual do caráter dos gritos de dor emitidos por uma aristocrática dama na hora do parto. Mostra também como a dor faz com que a natureza primitiva irrompa entre as diversas camadas de verniz de educação e como uma decisão importante pode ser adequadamente tomada na dependência de um fenômeno aparentemente trivial”<sup>73</sup>.

Esse exemplo que poderia ilustrar de maneira condensada o desenrolar de uma análise, é particularmente esclarecedor na medida em que mostra a passagem progressiva da língua à *alíngua*. O momento onde *alíngua* se expressa, é o momento onde ela é liberada de todos os extratos depositados pela educação, para retomar os termos de Freud, *alíngua* com efeito não é aquela da educação, ela não é nem mais aquela da comunicação, ela é aquela dos afetos, aquela ouvida pela criança, a língua materna, antes que um S2 viesse fazer sentido, diriam Rosine e Robert Lefort.<sup>74</sup>

Poderíamos dizer que o neurótico é um exilado de sua língua. Eu proponho considerar a análise como um processo que visa tocar a singularidade da língua, *alíngua* na qual o sintoma é constituído. Ao processo de unificação da linguagem se opõe a diversidade das línguas. Se o que faz a identidade do sujeito, sua singularidade, sua particularidade é seu sintoma, ao fim da análise a identificação ao sintoma, o conhecimento de seu sintoma lhe permite admitir e assumir sua diferença. Assumindo sua diferença o sujeito tem condições de se expressar em seu nome. Porque, disse Lacan “o inconsciente é um saber, um saber-fazer com *alíngua*. E o que se sabe fazer com *alíngua* ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem.”<sup>75</sup> Esse saber, sem Outro, sem um outro que lhe seria a garantia, permite ao fim da análise se desembaraçar do Outro e encontrar sua autonomia, se autorizar a falar sua própria língua.

Nesse prelúdio eu quis enfatizar a oposição entre a linguagem e a língua, para mostrar a distinção entre o caráter unificador da linguagem e a singularidade d’*alíngua*. Para ilustrar essa proposta eu propus colocar em paralelo a oposição linguagem/*alíngua* com a oposição língua

<sup>72</sup> S. Freud, *O feticheísmo*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, 1988, p.155.

<sup>73</sup> S. Freud, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, vol. VIII, 1996, p.83. Os colchetes são nossos, para apontar o que está modificado na versão da Imago (N. do T.)

<sup>74</sup> R. et R. Lefort, *L'accès de l'enfant à la parole, condition du lien social*, Bulletin du CEREDA n.10.

<sup>75</sup> J. Lacan, *Seminário 20: Mais, ainda: op. cit.*, p.190.

nacional/dialetos. Porque, com efeito, a língua nacional é o que permite eliminar todo particularismo cultural que poderia fazer emergir uma autonomia que colocaria em risco a unificação. É também como procede, nos lembra Lacan, a escola dita maternal que, através da aprendizagem da leitura, alfabetizando visa uma desmaternalização da língua.<sup>76</sup>

Para terminar, eu gostaria de dar a palavra aos autores que, tendo sabido testemunhar essa oposição entre língua nacional e dialetos, entre a linguagem e *alíngua*, mostraram os efeitos de uma vontade de unificação da língua em detrimento da diversidade das línguas. Esses autores, que têm o sentimento de terem sido privados de sua língua, expressam com suas palavras como, no monolinguismo da língua oficial, imposto pelo poder, se opõe a diversidade das línguas. Quer seja Derrida, em seu livro *O monolinguismo do outro*, ou autores crioulos, Bernabé, Chamoiseau e Confiant, no *Elogio da criouldade*, essa literatura nos ajuda a apreender como o processo de unificação da língua, que impõe esse monolinguismo contra a diversidade das línguas, leva à opressão de toda possibilidade de criatividade, de poesia, de expressão de emoções. Como o descrevem Bernabé, Chamoiseau e Confiant: “cada vez que uma mãe, acreditando favorecer a aquisição da língua francesa, reprimiu o crioulo na garganta de uma criança, isso não passou de um corte à imaginação dessa última, de um envio à deportação de sua criatividade. Os professores da grande época do afrancesamento foram os negreiros de nosso élan artístico.”<sup>77</sup>

Aproximando-se d'*alíngua* escondida sob a linguagem unificadora, interpretando a partir do real do equívoco, a análise é um processo que permite ao analisante ir o mais perto d'*alíngua* da qual seu sintoma se constituiu. O resultado é um alívio, que libera a expressão, a criatividade, a autonomia do sujeito por uma re-apropriação da singularidade de sua língua.

*Tradução de Conrado e Suzana Ramos  
Revisão de Dominique Fingermann*

**Ana MARTÍNEZ WESTERHAUSEN (Espanha)**

## Depois do final de análise e do passe, uma experiência

O tema que nos convoca nesta III Jornada Internacional de Escola, a escola diante da prova do passe, é sem dúvida crucial, imprescindível para uma Escola que pretenda seguir autenticamente viva e na brecha da confrontação com a subjetividade da época. Pode-se afirmar, sem dúvida, que centrar-se na experiência do passe e seus ensinamentos é o principal recurso de que dispõe os analistas de hoje para lutar contra a atonia do discurso analítico no mundo e também dentro da própria comunidade analítica.

De minha parte, fiz a experiência do dispositivo do passe em distintas posições, como passante, como passadora e como membro do Cartel do passe. Entre elas, escolhi referir-me aqui a minha experiência de passante, porque por um lado constitui um aporte ao tema do “depois do final da análise e do passe” e por outra parte permite fazer inferências relacionadas com o passador, o Cartel do passe e o A.M.E.

<sup>76</sup> J. Lacan, Posfácio ao Seminário 11. In; *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

<sup>77</sup> J. Barnabé, P. Chamoiseau et R. Confiant, *Éloge de La créolité*, Paris, Gallimard 1990, p.43.

O elemento que tomo como ponto de partida do presente trabalho é o surgimento de um “efeito-afeto” inesperado, anos depois do final da análise e do passe.

### **Recordatório das coordenadas**

No Encontro internacional dos FCL de 2000 apresentei um trabalho intitulado “*Por un pase que no devenga impasse*”, no qual transmiti um pouco de minha experiência particular como passante. Uma experiência que teve lugar há quatorze anos, no marco da EEP (Escola Europeia de Psicanálise). Sete meses depois das entrevistas com os passadores recebi a seguinte resposta do Cartel do passe: “O cartel não dispôs de elementos que lhe permitissem pronunciar-se sobre este testemunho” (*Le cartel n’a pas disposé d’éléments lui permettant de se prononcer sur ce témoignage*).

Esta resposta provocou em mim uma primeira reação de insatisfação, não tanto pela não nomeação de A.E, mas pelo impasse epistêmico que implicava, pois eu a recebi como uma resposta vazia. Naquele momento, tal resposta não podia significar outra coisa para mim que: ou bem os passadores não haviam aberto a boca, coisa impensável, ou bem os membros do Cartel haviam permanecido surdos. No entanto, o vazio do enunciado produziu efeitos, pois me moveu a solicitar um encontro com o Mais-Um do Cartel, que esclareceu os seguintes pontos:

- primeiramente disse que a resposta do Cartel se referia exclusivamente á nomeação de A.E.

- em segundo lugar, que a não nomeação se fundava na ausência de articulações lógicas e

- e por último que o Cartel considerava que se tratava de uma análise finalizada, razão pela qual não fazia nenhuma recomendação nem sinalização relativa à continuação do processo analítico.

Estes esclarecimentos por parte do Cartel não fizeram senão aumentar de minha parte o impasse epistêmico, uma vez que eu não conseguia pensar quais poderiam ser as articulações lógicas que esperava o Cartel. Articulações sem dúvida fundamentais, uma vez que dependia delas a autenticação do desejo do analista.

De novo o impasse epistêmico, acompanhado de um sentimento de insatisfação, me moveu ao ato. Nesta ocasião escrevi uma carta ao responsável pelo Secretariado do passe, figura que naquele momento coincidia com o presidente da EEP, era a mesma pessoa. Na carta expunha, de forma argumentada, minha experiência no dispositivo e solicitava que fosse transmitida ao Colegiado do Passe, para que constasse como aporte ao estudo da experiência em curso.

Qual não foi a minha surpresa, quando alguns meses mais tarde o Secretariado do passe me comunicou que meu nome era proposto como passadora, sem argumentar também o porquê dessa proposição. Em seguida, cito o que escrevi quando testemunhei publicamente sobre esse ponto há onze anos: “... o que me ficou atravessado, em impasse, da experiência do passe, não foi tanto a não nomeação, como o que não passou do Cartel ao passante acerca das razões que sustentaram seu julgamento, nem das razões pelas quais se decidiu me propor como passadora, em resumo, o impasse no nível do saber”.

No entanto, é agora, muitos anos depois, quando posso testemunhar a experiência de um afeto, que creio poder considerar de satisfação do fim. Um afeto ligado à resolução do impasse ao qual me referi.

O que ocorreu para que isso pudesse acontecer?

Localizo a causa na renovação da concepção do passe que ocorreu a partir do trabalho sobre o “Prefácio a edição inglesa do Seminário XI”, de Jacques Lacan, 1976, um trabalho que permite plantear “outro passe”.

### A resolução do impasse

A formulação de “outro passe” surge como consequência do trabalho sobre o texto citado e também da experiência efetiva do dispositivo do passe, da qual dão conta os trabalhos publicados em *Wunsch* 8, 9 e 10. Trata-se de uma reformulação que teve efeitos sobre a minha própria experiência de passante.

Desde a noção de Inconsciente real (ICSR) e suas incidências possíveis na clínica de uma análise – particularmente no seu final – a passante pode agora revisitar os marcos de seu percurso analítico. Um percurso que abarcou quatorze anos, escandidos em três etapas.

Os marcos mais destacáveis desse percurso são os seguintes:

– uma demanda de análise após um atravessamento selvagem do fantasma e apresentado uma sintomatologia de conduta pro pia do registro da angústia. Esta sintomatologia cursava com um debilitamento da relação inconsciente-linguagem, até o ponto em que o sujeito pensava não ter inconsciente.

– a entrada em análise abriu as portas para as formações do ICS-linguagem e o trabalho analítico lhe permitiram desvelar a trama simbólica subjacente às suas coordenadas particulares, assim como desencadear o trabalho de *hystorização* correspondente, o que lhe trouxe notáveis benefícios terapêuticos.

– por outra parte pode ir cingindo suficientemente seu estilo de gozo, que não permanecia fixado a nenhum objeto particular isolável. Razão pela qual não contava com uma fórmula de fim de análise, tal como rezava a doxa do passe vigente naquele momento.

– posto que ainda estava aferrada ao Sujeito suposto Saber da psicanálise, se propunha, custasse o que custasse, a alcançar um final de análise como é devido, um daqueles que permitissem escrever o matema do próprio fim de análise. Este propósito o levou a pedir uma reanálise (*tranche d'analyse*) para supostamente poder encerrar desse modo ideal.

O que aconteceu neste último tempo de análise?

Aconteceu que a analisante prosseguiu sem encontrar a fórmula de seu final de análise. No entanto encontrou outra coisa inesperada: a queda da transferência ao Sujeito suposto Saber, experimentada como certeza de que a transferência analítica se havia esgotado – espremida até sua última gota. Esta certeza, por outra parte, não mudou com o passar dos anos. A sorte para a analisante foi contar nesse momento com um analista capaz de reconhecer esse momento de destituição subjetiva e aceitá-lo como ponto final. Um final que hoje posso formular como a experiência do limite quando se depara com o Real como o impossível de escrever.

Colette Soler em seu livro *Lacan, l'inconscient reinventé*, se refere a “as *negatividades da estrutura*” que Lacan localizou como funções do real no saber, negatividades que, cito: “... programam limites inevitáveis da elaboração analítica, (os quais) valem como (presença) do Real dentro do Simbólico”.

Alguns meses depois do final da análise, a analisante decidiu apresentar se ao passe, com a intenção de submeter sua experiência ao dispositivo e com a expectativa de alcançar uma elaboração de saber que satisfizesse um pouco mais.

O que obtive, no entanto foi como já disse uma resposta vazia, que então não satisfiz, mas que agora, no “*après coup*” e a partir da concepção do passe ao Real, pode considerar se pertinente. Pois é agora que posso captar a dimensão equívoca, quase chistosa, da resposta do Cartel. Certamente a frase: “*El cartel no ha dispuesto de elementos que le permitan pronunciarse sobre este testimonio*” admite no mínimo um duplo sentido. Por um lado, pode e entender se que o Cartel esperava que a elaboração de saber viesse oferecida pela passante, ficando para o Cartel unicamente a tarefa de escutá-la e sancioná-la como válida (a falta neste caso cairia do lado do passante). Mas, por outro lado, se pode entender que é o Cartel quem não dispunha de elementos para pronunciar se sobre aquela experiência analítica que não se encaixava na doxa contemporânea do passe (neste caso a falta corresponderia ao Cartel).

Em todo caso o importante a destacar é que a resolução do impasse agora, anos depois do final da análise e da experiência no dispositivo do passe, permitiu que a falta em saber – caísse do lado do Cartel ou do lado do passante – transmutara em ganho de saber a partir da concepção do Inconsciente Real e suas consequências na clínica das análises e do passe, com a correspondente mudança no nível do afeto, agora satisfatório.

**Que consequências podem inferir se desta experiência em relação aos passadores, os AME e os membros do Cartel do passe?**

Em primeiro lugar se pode concluir que a experiência no dispositivo do passe está condicionada em todos os níveis, passantes, passadores, A.M.E.s e Cartel do passe, por dois fatores: a concepção epistêmica do passe com a qual se encara a experiência do dispositivo e a própria experiência analítica de cada um dos distintos participantes no dispositivo.

Em sua intervenção em Buenos Aires, agosto 2009, Colette Soler disse que havia detectado um grande problema estrutural no dispositivo do passe tal como se aplicava no Campo Freudiano. Tal dificuldade, disse, tem sua razão de ser, porque revela a diferença que se produz entre o que dizem os textos de Lacan sobre o passe e sua aplicação nos casos concretos.

Ela destacava que tanto na Proposição de 67 como no El Prefacio de 76 se trata do mesmo: se trata de examinar, no passe “a estruturação analítica da experiência que condiciona o passe ao ato analítico ou ao desejo do analista”. E em continuação diz: “Pois bem, não se pode esperar do passante que ele mesmo de a fórmula deste passe ao ato, devido ao estatuto de tal ato.” E um pouco mais adiante acrescenta: “As fórmulas mais tardias de 76 que definem um passe não pelo objeto, mas pelo real... implicam a mesma impossibilidade por parte do passante, já que... não se pode dizer verdadeiro do real...” E prossegue: “A tarefa cabe, portanto aos Cartéis... (a tarefa de) reconhecer as condições de possibilidade do ato analítico que o passante não pode enunciar em termos de verdade”.

Portanto, há coisas que tocam a experiência do real, que o passante não pode dizer sequer transmitir de forma intencional, mas que, no entanto podem chegar ao Cartel e este deve estar em condições de reconhecê-las. Evidentemente que para isso é imprescindível um passador capaz de funcionar como receptor e portador do real.

O passo epistêmico que se constata entre 1967 e 1976, um passo que renova a teoria e prática do passe, põe o acento na revalorização da dimensão do real - dentro e fora do simbólico - um real impossível de dizer. Isto requer então o recurso a vias de transmissão alternativas à da estrutura da linguagem, as quais se desdobram no campo do sentido e da verdade. Entendo que se trata de poder permitir se o uso de outras vias, mais acordes ao funcionamento de *lalangue*, em si mesma insensata, mas carregada de gozo, assim como desenvolver novas sensibilidades capazes de captar e transmitir isso vivo mais além da palavra e da linguagem.

Em sua crítica ao contrassenso que se produz na aplicação do passe na ECF (Escola da Causa Freudiana) e AMP (Associação Mundial de Psicanálise), Colette Soler sustenta que: se bem a fórmula do passe clínico na Proposição de 1967 é “a destituição de um sujeito que dá conta de seu ser de objeto”, a tradução desta fórmula na prática do dispositivo do passe não é tão evidente, pois “saber-se objeto não implica saber que objeto se é, pelo contrário. Saber-se objeto é ter percebido que o objeto faz furo no saber e que, portanto é impossível dizer o que é tal objeto”.

Acrescenta que contra o que alguns possam pensar, se trata de um “não saber” que não facilita as coisas, pois “são necessárias muitas elaborações de saber para perceber ou delimitar um furo no Outro”. Não é portanto propriamente um “não saber”, mas sim – e cita Lacan na Proposição – “(um) saber vão de um ser que se furta”.

Prossegue evocando que certamente o objeto – que é furo no saber e, portanto sem imagem nem significante – pode, no entanto ser imaginado e se imagina a partir da pulsão.

Disso são exemplo as substâncias episódicas do objeto: olhar, fezes, seio, voz. Mas faz a precisão de que imaginar se objeto no e saber-se objeto. Acrescenta que a representação do objeto se encontra na clínica de uma análise desde seu início, não é, portanto algo que tenha que ocorrer ao final da análise, pois é algo que está vinculado ao fantasma, o qual se trata precisamente de atravessar. Saber-se objeto é, ao contrário, ter desprendido do objeto os significantes corporais, tê-lo reduzido ao lugar que lhe corresponde no Outro, o do furo, onde falta o significante. E apostila: “Um sujeito que se faz representar pelos significantes do objeto não é um sujeito destituído. Entre “saber-se objeto” e saber que objeto se é, há exclusão. É ou um ou outro. Por isso na aplicação do passe na AMP se dá um contrassenso produzido pela confusão do fantasma com o real do inconsciente.”

Esta linha argumentativa a leva a concluir que a instituição objetual ou real de final da análise não é uma instituição pelo saber, mas, ao contrário, pelos limites do saber. Daí que o peso da elaboração de saber sobre o passe recaia necessariamente sobre os Cartéis do passe.

Creio que o caso particular de passe ao qual me referi anteriormente mostra bem como aquele Cartel do passe operava a partir de um determinado saber constituído sobre o passe, uma doxa sem brechas. Esta é uma posição que está nas antípodas do que aponta, por exemplo, Sol Aparício em sua intervenção A ignorância dos Cartéis em *Wunsch 8*.

E efetivamente, a produção que se está recolhendo a partir das experiências de passe no Campo Lacaniano (ver *Wunsch 8, 9 e 10*) mostra que existem novas e variadas elaborações epistêmicas sobre o passe, aportadas desde a experiência dos diferentes protagonistas do dispositivo: membros do Cartel, passadores, AE, passantes.

#### **Para concluir: a satisfação de seguir passando**

Termino esta reflexão enfatizando o profundo impacto - poderia chamá-lo afeto/efeito (*effé(e)t*)? - que a renovação da teorização do inconsciente e suas consequências sobre o dispositivo do passe causaram em minha própria experiência de analisante/passante.

Entendo que se trata de um passo de saber que aceita estar habitado pelo “não saber” para deste modo dar mais peso ao real da experiência, um real ao qual Lacan foi dando cada vez mais lugar e relevância à medida que avançava em seu ensino e em sua experiência.

O que parece por tanto depositar se finalmente da experiência do discurso analítico e de sua razão de ser – ao menos para mim - é esse incessante “seguir passando”, tanto no nível particular como coletivo, na Escola. Um “seguir passando” que proporciona satisfação própria a cada vez que algo novo consegue abrir caminho, mas que nos leva também a expor a experiência para a elaboração coletiva, na medida em que esta multiplica as possibilidades de extrair saber do real da psicanálise.

*Tradução de Maria Luisa Rodriguez Sant’Ana*

#### **Bibliografia**

- MARTÍNEZ, Ana. *Por un pase que no devenga impasse*, 2000, Link 4 (castellano) y Actes du Rendez-vous international, Paris juillet 2000
- SOLER, Colette. *Las condiciones del acto ¿cómo reconocerlas?* 2009, Wunsch 8
- SOLER, Colette. *Lacan, l’inconscient reinventé*, Puf, Paris 2009.

Diego MAUTINO (Itália)

Do tripode ao *tripudium*<sup>78</sup>

“Poder-se-ia portanto dizer que o falante que tem um corpo tem dois mestres: o Outro, por ser falante e o real, por ser ele vivente”<sup>79</sup>.

Lacan designa o laço social pela palavra discurso, o que traz implicações entre a psicanálise e a política. Na ordem social estabelecida pelo discurso do mestre, o significante mestre tem uma função de coletivização e faz marchar todos mais ou menos na mesma cadência – sancionando, conforme a lei, os pés que marcam tempos de discórdia. É um princípio de ordem, arbitrário, que pode-ser contestada, em nome de uma ordem que seria melhor. Este é o princípio das revoluções. Lacan diz que a revolução consiste em voltar ao ponto de partida, como ocorre com a revolução dos planetas – é uma expressão para dizer que isso só pode levar a um outro significante mestre. Isso ocorre porque não há ordem que seja independente de um significante mestre, já que a função do significante mestre [S1], em todo o discurso, é o de introduzir um princípio de legibilidade que permite apreender a maneira pela qual está ordenado aquilo que é dito.

A noção de discurso *analítico* – isto é, uma espécie de laço social regulamentado pela linguagem, com incidência e presença entre os outros laços sociais – implica que a *práxis* da psicanálise tenha um alcance político. Onde há psicanalista, Lacan fala “em sustentar a carga”, e em todos os lugares, se podem observar tentações de abdicar dessa carga. Um dos efeitos é a ilegibilidade da realidade de nosso tempo – que impele a utilizar como recursos gurus e especialistas, em relação a que Lacan indicou como causa: “a deterioração da função do significante mestre”. Ressaltou, ainda, o afeto que emerge daí: a vergonha<sup>80</sup> de viver e – na sua função de limite – as voltas dos ditos (*L’étourdit*) em torno do furo, dos *dizeres impudentes*, a saber, estes que não se sustentam nem de um significante mestre, nem de um saber assegurado, face ao que ele nomeou “o horror do ato”.

Ao ler a “Nota Italiana” desde o primeiro parágrafo, encontram-se em relação a esse ponto de vista, referências preciosas. Havia três pessoas que gostariam de criar uma Escola na Itália [1973], o analista da *Realpolitik* do nossos tempos, calculando interesses e negociações – teria aproveitado a ocasião para a expansão geográfica; Lacan, no entanto, é contrário à *Realpolitik*. Enquanto isso, demanda-se a ele uma Escola e ele responde através de uma escansão irônica: “o grupo [italiano]”, acrescentando que, se se quiser criar algo, será através da prova do *passé*, do qual ele formula o princípio. Ele propõe, além disso, uma eventual composição do dispositivo: os três que lhe demandam em função dos passadores e o Júri de Paris [EFP]; os *passantes* nomeados representariam os primeiros Membros de uma eventual *Escola* italiana, correndo o risco “de que não o haja”.

Essa proposta impraticável, mais do que revelar uma incapacidade política, contesta, no entanto, uma expansão que colocaria de lado a extensão do discurso analítico, sujeito à análise do analista e à sua avaliação através do *passé*. Mais do que ampliar o âmbito da *Realpolitik*, esta resposta implica que a extensão da psicanálise não se situa na expansão [geográfica], mas na *intensão* [discurso].

<sup>78</sup> Breve comentário do Seminário de estudo de texto: J. Lacan, “Nota Italiana”, a partir do trabalho de C. Soler [2007/2008], em curso no Espaço Escola de Práxis-FCL na Itália, Roma, 2011/12.

<sup>79</sup> C. Soler. Estatuto do significante mestre no campo lacaniano, *Mensuel* nº58.

<sup>80</sup> J. Lacan. “Isto pode ser bem isso [a vergonha], o buraco de onde jorra o significante mestre”. *O Seminário XVII, O Averso da Psicanálise*, Paris, Seuil, 1991.

Lacan denomina o grupo italiano “trípode” – que pode bastar-se para sentar-se sobre si – onde fazer assentar o discurso psicanalítico e colocá-lo à prova: o uso decidirá quanto ao equilíbrio de algo que não seria portanto grupo, mas de preferência Escola – opondo ao grupo o discurso analítico. Desde as primeiras palavras ele enfatiza a oposição entre grupo e discurso analítico.<sup>81</sup>

A *Nota* continua: “Que ele pense ‘com os pés’, eis o que está ao alcance do ser falante desde o primeiro vagido”.<sup>82</sup> Qual a lógica que se associa às quatro primeiras linhas desta aqui? Pensar ‘com os pés’ é uma tese de Lacan oposta ao discurso corrente: “pensar com a cabeça”. Ele decide assim a respeito da questão de saber se se pensa para nutrir a mentalidade ou se, ao contrário, se pensa para a ação, para avançar – pensar “com os pés” é, portanto, um pensamento prático, orientado para a ação.

“Além do mais, far-se-á bem em considerar como estabelecido, neste ponto, que o voto pró-ou-contra é o que decide quanto à preponderância do pensamento, caso os pés marquem um tempo de discórdia.”<sup>83</sup> Quando não há pensamento ‘com os pés’ – quem sabe para onde vai e o que se pode seguir – a saber: quando os pensamentos discordantes não se ancoram em uma ação orientada, os pés tropeçam e não se sabe como seguir em frente, portanto, é preciso outra coisa para decidir... e o que resta disso? Resta a democracia, o voto pró-ou-contra.

“Se os pés marcam o tempo da discórdia” se a orientação fracassa, segundo Lacan, quando isso acontece, não resta senão contar, a saber a democracia; assim se pode perceber que, desde seu início, esse texto diz respeito à política da instituição analítica, com a alternativa: ou bem a Escola, ou bem simplesmente a agregação, o grupo.

Lacan está em contraste com nossa civilização que ao longo dos séculos transmite a ideia de que se pensa com a cabeça. Assim, rompendo-se essa ideia, embora trilhando novos caminhos, o “pensar com os pés” convoca o corpo, ao invés do sujeito puramente suposto pelo significante [sem corpo]. Essa referência implica, para o falante, um corpo que tem dois mestres: O Outro, por ser falante [portanto submisso ao princípio binário da linguagem], e o real vivo, com o qual ele é “trividido” [composto de três consistências]... *amalgamado*, o *falasser (parlêtre)*.

Portanto, não podemos mais nos contentar com a binariedade [estrutura binária da linguagem, bipolaridade da estrutura do discurso], e por isso Lacan nas suas elaborações passou para o três. Hipótese: que o três não seja o do trípode, para se adormecer em cima [ou dormir sobre os louros como no ditado], mas na *impudência do dizer*<sup>84</sup> no *tripudium*: este também formado do latim *tri-* “três” e *pes, pedis* “pé”, que implica seja *ir*, seja a raiz *pu* bater, apalpar, bolinar... com o pé, ao passo cadenciado em três tempos, exultante, sobre as bases pelas quais somos responsáveis.

*Tradução de Bela Malvina Szajdenfiszx  
Revisão de Dominique Fingermann*

<sup>81</sup> J. Lacan, “Tal como se apresenta, o grupo italiano tem a seu favor ser trípode. Isso pode bastar para fazer com que nele sentemos. Para assentar o discurso psicanalítico, é hora de colocá-lo à prova: o uso decidirá de seu equilíbrio”, “Nota Italiana” In *Outros escritos*, Seuil, Paris 2001, p.307, trad. it. “Nota italiana” em [www.praxislacaniana.it](http://www.praxislacaniana.it).

<sup>82</sup> J. Lacan, *op. cit.*, p. 307.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 307.

<sup>84</sup> J. Lacan, “O laço do gozo da mulher à impertinência do dizer, é o que me parece importante para sublinhar [...] seu gozo não estaria fundamentado em sua própria impertinência.” In: *Os não tolos erram*. Lição de 11 de junho de 1974.

## A Escola: em consequência de causa

Carmen GALLANO (Espanha)

# A designação de passadores: uma aposta orientada

Lacan, em sua nota sobre “A eleição dos passadores” (1974), coloca que uma coisa é dar testemunho “dos primeiros passos na função do analista” – e que isso não é “indigno” do passante, mesmo como “funcionário do discurso analítico”, como mais frequentemente é o caso – e outra coisa é como um analisante “torna-se um passador”. Pois “qualquer um não poderia interrogar sobre isso a outro, mesmo quando ele mesmo está tomado nisto”<sup>85</sup>. E a respeito articula a dimensão da verdade com o desejo de saber.

Lamentamos mais de uma vez nos cartéis do passe como alguns passadores não souberam interrogar aos passantes, o que dificulta que se “passe” o testemunho. Não citarei aqui os diferentes modos de impasse na posição de alguns passadores em relação com os passantes e na sua transmissão no cartel. O fato é que cada impasse na posição questiona a designação desse passador por um A.M.E. Assim, a experiência dos cartéis do Passe nos confronta a uma hiância que está assinalada indiretamente na Nota de Lacan sobre a eleição dos passadores. Pois os A.M.E. foram nomeados pela Escola como “funcionários do discurso analítico”, deram provas de sua prática analítica em seus trabalhos, mas a maioria deles não passou pelo procedimento do passe. Então, nada assegura que saibam perceber em um analisante que ele esteja no passe e de que, pelo seu passo, sua relação com a verdade ao desejo de saber, possa desde “o saber do inconsciente de sua própria colheita” “localizar outros saberes”, si sua verdade “não compareceu barrada”.\*

Propus no CIG que cada vez que um passador não funciona bem para dar um “justo testemunho”, indica-se ao A.M.E. que o designou. Parece-me que isso é essencial para que os A.M.E. se interroguem sobre como designam aos passadores. Porém, o que é um justo testemunho? A meu entender, seguindo Lacan, o do passador que havendo sabido interrogar o passante, pôde localizar os impasses no testemunho ou surpreender-se com o dizer e o saber do passante das consequências nele de seu passo ao real e, então, seu juízo íntimo será que há passe e A.E. a nomear.

Interroguei-me como AME sobre as designações de passadores que modestamente pude realizar na Escola, e convidei a cada A.M.E. a fazer o mesmo. Se não me equivoco, foram cinco:

- dois passadores com análises terminadas que, pouco tempo depois, fizeram o passe, um foi nomeado A.E. e outro não (antes disso, um deles foi passador e o outro não);
- o terceiro, que concluiu sua análise há pouco tempo; somente exerceu uma vez e não obteve do cartel, eco algum de seu funcionamento; não fez depois o passe;
- o quarto exerceu por várias vezes e teve ecos muito satisfatórios dos cartéis; continua em análise e se atesta nele o desejo de dar testemunho como passante;

<sup>85</sup> “Nota sobre a designação do passador” In: *Thesaurus* (Wunsch 11). “N’importe qui ne saurait en interroger l’autre, même à en être lui-même saisi”.

\* Tradução que proponho para o duplo sentido da expressão de Lacan “sa propre vérité n’est pas venue à la barre”.

– o quinto, que continua em análise, recentemente designado, ainda não teve ocasião de exercer, pela escassez de demandas de passe em nossa comunidade espanhola.

Tem que precisar que as primeiras designações de passadores que fiz eram de analisantes que haviam terminado suas análises, já que os avatares da crise crescente na AMP não me incitavam a designá-los como passadores lá. Pois o único passador que eu havia designado, em 1996, foi excluído, sem me darem explicação alguma. Tive que supor que era por eu haver sido, como A.M.E., considerada *persona non grata* à política da AMP.

À luz dessa casuística de minha experiência, desde 2002, em nossa Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, só posso concluir que a aposta de designar um passador – seja pelo modo de concluir sua análise de analisante, seja porque atravessa um dado momento de sua análise – é uma aposta, mas não às cegas, pois o A.M.E. deveria poder fundamentar. Em meu caso, fiz esse trabalho caso por caso, no *après-coup* do que sucedeu depois na análise desse sujeito. Convido cada A.M.E. que designa um passador a fazer esse trabalho de localização dos fundamentos de sua designação: resultou-me muito frutífero. Evidentemente, não posso apresentar publicamente os casos. Essa elaboração me fez questionar uma das designações, que talvez tenha sido precipitada: havia só o instante de ver.

Vejo, *après-coup*, que nas designações acertadas, houve um instante de ver, ocorreu-me que esse analisante, a partir do que atravessa em sua análise “poderia fazer-se um passador”, porém me dando o tempo, sem pressa, de verificar se em sua análise, o analisante voltava sobre o instante de seu passe, com consequências de elaboração e mudanças de posição subjetiva. Coloquei-me algumas perguntas simples a respeito desses analisantes nesse tempo de compreender:

Pode ouvir algo de seus congêneres sem as orelheira de seu fantasma? Pode não identificar-se com seu passante ou não lhe ser hostil se não identifica-se com ele em seu modo de gozo, dizer ou saber? Autoriza-se a interrogar a posição de outro sujeito frente ao A barrado? – seja o furo no saber ou o sem sentido das marcas da alíngua que fizeram seus sintomas; seja frente a castração feminina e a alteridade feminina, seja os efeitos da queda da identificação fálica que sustentava o fantasma.

E, ainda, outras questões: há um gosto de ocupar-se do que quer saber e não sabe, há um gosto por dizer o que o anima a partir de sua verdade íntima? Há ou não uma adesão ao seu gozo, ou um desejo de desprender-se, seja passando por um momento de afundamento depressivo e sem bússola alguma para o desejo?

Não há nenhuma doxa em minhas perguntas sobre o caso do analisante que vejo como passador potencial e nem sequer estou segura de que o que refleti seja o essencial do que me animou a designar passadores. De fato, foi um excelente passador um analisante que está levando ainda um tempo em sua análise, explorando suas aderências a sua posição de gozo, fixada em seu fantasma. Ele o sabe e ainda que padeça dela, não interfere para recolher e interrogar o testemunho de outros sujeitos no procedimento do passe.

Em outro caso, o fim de sua análise não modificou seu sintoma em relação com os outros, o que lhe traz alguns problemas na comunidade, e sem dúvida, seu desejo de analista, de saber, ao haver passado pelo real que fez cair seu agudo laço com a verdade, o faz um bom analista que contribui com um a mais à Escola.

E ainda em outro dos casos, quicá caiu na posição do passador que sabe pescar o que habita seus congêneres, com serenidade e tato, porém sem dar o passo de contribuir ao saber no Passe. Então, nem todo passador decide logo tornar-se passante; nem é obrigatório.

Também comprovo que há analisantes que obtiveram excelentes resultados terapêuticos de suas análises, porém ainda que sejam praticantes da psicanálise, nem em seu desejo de saber nem naquilo que aventuram de seu dizer – que é pouco, por continuar remetendo-se ao Outro – mostram um desejo de analista. Também em minha prática há

analísantes de fora do campo analítico, que seriam excelentes passadores, mas não teria sentido designá-los, pois sua atividade e seus desejos têm pouca relação com a psicanálise.

Enfim, este assunto é complexo: não estão todos que são, nem os que estão são os que têm de ser. A solução, nas condições atuais de nossa Escola, não pode ser maximalista. Se se restringir a designação de passadores aos AE, como Lacan fez um tempo na E.F.P., haveria muito poucos. Ademais, convêm que em nossa Escola, os A.M.E. não se aferrem em sua cômoda posição, na instituição e para o exterior, de ter adquirido o título como se já não tivessem que prestar contas de nada. Melhor que a Escola os confronte a responsabilizar-se de sua tarefa de designar passadores, por arriscada que seja. E para aliviá-la, nada melhor que dispor-se a elaborar o que os incitou, em seu juízo íntimo de analistas, a designar um passador, ainda que não possam fazê-lo em público, e que questionem profundamente quando um cartel do passe lhes devolva que um passador nomeado por ele, não funcionou como pode esperar-se de um passador. Insisto nisso, proponho que deve fazer-se isso nos cartéis do passe, em comunicação ao CIG e seus secretários. Pois é um problema para o passe que se faz presente nos cartéis do passe.

Isto faz sintoma em nossa Escola. E de que? A meu entender, da não coincidência entre a lógica da nomeação dos A.M.E. e a lógica da transmissão da psicanálise no dispositivo do passe. Para não perpetuar esta brecha, ou pior, estas linhas paralelas sem intersecção entre o reconhecimento institucional do A.M.E. e o que a Escola requer para o passe, que designem passadores propícios para dar um justo testemunho.

Nenhum dos concernidos pelo passe têm a solução. E sabemos que o passe é uma experiência sem garantia. Justamente por isso, é a aventura da transmissão da psicanálise, via o um a um dos singulares desejos daqueles analisantes – não são muitos – que tornam-se analistas.

Acaso o A.M.E. poderia dormir com seus lauréis sem interrogar-se como nele produz-se e segue ou não em ato seu desejo de analista com cada analisante?

*Tradução de Andréa Brunetto*

**Luis IZCOVICH (França)**

## A doxa e a comunidade de Escola

### Habituar-se ao Real

Há um problema concernente à interpretação do ensino de Lacan e, portanto, às suas consequências. Se se isola uma frase de seu contexto e, adicionalmente, se a dissocia do conjunto de seus ditos, arrisca-se interpretá-la no sentido contrário. Esse risco se reduplica com outro, aquele de congelar uma doutrina e tentar ordenar ao redor dela a experiência da análise, fazendo, então, o contrário do que Lacan propôs, isto é, de se servir da experiência para avançar na teoria. A fixação da doutrina fora da experiência é um efeito do discurso do mestre, que sempre espreita a comunidade de Escola. Tomemos um exemplo, entre outros, de possível interpretação. Quando Lacan, em sua conferência pronunciada em Roma, em 1974, *A terceira*, serve-se da formulação “deve-se poder habituar-se ao real”, faz ele referência a uma posição conformista que o analisante e o analista devem adotar quanto ao gozo impossível de reabsorver ou, ao contrário, a referência seria a de ter o real em conta, no sentido em que a análise deve permitir ao analisante ser capaz de ter em conta a existência do real para orientar-se depois da análise?

Percebe-se bem dois polos bem distintos, que condicionam duas posições diferentes do tratamento e da política de uma análise, e isso comporta consequências para o que segue uma análise. É certo que a diferença de interpretação dessa fórmula possui uma incidência na experiência do passe e afeta o julgamento do cartel. Assim, no primeiro caso, isso daria uma posição minimalista da análise, “habituar-se ao real” pode querer indicar, com efeito, uma adaptação ao insuportável, uma espécie de acomodação ao impossível. No segundo caso, “habituar-se ao real” inclui sua tomada em conta, o que não implica forçosamente um sujeito mais inclinado à prudência, mas um poder fazer, único, sem precedente, sem modelo, portanto, com as manifestações do real. Decorrem, portanto, dessas duas possíveis interpretações do texto de Lacan, duas posições distintas quanto ao insuportável.

Assim, a fórmula “habituar-se ao real” não pode ser dissociada daquela em que Lacan propõe um saber fazer com o sintoma ao final da experiência de uma análise. Ela não pode ser dissociada tampouco da proposição de identificação ao sintoma ao final. Deduz-se que esse saber fazer, que não é um aprendizado técnico, é novo e que ele constitui a separação fundamental entre “habituar-se ao real”, como ele se manifestava no início da experiência da análise, e o saber fazer com o real, impossível, do fim. É necessário notar que é na mesma perspectiva que Lacan avança o tema da coragem, que ele põe em relação com o insuportável.

### **A coragem frente ao real**

Com efeito, ele coloca uma posição ética frente ao insuportável que comporta um mais além de se habituar. É explícito, no seminário *Mais...ainda*, no qual ele evoca a alma como o que permite suportar o intolerável do mundo, e é a esse propósito que Lacan introduz a noção de uma paciência da alma e a “coragem para enfrentar”<sup>86</sup>. Enfrentar o intolerável do mundo não quer dizer aceitar suportar, mas mais propriamente, perseverar em seu desejo. Isso dá a idéia de uma escolha do “fala-ser” ao final da experiência e a indicação de sua maneira de fazer face às manifestações do real.

Percebe-se que a coragem frente ao insuportável não é a resignação, nem a maquiagem do real traumático que determina o sintoma fundamental do sujeito, mas uma posição nova do ser que correlaciona sua ação a seu desejo. Seria isso um fundamentalismo do desejo? Esse seria o caso se esse desejo estivesse ao serviço do gozo. Aqui, a questão capital que o passe explora é de saber qual é a operação na análise que conduz um sujeito a não renunciar de seu desejo, o que não é a mesma coisa que não renunciar de seu gozo. Por vezes, o limite é ténue.

Evoquei o fato de que existem consequências concernindo à interpretação de Lacan. Evoquemos esta aqui, que está longe de ser menor. Ela diz respeito ao que está em jogo na experiência do passe. O cartel deve satisfazer-se, para uma nomeação, quando o sujeito se acomodou ao real do trauma, ou, mais bem, deve se satisfazer quando consegue perceber que um novo saber está em curso no sujeito, um saber fazer que inclui o real? Compreender-se-á facilmente que as opções de leitura condicionam as posições no julgamento.

É provável também que se leia e que se interprete Lacan em função de sua própria experiência de análise. Uma coisa é certa. À luz do conjunto dos ditos de Lacan, parece-me incontestável que “habituar-se ao real” não é resignar-se a aceitar o inaceitável, mas necessita uma mudança de posição fundamental entre o que foi o início da análise e sua conclusão;

Pois “habituar-se ao real” pode querer dizer colocar na surdina suas manifestações. O que fazem os cognitivistas, quando, em face do pânico de tomar um avião, propõem a repetição do exercício até a exaustão do afeto de pânico. É uma forma de habituação ao real que igualmente o mascara. Convém aqui evocar a distinção feita por Michel Bousseyroux entre o real como tampão e o real tampado (*Wunsch* nº10). Pois o real pode ser tampado pelo fantasma, mas também por uma espécie de repetição na experiência que tenta atenuar suas manifestações. O sujeito pode, portanto, às vezes, encontrar a parada que mantém à distância

<sup>86</sup> (N. do T.) A passagem mencionada pelo autor não foi localizada.

as manifestações do real, ao ponto de não ser por elas afetado e, mesmo quando os semblantes tenham vacilado, ele pode capturar um novo semblante atrás do qual se refugiar. Servir-se de um novo semblante não é, portanto, índice de uma mudança em relação ao real, mas pode ainda estar a serviço de mascarar-lo. Pode-se pensar que seja uma maneira de saber fazer (*savoir y faire*), salvo que ela implica em uma ausência de mudança no sujeito no que concerne o real do início da análise. O resultado pode ser benéfico, mas insuficiente, pois a psicanálise se reduzirá a uma cura cognitivista de longa duração no pior dos casos, ou a uma boa psicoterapia, no melhor deles.

Tomemos outro exemplo de citação de Lacan, aquele da satisfação. É um fato que todos os passantes se apresentam ao passe e prestam contas da satisfação de concluir a análise. Para alguns, ela revela do ter podido terminar um trabalho que lhes parecia sem fim, para outros, é a satisfação de ter posto um termo na ligação com seu analista. A satisfação pode também mostrar a passagem, no tratamento, da impotência à impossibilidade. O sujeito está satisfeito. Muito bem! Por vezes, alguns estão mesmo um pouco demais, ou então um pouco cedo demais. Alguns se apresentam ao passe para mostrar a que ponto estão com entusiasmo. Freud mesmo advertiu, sublinhou, que nos guardássemos de curar muito rapidamente, o que re-envia ao que da satisfação de uma análise, se ela intervém muito cedo, pode dar lugar a saídas prematuras do tratamento. Que o sujeito evoque que ele está satisfeito, do lado da experiência do passe, isso não se contesta. O cartel apenas constata, mas também se interroga. Por que, uma vez que o sujeito cerniu o impossível, no que toca o sentido, a significação e o sexo, não diz como ele faz, a partir de agora, frente aos impasses concernindo a inexistência da relação sexual? Não haveria mais impasses no fim de uma análise?

### **Mais além da decifração**

Então, como o sujeito “enfrenta”, para retomar a formulação de Lacan evocada concernindo à coragem? Isso indica que existem diferentes níveis relacionados com a satisfação e também que uma satisfação não remete sempre uma satisfação de fim. Convém ainda precisar o que se entende por satisfação do fim. Será que ela remete apenas da percepção do impossível? Como, para “habituar-se ao real”, satisfazer-se do impossível impõe que se distinga dois níveis: um nível em que o sujeito constata que há o impossível, o que certamente conduz a um alívio na posição subjetiva. É seguro que é um alívio concluir que o que não se pode fazer não depende de mim, mas que é estrutural. Um outro nível é o de saber fazer com o impossível. Dito de outro modo, uma separação maior existe entre se satisfazer do impossível e um saber fazer, um “virar-se” com o sintoma.

É essencial ter em conta o fato de que a dimensão do impossível não concerne somente ao fim da análise, pois é necessário apresentar-se frente ao impossível desde o início do tratamento, e a responsabilidade por isso retorna ao analista. É certo que isso que empurra o analista é uma insatisfação do sujeito concernindo as suas satisfações. A interpretação analítica visa desvelar a tela fabricada pelo sujeito. Dito isso, a interpretação inclui, sempre, a presentificação, para o analisante, que a essência de seu ser necessita a ligação com o impossível. Dito de outro modo, ali onde, para o analisante, se trata de um impedimento imaginário, trata-se, para o analista, de mostrar os limites que separam a impotência do imaginário do impossível do real.

Sustentar que uma análise consiste em ir em direção ao real, e que no final se manifeste o inconsciente real, não difere demais de dizer, como já foi sustentado por uma outra comunidade analítica, que o fim de uma análise é encontrar a fórmula de seu gozo, ou ter uma percepção do real.

Pois a questão não é tanto de saber se no fim o sujeito finalmente fez a experiência do inconsciente real, quanto de saber como um sujeito mudou em seu modo de gozar do

inconsciente. É certo, o analista não dá acesso ao inconsciente real, mas a questão se coloca de saber se o manejo da transferência não condiciona as manifestações do inconsciente real.

A resposta a esta questão condiciona a prática da interpretação. Pois não é a mesma coisa colocar a essência da ação do analista somente na decifração do inconsciente, ou colocar que o discurso analítico, tal como Lacan o escreveu na prestação de contas de ...*Ou pior*, como “o dispositivo pelo qual o real toca no real” (*Outros Escritos*, p.545).

Retomo as duas opções anteriormente indicadas: o passante que presta contas das manifestações do real ou o passante que demonstra suas consequências. Seguramente, quando alguém tenta prestar contas das consequências, isso não quer dizer que o cartel esteja convencido. O essencial prende-se ao uso que um sujeito faz dessa experiência que é aquela do encontro com o real.

É demonstrado por Lacan. Se toma-se o texto *O aturdido* em seu conjunto, percebe-se que Lacan avança, de uma parte, que o sujeito é resposta do real, mas de outra, que um saber fazer concernente ao real é requerido para concluir sua análise.

### **O sentido do sem sentido**

O sujeito como resposta do real é o fato do significante asemântico (*Outros Escritos*, p.458), mas isso não quer dizer que é suficiente que essa resposta lhe venha para que se encontre o signo do fim. Ao se juntar essas duas formulações, tratar-se-ia mais de saber como o sujeito sabe fazer de outra maneira com seu gozo a partir do isolamento do significante asemântico.

Não se trata, portanto, de ver aí um modelo do fim. A experiência do cartel do passe mostra que se os efeitos do significante fora da cadeia são decisivos para o fim, e que se trata de ver como um sujeito integra esse fora de sentido ao que ele produziu do lado do sentido, isso não faz uma conclusão única. E, além do mais, Lacan sustentava, ele mesmo, quando colocava, concernindo às condutas frente ao impossível, que não há uma conduta única: “há mais de uma, há até um monte” (*Outros Escritos*, p.489)

O problema, constata-se mais uma vez, não vem de Lacan, mas daqueles que o leem. Isso não quer dizer que eu sustenha uma única leitura de seus textos, uma versão oficial à qual é necessário se conformar, mas mais propriamente que os ditos de Lacan devem ser tomados em seu conjunto, destacando-se, bem entendido, os avanços teóricos. Lacan, em 1975, não diz as mesmas coisas que em 1955, mas trata-se de ver, a cada vez, o que muda na teoria. Além do mais, notemos, por exemplo, que a propósito do significante asemântico, Lacan demonstra que ele já o havia antecipado em 1956 (*Outros Escritos*, p.458). Isso não apaga que ele tenha avançado a medida do passar da experiência novas noções, mas exige, mais bem, integrar essas noções a suas elaborações precedentes. Dito de outro modo, é problemático afirmar que somente o último Lacan conta.

Ora, ao se isolar as formulações do último Lacan, e ao considerá-las como ponto único de orientação na teoria, consolida-se uma doxa que não é sem consequências para o testemunho dos passantes, para a elaboração dos passadores e que condiciona mesmo a escuta dos cartéis. Iríamos tão longe ao ponto de dizer que isso condiciona as nomeações? É impossível de generalizar, mas é um fato que a doxa infiltra insidiosamente a ideia que uma comunidade de escola se faz de um A.E.

Isso levanta ainda uma outra questão que concerne ao laço entre o passe e a Escola. A que ponto considera-se que exista uma ligação necessária, o que coloca também a questão de saber se há uma autonomia possível entre os dois. Há algo em jogo, pois que se adote uma posição ou outra possui consequências sobre a comunidade de Escola.

### **Não sem Escola**

Qual seria a autonomia radical entre os dois, entre o passe e a Escola? Seria criar um dispositivo cuja finalidade central seria a nomeação. É o que existe na França, mas em outros países também, nos quais várias escolas de psicanálise criaram um dispositivo comum para o passe, mas exterior à Escola. Essa não era a posição de Lacan e, a meu ver, sobre esse ponto, nada justifica introduzir uma mudança. Ou, talvez haveria uma razão quando a comunidade analítica é reduzida e não permite fazer funcionar, sozinha, o passe.

Não penso que nosso interesse principal em permanecer com o passe seja a questão da nomeação, mas mais a de nos instruir, como queria Lacan, sobre o que faz decidir um analisante a fazer o passe e tornar-se analista. Se se admite que a questão é, antes de tudo, epistêmica para aqueles que se engajam e para aqueles que participam de uma comunidade de Escola, e que uma Escola é aquilo que cria as condições de possibilidade para apreender essa experiência, daí resulta que o laço entre o passe e a Escola exclui a autonomia do primeiro. É coerente com a Proposição de Lacan, de outubro de 1967, sobre o psicanalista da Escola, o que supõe que não há a Escola, de um lado e a nomeação, de outro. O que se pode deduzir daí? Que isso comporta consequências em cada estágio da experiência: a escolha por parte dos passantes de nossa Escola, para fazer o passe, a designação dos passadores, a nomeação dos A.M.E.s, e até os lugares que reservamos aos A.E.s.

Concernente à escolha de nossa Escola, é certo que não é necessário ser membro da Escola, nem mesmo membro dos Fóruns para fazer o passe, mas o que faz com que alguém escolha nossa Escola para testemunhar? Para o secretariado, é incontestável que a demanda de passe não quer dizer entrada automática no procedimento. No mínimo, o passante deve ser capaz de prestar contas da escolha de nossa Escola para fazer o testemunho.

Se tomamos o nível da garantia, a mesma questão se coloca: é possível pretender o título de AME apenas a partir do fato de dar provas enquanto analista? É suficiente que o supervisor, ou mesmo o analista do futuro A.M.E. louvem as qualidades clínicas do candidato? Constata-se que o título já o indica, A.M.E., analista membro da Escola. Isso quer dizer também, mais além de haver prestado contas de seu trabalho como clínico, haver dado suas provas do laço com a Escola. Portanto, um A.M.E. não é apenas um bom clínico.

No mesmo sentido, seria possível designar um passador somente porque ele está em um momento clínico de passe? Novamente, não penso assim. Estar no passe, segundo a fórmula de Lacan, e se se a aplica ao contexto, ou seja, o da Proposição do psicanalista da Escola, designa não somente um momento clínico interno ao tratamento, mas interpreta, ao mesmo tempo, um laço à escola, uma escolha, aquela do analisante de ligar sua experiência analítica a uma comunidade analítica. Percebe-se, então, que a questão que atravessa todos os estágios do procedimento é aquela da transferência à Escola, que objeta à ideia do término da transferência após uma análise. É, além do mais, bem essa dimensão de transferência que permite responder à questão ainda atual: como um sujeito identificado ao seu sintoma pode ter o desejo de fazer comunidade com outros? Lacan evocava, a propósito dos analistas, ou seja, aqueles para quem houve uma queda das identificações, uma outra identificação, uma identificação a um ponto do grupo.

O paradoxo é que o saber que se extrai do passe descompleta o grupo, desfaz o saber adquirido e introduz um novo enigma. Identificar-se a um traço do grupo requer uma dimensão de transferência, o que não está em contradição com a identificação ao sintoma.

### **O passe não é a democracia**

Poder-se-ia sustentar, a partir daí, que se Lacan preconizou a duração do AE como limitado no tempo, isso prende-se a duas razões: uma do lado do momento do passe, e outra do lado de um laço com a Escola. Do lado do momento do passe, alguma coisa permanece constante, e alguma coisa não. O que permanece constante é a identificação ao sintoma. Ter

isolado seu ser de gozo, e que ele se torne o nome do sujeito é um efeito durável da análise. O que é menos durável são os efeitos de ter apreendido esse momento. Esses efeitos não resistem à usura do tempo. É o que se constata após o fim de uma análise. Sem sermos exaustivos, lembremos isso: retornos do imaginário e o empuxo ao gozo pelas manifestações do fantasma. Há, pois, razões para limitar a duração na função do A.E.

Vamos à segunda razão, menos lembrada. Se o A.E. é enigma, como todo enigma, ele se elucidava com o tempo. Dito de outro modo, se sua função é a de introduzir o novo, esse novo, uma vez absorvido pela comunidade, transforma-se em automaton. É uma questão que não se prende a esse ou aquele A.E., mas à estrutura.

Diremos, portanto, que o passe é efêmero, e que a questão decisiva para nós é de saber como tornar esse efêmero o mais eficaz possível para nossa comunidade. É aí que intervém, nem tanto o laço do A.E. com a Escola, quanto aquele que a Escola reserva aos A.E.s.

Creio que se se considera o passe não somente como um dispositivo de nomeação, mas como o que permite, a cada vez, de interrogar o laço que cada um tem com a psicanálise, isso consiste em dar ao passe um outro lugar que aquele que ele possui hoje em nossa Escola.

Isso concerne, portanto, ao lugar dado aos A.E.s, mas mais amplamente, aos passadores, os passantes não nomeados, e o ter-se disso em conta em nossa concepção da constituição dos cartéis do passe.

Já o disse, em São Paulo, em 2008, e o mantenho: os Fóruns são a democracia, mas a democracia não pode ser a orientação do passe. É claro, temos modalidades de cartéis escolhidos por zona geográfica. Poderia ser muito bem que guardássemos os corteis internacionais, condição de uma Escola internacional, mas com uma orientação mais analítica da experiência, ou seja, uma participação maior nos cartéis do passe das pessoas que estiveram implicadas na experiência efetiva do passe, quer dizer, os passadores e os A.E.s. Nada obriga que eles sejam eleitos democraticamente. Poderia ser muito bem que, de ofício, cada cartel tenha um A.E. e um antigo passador. Isso participaria muito provavelmente de um passe mais agalmático do que é hoje em dia.

*Tradução de Paulo Rona  
Revisão de Dominique Fingermann*

**Patricia MUÑOZ (Colômbia)**

## Razão que ecoa

“El lugar del prolongado palabrerío puede convertirse en el de la decisión”.

F. Ponge<sup>87</sup>

A pergunta que vamos tratar de responder nos foi dada pelo próprio Lacan: Porquê alguém que terminou sua análise quer ser analista?

Para responder a isto, Lacan escreve o que chamou de *Proposição de Outubro de 1967*, na qual propõe a sua Escola o *dispositivo do passe*. Ele espera que no passe se possa captar algo daquilo que o analisante decidiu ao assumir o lugar do analista. “Passe no qual o ato analítico poderia ser captado no tempo em que se produz”<sup>88</sup>; sendo o ato um momento eletivo em que o analisante passa à analista.

<sup>87</sup> (N. da. T.) O lugar de um prolongado palavrorio pode se converter no lugar da decisão. Francis Ponge.

<sup>88</sup> J. Lacan. Discurso *a la Escuela Freudiana de Paris*, EFP (2008-2010, p. 287).

Essa proposta se dirige à Escola, “que pode dar testemunho de que o analista que se autoriza atesta uma formação suficiente”.<sup>89</sup> Assim como nos disse Lacan, é a Escola que pode e deve fazê-lo, já que não existe somente para ensinar, mas sim para instaurar uma comunidade da experiência, “cujo miolo está dado pela experiência de seus praticantes”.<sup>90</sup> Essa proposição é “modelada precisamente sobre a especificidade do discurso analítico”<sup>91</sup>, como também, está “apoiada firmemente no real da experiência analítica”.<sup>92</sup>

*Razão que ecoa*, título deste trabalho, implica as repercussões, os efeitos propriamente analíticos do passe na nossa comunidade. Com o questionamento da análise e do analista em uma Escola pretende-se assegurar que haja analista e a possibilidade de que a psicanálise seja *apreciada no mercado*, como nos disse Lacan na Nota Italiana. O que está em jogo é a formação dos analistas e consequentemente, a prática analítica, pois a análise depende do analista. Análise e, seu final, cujo objeto e finalidade não estavam articulados e elucidados antes que Lacan propusesse o passe.

Há uma premissa central: o analista só se autoriza por si mesmo. Elucidar esse momento do passe de analisante a analista implica uma razão, uma razão que se faça audível em seus *por quês*. Essa razão ecoa para o passante mesmo, já que é algo que se revela, manifesta-se. Deve ser uma razão que ressoa nos muros que rodeiam o vazio revelador do saber não sabido da *alíngua*, e que para o passante deve ser uma certeza. O que ecoa tem a ver com o que foi ouvido e com o dito, com os elementos que compõe a *alíngua*, que vêm do meio sonoro da linguagem no qual se banha a criança quando alguém se dirige a ela, falando.

Isso deve fazer eco nos passadores. Seria possível pensar esse eco nos passadores como o amor, cujo suporte estaria em “certa relação entre saberes inconscientes”<sup>93</sup>, como o “reconhecimento por signos sempre pontuado enigmaticamente da forma como o ser é afetado enquanto sujeito do saber inconsciente”<sup>94</sup>. Signos que ressoam no passador que se supõe que esteja próximo ao final de sua análise.

Depois, a razão ecoa nos membros do cartel do passe que podem reconhecer o que se transmitiu e nomear ou não o Analista de Escola. A partir desta experiência os membros do cartel, os passantes, os passadores e os A.E.s devem produzir uma elaboração teórica que terá uma repercussão na escola. Lacan nos dá sua razão, o porquê da sua proposta de um passe para a Escola:

“[...] Que fazem vocês ali? Esta pergunta é tudo aquilo pelo que me interrogo desde que comecei.

Comecei, meu Deus, direi – muito bestamente. Quero dizer que não sabia o que fazia, como foi comprovado pelo que se seguiu – comprovado diante dos meus olhos. Não haveria por acaso olhado mais de uma vez se tivesse sabido em que estaria me comprometendo? Isto me parece seguro. Precisamente por esta razão em última instância, quer dizer, no último ponto em que cheguei, no começo do ano letivo de 1967, em outubro, instituí esta coisa que consiste em fazer que, quando alguém se assume como analista, somente ele mesmo pode fazê-lo. Esta me parece uma primeira evidência [...]. Ele é livre nesta espécie de inauguração, [...] ele pode também não fazê-lo [apresentar-se para o passe].<sup>95</sup>

Lacan nos disse que desde que começou a atuar como analista se perguntava o que estava fazendo ali. A princípio não sabia o que fazia. Todo começo tem uma razão, um porquê, um ato que implica um atravessamento, por isso nos provoca a darmos conta da

<sup>89</sup> J. Lacan. *Proposición del 9 de octubre de 1967* (1981, p. 9).

<sup>90</sup> *Ibid*, p. 10

<sup>91</sup> J. Lacan. *Sobre la experiencia del pase. El saber en psicoanálisis*, de 1973 (1981, p. 33).

<sup>92</sup> J. Lacan. *Proposición del 9 de octubre de 1967* (1981, p. 15).

<sup>93</sup> J. Lacan, *Seminario XX, Aun* (2007, p. 174).

<sup>94</sup> *Ibid*.

<sup>95</sup> J. Lacan, *Conferencia en Ginebra sobre el síntoma* (1988, p.120).

grande responsabilidade que tem quem assume esse lugar, quem consente em ocupar esse lugar de analista para outros. Lacan enuncia de diferentes maneiras esse enigma: o que é que o faz decidir assumir um discurso do qual não é fácil ser o suporte? Porquê alguém assume esse risco louco de se converter no objeto *a*? Como lhe ocorre a ideia de ser o suporte da função analítica?

Qual a função do analista? Desde a proposição do passe à Escola, recordemos, o grande *motus* é a destituição subjetiva inscrita na porta de entrada, isso, é o que encontrará todo aquele que se aventure em uma análise. Aquele que se põe no lugar de analista já sabe disso e não lhe causa horror, indignação ou pânico? Inclusive porque ocupa o lugar de semblante do objeto *a* que cairá como dejetivo no final do processo e é por isso, que Lacan disse que parecia totalmente a-normal que alguém que faz análise queira ser analista. E então, faz falta verdadeiramente uma espécie de aberração que vale, ou valeria a pena, que fosse oferecida de forma a reunir tudo que tivesse sentido como testemunho.<sup>96</sup>

A essência do passe é a razão de porquê assumir a responsabilidade de colocar-se no lugar de resíduo, de resto, de ocupar o lugar de analista para outros. Portanto, saber ser um desperdício, dado que sua análise *deveria, ao menos, fazê-lo sentir*.<sup>97</sup> Quer dizer que não é algo que se aprenda, mas sim que se revela; é um registro diferente de qualquer conhecimento, algo que se manifesta e que ecoa.

Para ser analista é condição *sine qua non* fazer análise, isso é indiscutível. Não obstante, há diferentes finais para a análise e, autorizar-se a ocupar o lugar de analista, em uma Escola que tem o passe com eixo central, implica em ter muito claro, o que é a experiência do passe. Lacan nos disse: “O passe é uma experiência radicalmente nova, pois o passe não tem nada que fazer com a análise”.<sup>98</sup>

Essa frase nos traz a diferença entre o passe e a resolução de uma análise, no passe se trata de pedir a razão de seu porquê, a-*causa*, a causa de. Não estamos acostumados a dar uma razão a nossos atos, mas há uma resposta muito frequente a essa pergunta sobre o porquê: o amor. Ainda que não se saiba muito bem o porquê, sim há uma certeza. É uma certeza que implica algo não sabido, um enigma.

Durante uma análise, o analista foi a causa de todo processo; no passe a causa, a razão é diferente como nos disse Colette Soler: é a “transferência à análise”<sup>99</sup>, pois se supõe que a cura psicanalítica não é o real opaco, que inclua uma ordem de saber que se pode esforçar em construir, por isso se diz que, no passe, quem passa a ser analista é passante, não de sua análise, mas do próprio processo analítico. Saber se além de ter se analisado pode-se captar algo mais do processo, pois “há que se confessar que outra razão se exige para suportar o estatuto de uma profissão recente na história. Não é suficiente que seja uma profissão para ‘se ganhar a vida’, há casos onde outras razões impulsionam as pessoas a serem analistas”.<sup>100</sup>

Lacan, ainda na contramão das teorias sobre o final de uma análise, disse que há liquidação da transferência no final. Deve-se recordar sua noção de transferência de trabalho, colocada em prática em uma Escola que nos permite continuar juntos ou contribuir com o saber, pensar a psicanálise, mais além do horror ao saber encontrado por cada um no final de sua análise. Lacan recomenda uma posição frente ao saber quando nos disse que ele mesmo estaria em posição de analisante em seus seminários. Também disse que o passe é como o mar, sempre recomeça e, recomenda que não se esqueça esse momento de passe de analisando a analista que se dá no final de uma análise.

<sup>96</sup> J. Lacan, *Seminário XI, O pior* (inédito), lição de 1 de junho. (1972).

<sup>97</sup> J. Lacan. *Nota italiana* (2008-2010, p. 301).

<sup>98</sup> J. Lacan. *Sobre la experiencia del pase. El saber en psicoanálisis* (1981, p. 35).

<sup>99</sup> C. Soler. *La oferta del pase* (2011, p. 19).

<sup>100</sup> J. Lacan. *Prefacio a la edición inglesa del Seminario XI* (1991, p. 61).

Há um poema de Rimbaud intitulado *A uma razão*, citado por Lacan:<sup>101</sup>

Um golpe do teu dedo sobre o tambor descarrega todos os sentidos e começa a nova harmonia

Um passo teu é a sublevação de novos homens e a hora em marcha

Tua cabeça se distancia, o novo amor

Tua cabeça dá voltas, o novo amor

Lacan se refere a estes versos em diferentes momentos de seu ensino, sublinha em particular o título “A uma razão” e nos disse que o poeta se dirige a essa razão, a um porquê, a um motivo que o causa. Também nos disse que nisso o amor é signo escandido como tal, de que se muda de razão e que por isso o poeta se dirige a essa razão.<sup>102</sup> Se muda a razão, quer dizer, o discurso e cada vez que se franqueia a passagem de um discurso a outro há a emergência do discurso psicanalítico, por isso nos disse que o amor é signo de que há mudanças no discurso.

É também a fórmula do ato, esse ato necessário para instaurar a transferência que possibilita “um partener que tem chances de responder”.<sup>103</sup> É como a possibilidade de resposta que se espera do analista é a interpretação, esse ato não só instaura a transferência, mas implica uma interpretação. A transferência introduz uma subversão do amor, um sentimento que toma uma nova forma. A transferência é o amor que se dirige ao saber inconsciente, à análise.

A análise se inicia com a instauração da transferência e esta tem a ver com o amor. Como termina esse amor? O que acontece no final de uma análise? É aqui que se fala de atravessar algo, no sentido dos atos revolucionários mostrando o que se chama ‘suscitar um novo desejo’. No *Discurso à Escola Freudiana de Paris (1967)* logo depois de mencionar o guerreiro decidido, Lacan se coloca a si mesmo como exemplo da destituição subjetiva.

A destituição subjetiva não é o que produz o *deser*, mas produz sim, o *ser* e singularmente forte, ao ponto de parecer que está amando. Referindo-se a 1961, quando o ensino de Lacan foi proscrito, ele contou que certa vez alguém lhe disse que ele deveria amar muito seus alunos, pois havia insistido na continuidade de seus seminários. Lacan se burla desta apreciação, mas sabia realmente que havia amor, que não se dirigia a alunos ou seguidores, mas era um amor que se dirigia ao saber, o que lhe impulsionava a seguir em frente. Era uma força que o impulsionava a continuar. Ele também nos disse que o analisante se *fará uma causa* do mais-de-gozar, assim como se inventa uma razão, pois haverá renunciado *fazer-se uma causa* da relação sexual, já que, o neurótico passa sua vida convencido e esperançoso de que é possível esta relação. Enquanto o amor não se dá conta de que não se trata de sexo<sup>104</sup>; fazer-se uma causa do mais-de-gozar é colocar-se como semblante do objeto *a* para os outros, o objeto *a* é essa coisa a que se pode dirigir como a uma razão.

A razão se relaciona com isso a que muitos decidem reduzir: a *réson*, que na ortografia do poeta francês Francis Ponge é R.E.S.O.N.<sup>105</sup> A razão que parte do aparato gramatical se relaciona com o que se impõe, algo justamente ressonante. É o que ressoa, ecoa, é a origem de

<sup>101</sup> J. Lacan. *Seminário XV, El acto psicoanalítico* (inédito), lição de 10 de junho de 1967.

<sup>102</sup> J. Lacan. *Seminário XX, Aun* (2007, p.25).

<sup>103</sup> J. Lacan. *Introducción a la edición alemana de los Escritos* (2001, p.553).

<sup>104</sup> J. Lacan. *Seminário XX, Aun* (2007 p.35).

<sup>105</sup> Em francês *réson* significa ecoar, ressonar e *raison* significa razão. As duas palavras se diferenciam no acento agudo (é) e no ditongo (ai). Francis Ponge ensaísta e poeta francês (1899-1988) simpatizante do surrealismo, cria a palavra RESON como neologismo. Lacan faz referência a ele em seu Seminário 21, ainda inédito, *Le non-dupes errent*, lição de 6 de janeiro de 1972.

res, objeto; a coisa ou matéria, a *materialidade*; as palavras como materialidade, isso que mantém o depósito do gozo no seu encontro com o corpo.<sup>106</sup>

Na última lição de seu seminário *Mais, Ainda*, Lacan nos diz que, o que o discurso analítico revela é que o saber tem muita relação com o amor. Todo amor encontra seu suporte em certa relação entre saberes inconscientes. Traz sua colaboração a transferência como Suposto Sujeito ao Saber e nos diz ainda, que é uma aplicação particular, específica deste tipo de amor ao saber. Mais adiante, no final deste seminário, traz sua lógica modal: *do cessa de não escrever-se ao no cessa de escrever-se*; da contingência à necessidade sendo este o ponto de suspensão no qual se ata todo amor. Todo amor, por não subsistir sem o cessa *de no escrever-se*, tende a deslocar a negação ao não cessa de escrever-se, não cessa, não cessará.<sup>107</sup> É nessa substituição na qual se baseia o destino e o drama do amor, e é aqui onde Lacan nos diz que porque o inconsciente existe, a relação sexual não existe.

Arriscamo-nos a dizer que o encontro com a inexistência da relação sexual permite isso que, no poema de Rimbaud, seria a mudança de razão, o novo amor, em conformidade com a existência do inconsciente. Um amor que Lacan inclui dentro dos afetos enigmáticos reveladores do enigma do saber.

Também, falando de amor, Lacan nos diz que o amor é um dito como acontecimento. O dito do amor se dirige ao saber que está no inconsciente, portanto, o amor implica o nó do ser, o ser do nó que motiva o inconsciente, lugar do saber.

Assim resumimos: razão que ecoa, que se impõe; amor ao saber, a transferência à análise e ao trabalho que permite pensar a psicanálise, que se articula no nível do dito que faz existir o discurso analítico, um saber a construir. Amor que se produz pela emergência do discurso analítico, que ecoa como afeto de satisfação no final do percurso, mesmo sabendo que o saber é incompleto.

Desta forma, como ecoou o dispositivo do passe em nossa comunidade analítica, mais precisamente em nossa zona do norte da América Latina? Muitos de nós pertencíamos à ECF e à AMP; nós colombianos pertencíamos à Escola de Caracas, como uma instância chamada de Colégio Colombiano da ECFC, sempre seguindo a ideia de uma Escola e do passe, pois durante muito tempo nos venderam a ideia de que “a Escola estava no horizonte”. Finalmente fomos aceitos na qualidade de “membros no exterior”.

Nosso interesse essencial era a formação dos analistas. Alguns de nós fizeram parte de “Los Cubanos”<sup>108</sup>, e participaram ativamente da criação dos fóruns, pois renunciamos à AMP em 1998, depois do encontro em Barcelona. Na EFCL temos faz dez anos a experiência do passe e agora podemos dizer que não estamos no exterior, nem com uma Escola e um passe no horizonte. A Escola é algo presente e não um futuro incerto, é aquilo do que devemos nos ocupar, é atual.

Com o passe no coração da Escola temos um efeito de fortalecimento de nossa comunidade, tanto no trabalho coletivo, como nas análises. É perceptível que as análises têm seu fim, que não são intermináveis, mas essencialmente ecoa a razão pela qual se autoriza o analista.

Houve um evidente efeito de entusiasmo como resultado dos testemunhos, não só dos que foram publicados na *Wunsch* e que trabalhamos no Espaço Escola, mas muitos mais de nossos amigos mais próximos. Como é sabido, em nossa zona da ALN, temos pessoas que participaram do dispositivo do passe, como passantes, como passadores e como membros do Cartel do Passe. Sua proposição em relação ao número de membros da Escola é muito alta e por isso nas análises que estão em curso é fato que o que se articula é como terminam as

<sup>106</sup> *Materialidade* é um neologismo de Lacan em francês que contém palavra [*mot*] e materialidade [*matérialité*].

<sup>107</sup> J. Lacan. *Seminário XX, Aun* (2007).

<sup>108</sup> Nome com o qual se referiam aos membros que se reuniram no Hotel Havana, em Barcelona, em 1998, reunião a partir da qual se propôs a criação dos fóruns.

análises. A inquietante regulamentação das psicoterapias ainda não se fez uma ameaça a isso, mas sabemos que chegará esse momento e estamos preparados para responder, mantendo a possibilidade de que haja analista e de que a psicanálise possa continuar.

Iniciamos esta exposição com uma pergunta sobre o porquê, a razão pela qual quem termina sua análise, quer ser analista. Se acabou seu amor pela verdade, se se produziu a queda do Sujeito Suposto ao Saber, agora sabe qual é sua miséria, a porcaria que o constituiu, conhece e experimentou sua solidão irreduzível e a castração como falta, é a “valentia frente a um destino fatal”. Enfrentando o impasse da não relação sexual, como o chama Lacan, põe-se a prova o amor e depois disso, pode-se, se quiser, colocar-se no lugar de analista para outros. Prova de amor na medida em que surge um desejo de analista, que implica em um amor ao saber subvertido, que partiria de uma satisfação (satis-facção), de um querer decifrar o inconsciente e contribuir com o saber e porque não, criar.

Finalmente, se a pergunta de Lacan é um porquê, esta é uma pergunta dirigida à razão. É o que encontramos como resposta é o passe como razão da Escola, razão na sua raiz etimológica, pois deriva do latim *ratio*, que significa causa, motivo, natureza, condição, qualidade de, como também, ordem, disposição, caminho, doutrina e ensinamento, magnitude, quantidade e cálculo, regra, medida e proporção.

*Tradução de Ana Claudia Fossen*

#### Referência Bibliográficas

- LACAN, J. Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. Em: *Intervenciones y Textos*. Buenos Aires, 1988.
- \_\_\_\_\_. Discurso a la Escuela Freudiana de París, EFP (1967), Em: *Internacional de los Foros del Campo Lacaniano-Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano, Directorio*, (2008-2010).
- \_\_\_\_\_. Nota italiana. Em: *Internacional de los Foros del Campo Lacaniano-Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano, Directorio*. (2008-2010).
- \_\_\_\_\_. Introducción a la edición alemana de los Escritos (1975). Em: *Otros Escritos*. Paris: Ediciones de Seuil, 2001
- \_\_\_\_\_. Prefacio a la edición inglesa del Seminario XI. Em: *Intervenciones y Textos 2*, Buenos Aires: Manantial, 1991.
- \_\_\_\_\_. Proposición del 9 de octubre de 1967, primera versión oral. Em: *Ornicar? nº 1*. Barcelona: Petrel, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Seminario XV, El acto psicoanalítico* (inédito), 1967.
- \_\_\_\_\_. *Seminario XX, Aun*. Buenos Aires: Paidós, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Seminario XIX, O peor* (inédito), 1972.
- \_\_\_\_\_. Sobre la experiencia del pase. El saber en psicoanálisis, lição de 3 de novembro de 1973. Em: *Ornicar? nº 1*. Barcelona: Petrel, 1981.
- SOLER, C. - La oferta del pase. Em: *Boletín internacional de la EPFCL (Wunsch)*, nº 7, Edición en español, 2011.

## Albert NGUYÊN (França)

# Satisfação da castração

A castração é um gozo! Assim Lacan se expressa quando do encerramento de um congresso da EFP em 1975. Por que?

Ele responde imediatamente: a castração é um gozo na medida em que libera angústia. É a solução, e solução da análise, mais ainda indicação quanto ao passe.

O que esperamos do passe? A questão circula na EPFCL há bastante tempo, e os Seminários de Escola, os textos publicados aqui e acolá o testemunham: o passe pode ser distinguido do final da análise, este pode ser correlacionado à “satisfação que produz urgência” e as consequências são aquelas que Lacan indica no discurso à EFP (p. 269). Não quaisquer, pois ele as qualifica de “justas”.

O que podemos listar entre essas “consequências justas”? Uma indicação nos é fornecida no Relatório sobre o Ato (“Compte-rendu sur l’Acte”, *Ornicar* 29): o ato, na medida em que é um ato, muda o sujeito. Algumas precisões merecem ser colocadas quanto a isso, pois não se trata de qualquer mudança e sim, na medida em que Lacan a precisa, uma mudança definitiva: depois já não é mais como era antes, nunca mais será como antes. Sim, mas o que nunca mais será como antes? É sobre esse ponto que me parece ser possível avançar algumas hipóteses, a saber: na vida do sujeito, na relação com a psicanálise e na relação com a Escola.

Todas as mudanças, por mais definitivas que sejam, se relacionam com a castração que Lacan traduz pela fórmula da não relação sexual. Poder-se-ia temer que a repetição da fórmula tenha levado a um certo desgaste. Poder-se-ia crer, por força da repetição em dizê-lo, que o real do sexo não é mais um problema, e também poder-se-ia construir uma fantasia de estar livre dessa não relação sexual pelo próprio fato de se ter terminado uma análise. Quero sustentar que acontece, que o passe implica exatamente o contrário: o final de análise ilumina a não relação sexual, leva a *operveber* (pois é percebido e é também operatório) na vida do sujeito, na prática da psicanálise, ou ainda na instituição Escola, que, em cada plano, o sujeito está sob o comando do real.

Esse comando não deve fazer crer que o final seja aquele de um cinismo pelo qual o sujeito barrado diria ter se curado de tudo, ou ainda que permanecem apenas o desespero e o desprendimento; esse comando, ao contrário, devo lembrar essa evidência, dele ninguém saberia o que quer que seja sem levar em consideração a fala e os ditos, dito de outro modo, o simbólico.

O Lacan borromeano desenvolveu uma teoria do simbólico em seu laço com o imaginário e o real, em particular, que o simbólico determina o real, que o saber faz furo. No final do seminário inédito *RSI*, o que Lacan examina quanto à nomeação, declinado nos três registros, descortina uma avenida de leitura notadamente clínica pois ela reordena o ternário freudiano ISA<sup>109</sup> de uma forma homogênea ao que se mostra na experiência psicanalítica:

- Nomeação imaginária: inibição
- Nomeação simbólica: sintoma
- Nomeação real: angústia.

Mede-se aí a importância da observação de Lacan sobre a castração: sem dúvida, a análise pode fazer desaparecer a inibição, sem dúvida o sintoma pode produzir suas coordenadas significantes e se reduzir à sua função de gozo e o sujeito pode disso se contentar. Mas qual é o sujeito com quem lidamos nesse assunto? Sujeito desinibido, sem limite? A psicose aí despontaria (“excitação maníaca cujo retorno se faz mortal”). Sujeito satisfeito de seu sintoma, ou seja, de sua fantasia (uma inércia de gozo se instalou no lugar do primeiro)?

Daquele, da experiência do passe, para o qual justamente a mudança libidinal, a mudança de posição no gozo nem sempre é posta em relevo (não tanto na sua afirmação quanto em relação à verificação de seus efeitos e consequências)?

O final da análise pode se materializar na angústia com um sujeito unicamente ocupado com o que lhe contorce o corpo?

Se a angústia manifesta é considerada como um acontecimento do real, uma nomeação do real indica que o final da análise passa pela angústia, angústia de separação, mas na medida em que não seja desejável que a análise fique por aí. O final da análise deve permitir

<sup>109</sup> Inibição, sintoma e angústia (N. do T.).

tratar dessa angústia que é um dispositivo de alerta para o analisante. Toda questão reside no tratamento dessa angústia, é sobre esse ponto que o ICSR<sup>110</sup> nos coloca diante de sua potência. O final da análise não é nem o cinismo nem o silêncio, ele deve poder dar ao sujeito a capacidade, a em-potência de enfrentar os acontecimentos do real: a vida, a morte, as catástrofes diversas com as quais ele se confrontará necessariamente depois da análise. O final da análise não dispensa suas consequências. Depois não será mais como antes, certo, mas como é? já que isso começa com a mudança de posição no gozo? É o que seria necessário começar a dizer e os dispositivos da Escola deveriam poder contribuir para isso.

Desejável seria poder testemunhar sobre certos encontros do real, mas sobretudo, me parece, sobre a maneira como esse real não é recoberto, evacuado, mas, ao contrário, tratado pelo sujeito: o poema que ele é e que ele assina seria o traço singular da maneira pela qual o real é recebido, colocado em seu lugar no nó que ele forma. Ora, tudo o que é nó testemunha da não relação. É um enlaçamento a partir desse real, é uma relação nodal centrada a partir da não relação, da castração.

É em que a satisfação do final só pode aparecer (a parte ser) após o questionamento e a redução daquela que levou à entrada em análise. Seria necessário lembrar que desde o *Seminário XVII* Lacan formulava o inutilizável do Édipo para observar que a castração não é uma fantasia, mas que ela é real?

E de que modo o real pode dar uma satisfação? A resposta de Lacan está dada desde o *Aturdido*, com o “saber se fazer uma conduta”. E que não se entenda conduta aqui como comportamento ou ações, mas uma *posição ética nova* do sujeito: eis porque podemos falar de *responsabilidade sexual*. A responsabilidade sexual é a resposta em ato que o sujeito produz face ao real. Não há relação sexual passível de ser inscrita entre um homem e uma mulher, mas há a responsabilidade sexual que não é uma palavra vã, mas, ao contrário, se vive. É nesse ponto que o saber obtido de uma análise passa para a vida e à *vivance*.<sup>111</sup>

A passagem da impotência ao impossível que esse real opera, destaca então o desespero para dar lugar à em-potência que pode satisfazer, pode *dar pro gasto*, suficientemente satisfatório para dar à vida uma abertura enodada com o impossível e com o corpo. Essa em-potência provoca o desejo, seu nome, Lacan o inventou, objeto *a*, objeto causa do desejo. É o que especifica a psicanálise: não há desejo sem falar, não há ser sem conversas, e se o inconsciente voltado (*rabattu*) para o simbólico faz furo, ao mesmo tempo faz laço, e o sintoma faz signo desse inconsciente do qual Lacan pode observar, desde a sessão de 15 de abril de 1975:

“Que seja do simbólico que surge o real, é essa a ideia de criação” e ainda :

“O inconsciente é o real, meço meus termos, é o real enquanto furado”.

Basta acrescentar que esse furo é o furo do sexual para observar a saída desse saber inconsciente como decifrável. A outra consequência, e sobre esse ponto a psicanálise se distancia da ciência, da qual também seria necessário tirar algumas lições, é que o real é não-todo, o real é o impossível do todo. E como observa Lacan em *RSI* (p. 105) “o inconsciente condiciona o real do falasser”, ele condiciona tudo que pode acontecer aos “deixadossós”, aos deixados sós pelo fato da condição de serem falantes.

E se podemos dizer real esse inconsciente, forçosamente temos que admitir que se trata então de uma dimensão do impossível, não porque ele retorne sempre ao mesmo lugar ou se demonstra, mas por causa de uma dimensão do impossível que passa pelo afeto, aquele que testemunha de um dizer, e no passe são esses os efeitos do afeto que passam no testemunho. As três modalidades de impossível implicadas por Lacan no *Aturdido*, colocam em jogo essas três espécies de real: a significação retorna ao mesmo lugar, o sentido cujo limite se

<sup>110</sup> Assim mesmo no texto. Trata-se do inconsciente real (N. do T.).

<sup>111</sup> Conforme esclarecimento do autor à tradutora, trata-se de uma espécie de neologismo que congrega vivacidade-capacidade de viver-desejo de viver (N. da T.).

apresenta como impossível de demonstrar, a demonstração que apresenta o limite e, terceira ocorrência desse impossível: ela diz respeito ao sexo, cujo impossível é marcado pela impossibilidade da relação cujos efeitos, para o falasser, são afeto ou afetos que disso resultam.

A partir daí somente, dito de outro modo, a partir da apresentação dessas três dimensões do impossível que “asseguram seu sujeito suposto saber”, se coloca a questão do que uma Escola pode esperar para além do fato de oferecer o dispositivo de coletânea, de seriação e de crítica, quer dizer, de transmissão à comunidade.

O passe avalia a passagem do analisante ao analista, o passe não implica em juízo algum sobre o fim e, no entanto, a maioria dos passantes entram nele com a idéia de que suas análises terminaram. A experiência mostra o contrário, que a autenticação do passe nem sempre é seguida pela autenticação do fim, o que não pode ter outra significação do que o fato de que a satisfação testemunhada não é a satisfação de fim. Ela aponta mais a satisfação indicada por Lacan em “A Nota Italiana”, uma outra versão do mesmo sujeito feliz sublinhado por Lacan em *Televisão*, uma posição de “se dar os ares”<sup>112</sup> » diante do real.

Parece-me haver suficientemente insistido sobre esse ponto, a satisfação do fim vem do posicionamento e das consequências na vida, no engajamento, a relação com a causa analítica e a Escola. Na precisa medida em que ela é o lugar no qual podemos dizer um “pensar a psicanálise” aberto pelo passe, e não somente por ele aberto, mas por sua colocação em jogo para um futuro para a análise, do real.

A Escola para pensar a psicanálise, que podemos chamar a Escola do passe ou a Escola pelo passe, como ela pode responder a essa conversa dos deixados, dos dispersos, como ela pode coletivizar o que, de saída, se apresenta como um saber singular? Deveríamos recuar diante da amplitude da tarefa? Não foi a isso que Lacan convidou, e vários outros após ele. Se é verdade que a Escola não seria o lugar da rivalidade de egos e outras obscenidades de grupo, e se é verdade que o passe não reclama o todos, assim como não permite nomear todos aqueles que aí se apresentam, pois não há possível da Escola se não colocamos de saída que se escutará múltiplas vozes e que a redução desse plural das vozes à voz de seu Mestre é uma tendência grupal identificatória contra a qual os psicanalistas devem lutar.

É preciso lembrar, se queremos que uma Escola se mantenha e se desenvolva, do que Lacan pode dizer quanto ao cartel em seu Seminário “Os não tolos erram”, assim como no encerramento do Congresso acima referido, é que a identificação em questão, por um cartel, para uma Escola, não diz respeito à identificação ao Mestre, mas como ele o diz, para o cartel a identificação ao ponto do objeto *a*. A Escola não é o cartel, ainda que ele deveria constituir sua base, as forças vivas. Ela se distingue disso na medida em que, numa borda ela coloca em função esse objeto causa da psicanálise, mas sobre a outra borda, ela deve evitar a inflação desse furo que é o *a*, e se precaver contra a escorregadela na religião do furo ou da falta. Eis porque a referência à causa implica se situar também em relação ao real que coloca uma parada ao apelo do furo. E essa parada é precisamente esse real que tampona, evocado por Lacan no *Prefácio* para o qual chamei a atenção como saído da angústia: é o real da psicanálise e esse real é do sexo, ponto no qual todo saber falha.

Assim, formulo a hipótese de que, se no coração da Escola se aloja um impossível, isso não é razão suficiente para restaurar nele o discurso do Mestre cujo *ritornello*<sup>113</sup> inicia irritante e termina chato; o contrário ocorre para que o saber extraído do passe seja confrontado ao real da análise, real que implica a experiência que nada tem de confortável, o que o passe nos ensina: o passe leva à intranquilidade e ao fim do sonho do saber absoluto.

Os cartéis do passe, e para além da Escola, têm a seu cargo confrontar o saber extraído do passe com as consequências que o real traz consigo enquanto “excluído do sentido” e

<sup>112</sup> Em francês “*se donner les airs*”.

<sup>113</sup> *Ritornelle* em francês. Em português, a referência é sempre a palavra italiana. É a repetição, sempre a mesma, de um tema musical. (N. do T.)

“antinômico a toda verossimilhança”, real da análise cujo acontecimento faz aparecer o afeto e os afetos, referidos a seus efeitos. E estes efeitos é que podem se dizer na experiência.

Sobre esse ponto, apresenta-se uma forquilha: ou o passante equivale o fim de sua análise à constatação desses afetos, ou ele tenta dizer em que alguma coisa de sua posição de gozo está modificada.

Mas será que não se deveria acrescentar, e sem dúvida a convicção do cartel pode se estabelecer ou se reforçar a partir disso, de ser possível indicar, se posso dizer, os eixos de consequência: quanto à vida do sujeito, à função do analista, sobre a relação com a Escola, a mudança de posição em relação à psicanálise. Seria um modo de dizer no testemunho, porque, afinal das contas, a experiência do passe, aliás, como a análise, continua uma experiência de fala, de falasser que tem limite nos ditos e no que os limita. E é da lógica desses ditos que se infere o fato de ter passado pelo real. No testemunho, e não o real direto.

Uma Escola que coloca o passe em seu coração deve poder verificar, colocar em evidência, as diferenças das consequências da análise, consequências que, aliás, esclarecem o equívoco dos fins. Essas consequências se distinguem conforme se trata:

– da vida do passante (realizações, cf. “A Nota Italiana”, mas sobretudo como fazer com sua/seu parceiro sintoma no amor, o desejo e o gozo quando o NRS<sup>114</sup> centra a coisa);

– de um analista em função: (fazer semblante de objeto *a*, o Santo de *Televisão*, desejo de saber);

– de um sujeito “analisado” na Escola : ( $\$ + \Sigma$ ) esforçando-se para pensar a psicanálise.

Esses eixos serão explorados, desenvolvidos no futuro? O Encontro Internacional deveria poder trazer elementos de resposta a essas distinções.

A título de hipótese, proponho dizer que o problema, o obstáculo principal que o passe encontra, não é outro que aquele do religioso, do sagrado. Se os pseudópodos do discurso do Mestre ameaçam, o religioso (o sentido sempre é religioso, vejam a predição de Lacan quanto à potência da religião) que traz o sagrado, inibe a criação. O sagrado vela e impede que isso crie<sup>115</sup>, é melhor que isso se crie, que isso-reste-segredo. O segredo é sexual, e é um segredo que não é suscetível de ser desvelado, um segredo secreto que, no entanto, faz nascer tudo o que se cria: S(Abarrado). O passe vai na direção dessa potência, pois, no fundo, ele toca naquilo que por um sujeito há de mais secreto, de mais íntimo. Ele não é menos, e aqueles que se apresentaram à experiência podem testemunhar disso: o passe cria. Ele cria pelo menos novos laços, em particular um laço novo com a comunidade analítica e com a psicanálise. Cabe a nós, perceber as marcas as mais essenciais, diria, marcas de humanidade, na medida em que a humanidade se refere à vida: saber *se virar* para viver, saber-fazer-vivo.

*Tradução de Sonia Alberti  
Revisão de Dominique Fingermann*

<sup>114</sup> Não existe a relação sexual.

<sup>115</sup> Trata-se de um jogo de palavras no original: isso crie (*ça crée*) equivoca com sagrado (*sacré*), razão de o autor fazer esse equívoco com *ça-se crée* (isso se consagre). (N. da T.)

## Lacan, a marca

Para comemorar os trinta anos do falecimento de Lacan, o Conselho de Orientação da EPFCL-França tomou a iniciativa de marcar essa ocasião, mantendo quatro manifestações distribuídas ao longo do último trimestre de 2011, e que, além disso, tenham ecoado ou ainda ecoarão.

colegas propuseram um texto que vocês poderão ler logo abaixo. Essa homenagem será concluída no Terceiro Encontro Internacional em dezembro, na *Cité des Sciences* com a montagem áudio-vídeo, que encerrará o primeiro de três dias de trabalho.

**Nicole BOUSSEYROUX (França)**

### *Efeto*<sup>116</sup> de real

Quanto se criticou Lacan por ter negligenciado os afetos na sua teoria ! André Green foi o primeiro que tomou como pretexto para deixá-lo e denunciá-lo, em nome de um retorno a um dito discurso vivo.

O livro de Colette Soler nos mostra quão longe estava Lacan de minimizar os afetos ; ele alargou-lhes o campo. A começar pela angústia, da qual ele ampliou o alcance bem além do lugar que lhe dá Freud. Sabe-se, com efeito, que Lacan estendeu a definição de angústia a “afeto tipo de todo advento do real”, sabendo que é preciso entender por real tudo o que resta fora do simbólico e fora de sentido e cujo domínio concerne tanto ao sintoma quanto aos efeitos da ciência.

Isso conduz Colette Soler a opor, em seu livro, a angústia bem freudiana a uma angústia “pouco freudiana”. Pois há, seguramente, a angústia de castração amarrada a um grande Outro bem consistente que diria sua vontade e que figura no apólogo da louva-deus ; mas há, também, uma angústia outra que, esta, amarra-se à falha do Outro, à sua ausência e que Pascal já formulava com seu famoso “o silêncio destes espaços eternos me apavora”. Há, portanto, no homem contemporâneo, uma mudança da amarração da angústia ligada a uma mudança de estatuto de sua relação ao Outro, pelo fato de que o discurso que lhe dá suporte tem mudado, consideravelmente, com a ciência e o capitalismo.

Vou me deter um pouco na terceira parte do livro de Colette Soler que tem por tema a teoria dos afetos. Ela mostra bem que em Lacan há o que faltava em Freud, uma teoria dos afetos, de sua causalidade, do que os determina, e que esta teoria dos afetos está associada com uma redefinição da estrutura e do inconsciente. E, sobretudo, que a teoria lacaniana dos afetos não é sem a ética: o que quer dizer que ela implica uma posição, um posicionamento do sujeito no encontro do real na sua forma de a ele responder.

Convém distinguir, quanto aos afetos e ao inconsciente, a hipótese freudiana e a hipótese lacaniana.

A hipótese freudiana é que o inconsciente, o aparelho psíquico, é um sistema de inscrições que retraduz, não sem perda, as marcas traumáticas primárias, o que Lacan reformula dizendo que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que é por isto, pelo significante, que ele afeta o gozo vivente.

<sup>116</sup> (N. da T.) No original, *Effect de réel. Effect*, neologismo francês criado por C. Soler e que condensa *effet* (efeito) e *affect* (afeto). Tentamos aproximá-lo em português com o neologismo *efeto*. Ver C. Soler, *Lacan, l'inconscient réinventé*, Paris, PUF, 2009, p. 30

Porém, a hipótese lacaniana que se encontra em *Mais, ainda*, em 1973, vai muito mais longe do que dizer que a linguagem afeta o vivente e seu gozo. O que diz ela a mais? Ela diz que *o indivíduo que é afetado do inconsciente é o mesmo que o sujeito do significante*. Lacan vem assim *equivaler, homogeneizar* este *afetante primário* que é o verbo, a linguagem, e o *afetado* que é o indivíduo no sentido em que fala Aristóteles e que corresponde ao ser corpóreo, em sua capacidade individual de gozar. Não há mais heterogeneidade entre a linguagem e o gozo sobre a qual Lacan tanto enfatizara anteriormente. Eis aí uma das novidades do seminário *Mais, ainda*: a linguagem e o gozo não são mais dissociados e antagonistas.

Lá, a linguagem é mais que um operador que afeta o vivente, ela é *o aparelho mesmo de gozo*. É o verbo que goza e que, desde o primeiro balbúcio de língua nos faz gozar enquanto falamos. Existe o gozar desde nossa entrada em língua, desde os primeiros sons escutados em nossa tenra infância. Estamos no *inconsciente-gozo*, o inconsciente tomado como saber inacessível de língua, que se goza e re-goza sem perda e que nos afeta com uma “outra satisfação” do que aquela das necessidades.

Colette Soler sublinha fortemente este afastamento considerável entre a primeira concepção lacaniana da linguagem que afeta, que influi, que age sobre o gozo do vivente negando-o e esta última concepção da linguagem como aparelho de condução do gozo, aparelho que o produz, que é sua fábrica. A incidência epistêmica e ética é enorme. Pois, se falar e gozar é a mesma coisa [*c'est tout comme*], não seria mais questão de se imaginar reduzir o gozo em uma análise em proveito único do desejo, como podia fazer esperar uma fórmula como “fazer condescender o gozo ao desejo”.

Assim sendo, como e até onde a psicanálise pode operar sobre o gozo do inconsciente real? Lacan responde: por língua, fazendo ressoar seus equívocos. Sabe-se que é na medida em que uma análise toca o gozo que ela pode ter um efeito terapêutico substancial, mas o que é que atesta, o que é que prova que ele foi tocado, que ela mudou ali a economia? Entrebrio aqui a parte do livro consagrado aos afetos analíticos e ao afeto do passe.

Colette Soler precisa bem que o inconsciente real, que ela reduz às quatro letras maiúsculas ICSR, refratário ao sentido, não substitui, no final, o inconsciente-verdade tomado no sentido de que se auto-mantém a transferência. O passe do fim não é um passe AO real, mas um passe PELO real, passe por isto que faz cair o sentido. É esta passagem pelo ICSR que atesta a satisfação da qual Lacan diz que só ela marca o fim da análise. É uma tese forte, de um alcance assaz extraordinário e que abala nossa concepção do passe e do desejo do analista. *Ela diz que o final se prova pelo afeto, por um afeto que sinaliza o fim e que, como a angústia, não engana! A angústia não engana sobre o objeto, a satisfação da qual fala Lacan para o fim não engana sobre o real.*

De fato, pode-se dizer que a satisfação ao final mudou de valor. Antes e até que haja final, ela era satisfação encontrada no dar sentido e o tornar verdadeiro. Enquanto que a satisfação de fim testemunha que um termo foi posto aos amores com a verdade. E, sobretudo, o que se tem que compreender bem e que Colette Soler explica, se eu a li bem, é que essa satisfação final, que é satisfação de solução ao insolúvel da verdade, *já está na oferta que faz de saída o analista*, oferta anterior à demanda analisante. Lacan, contrariamente a Freud, sabe que há uma solução ao impasse do sujeito suposto saber. Ele o sabe porque ele passou pelos efeitos do real, pelo *efeito corta-sentido* [*coupe-sens*] do inconsciente-real. Ele sabe que o inconsciente é um saber sem sujeito que *abole o postulado do inconsciente freudiano*, ou seja, a suposição de um sujeito ao saber no qual se sustenta a transferência.

Um analista que experimentou isto é um analista que passou pelo ICSR e que sabe, por experiência, a solução que este passe aporta à análise. E que, por este fato, está em condição de oferecê-la a outros que se arriscam a fazer uma análise. Com a condição – e esta condição

advém da ética da qual cada um *é ou não capaz* de dar provas – com a condição então que eles queiram responder, no momento desejado e sem adiamento, sobre sua própria posição subjetiva com relação ao real de seu gozo.

Uma palavra, ainda, sobre os afetos enigmáticos que nos vem dos equívocos da língua. Em seu curso *O Bem dizer da análise*, Colette Soler nos conta, uma vez não é costume, uma lembrança de infância. Quando lhe diziam “nunca dois sem três” [*jamais deux sans trois*], ela ouvia o número 203<sup>117</sup> e se perguntava por que essa interdição recaía sobre esse número e não sobre um outro. Acontece que este “jamais dois sem três” durante muito tempo me fez também enigma, na minha infância. Eu não chegava a compreender o sentido desta frase, apesar de terem me dito sua significação. Até o dia onde eu me lembrei que o primeiro carro de meu pai era um “203”!

Vocês veem bem que as quedas e cortes de sentido que podem se produzir no aparelho linguajeiro de gozo não esperam o número de anos para nos provocar *efeto!*

*Tradução de Graça Pamplona  
Revisão de Dominique Fingermann*

**Albert NGUYÊN (França)**

## Lacan a marca

Lacan a marcou, a psicanálise, com uma marca indelével, incontestavelmente. Quem sonharia em contestar isso? Quanto mais pensamos nisso, mais a evidência se impõe: Lacan marcou e marca, ainda.

Lacan-a-marca, ou Lacan o estilo: marca ou estilo que, no entanto, não fazem etiqueta. Não há etiqueta “Lacan”, porque Lacan – o perturbador – permanece inimitável e vem sempre inscrever seus passos entre deliciosa esquisite e insuportável temeridade.

Será que poderia ter sido de outro jeito? Lacan o inventor, Lacan o obstinado, Lacan o artista da fórmula improvável que, no entanto, tornaram-se viáticos para muitos de nós, tudo isso gravou um sulco profundo para muitos analistas desassossegados. Ousaria dizer um sulco que toca no coração. É porque toca no coração, e não apenas à consciência ou ao intelecto, o sujeito pode se encontrar modificado por isso. No final das contas, o passo de Lacan produziu analistas de uma outra raça, e para chegar a isso, ele deve ter inventado, na doutrina (o objeto *a*, o *sinthoma*), na instituição analítica com o procedimento do passe (em particular). O passe ocupa, há mais de quarenta anos, com diversos destinos, as Escolas psicanalíticas. Passe e cisões, poderíamos propor como título, para dizer como o passe de Lacan veio para plantar uma cunha no coração da doutrina e da prática analítica.

Podemos ouvir anedotas “sobre” Lacan, podemos contar o encontro único com ele, podemos ler ou quebrar a cabeça com seu texto, seus seminários, seus *Escritos*, ou até seus *Outros Escritos*: presença de Lacan, e essa presença faz o marco por ser atual.

O analista que se refere ao passe analisa diferentemente, e precisa reconhecer que o resultado, portanto, difere, principalmente pelo fato da modificação subjetiva obtida na economia do gozo.

Isso é uma maneira de dizer que a marca sempre faz porta de entrada para o gozo e ao saber como meio de gozo. Marca primeira onde se ancora a repetição, instauração de toda possibilidade de apreensão do gozo, será que não é pelo fato de ter colocada a marca no seu

<sup>117</sup> (N. da T.) em francês, a parte “dois sem três” [*deux sans trois*] da expressão idiomática soa exatamente como o número 203 (*deux cents trois*).

justo lugar que ele pode desenvolver a lógica do fantasma no Seminário do mesmo nome? Com o fantasma, o objeto veio na frente da cena: posição do sujeito que se faz objeto do gozo do Outro, desse Outro igualmente marcado:  $\mathbb{A}$  (A-barrado).

De uma certa forma, Freud tinha abandonado o jogo com seu texto “Análise sem fim, análise com fim”, Lacan topou o desafio: o passe é a marca de Lacan, ele é sua marca pela chicana mesma do dispositivo, que dá a vantagem para “aqueles que estão na brecha de resolver” os problemas cruciais da psicanálise (o saber, o sexo, o sujeito) pela intranquilidade que ele instala no âmago da instituição analítica.

Com o passe, tal como ele o anuncia na “Nota Italiana”, Lacan volta à marca, ainda (*encore*): ela permite de distinguir, diferenciar, e ela tem que ser encontrada, reconhecida, e no coração desse reconhecimento tem o desejo do analista: só há analista na condição que lhe vier esse desejo, ou seja, que desde já e por isso mesmo ele seja o rebotalho da dita (humanidade).

Digo, desde já é essa a condição donde *por algum aspecto de suas aventuras*, o analista deve trazer. E que seus congêneres “saibam” encontrá-la!

Será ela fácil de reconhecer? E quem a reconhece? Pois para reconhecê-la é preciso aceitar reconhecer, e ter esse desejo (não basta procurar para achar). No mínimo, e Lacan o diz nessa “Nota”: “É preciso ter em conta o Real”. O analista aloja um outro saber (diferente da ciência), em um outro lugar, mas que leva em conta o saber no Real.

O analista deve trazer essa marca, o analista deve ter em conta o Real, marca e Real tendo essa afinidade que se nomeia “gozo”. É obvio que se trata aí de uma posição ética que Lacan atribui ao analista mas igualmente a seus congêneres.

Por algum aspecto de suas aventuras: o sujeito encontra, por contingência, em diferentes momentos de seu percurso, o que pode fazer Lacan dizer: “aventuras”. O dicionário *Littre* diz: “o que acontece por caso fortuito”. Ora, a aventura implica aventurar-se “*unheimlich*” e “*angst*” são de praxe, e nenhuma aventura poupa do encontro com o desejo do Outro.

É o corpo que é marcado, dito de outra forma, é nesse encontro de corpo e da marca que alguma coisa da ordem da aventura se produz, e desde onde o sujeito poderá se fazer saber, mas um saber que tenha o real em conta, ou seja, que se saiba furado. É isso que a experiência solta.

O que é um congêneres, palavra que Lacan já tinha usado a propósito do animal, e mais precisamente a propósito do pombo e da pomba, e da reprodução animal? De acordo com o *Dicionário Histórico da Língua francesa (Robert)* de Alain Rey, o *cumgenus* ou congêneres é aquele que é da mesma espécie. Que aqueles que são da mesma espécie saibam encontrá-lo! No entanto Lacan escreve “saber” entre aspas, o que só pode significar o estatuto especial desse saber: um saber diferente do saber tal como habitualmente concebido. Faço a hipótese que Lacan fissa aí, esse saber que não passa ao simbólico, em alguma forma, essa letra que para cada um faz o sintoma como função de gozo (F(x)): *sinthoma*.

É por isso que podemos dizer que o estilo de cada um é um estilo de *sinthoma*, um estilo de gozo de fim, e que esse estilo depende precisamente da marca: a afirmação do estilo passa pelo cingimento do horror de saber próprio que o analista terá destacado do horror de todos .

Porque Lacan, escreve que o analista *deve* trazer a marca? Porque não poderia ter final de análise sem o evidenciamento dessa marca, que é a marca da divisão, marca da divisão do corpo e do gozo. E esse “*dever*” carrega uma implicação ética e uma implicação lógica ao passo que a condição (de rebotalho) seja suficiente.

Podemos pensar que o cartel “sabe” encontrar a marca em todos os casos? Isso supõe que aqueles que o constituem sejam efetivamente “congêneres”, que se pode encontrar neles essa marca trazida, trazida como um signo distintivo, e não apenas diferencial, mas singular:

Lacan o escreve a, o rebotalho. Saber ser um rebotalho é correlato do achado da marca. Lacan saca aí a origem do entusiasmo que responde por isso: o tempo chegou de desembaraçar este entusiasmo de suas conotações místicas, do gozo religioso do furo, para fazer dele um entusiasmo sóbrio, equivalente ao objeto causa, e por aí sendo referenciado ao desejo e não ao gozo.

E aí que tomamos a medida da potência do procedimento lacaniano de recrutamento do analista e a grande distância que nos separa ainda hoje de sua realização. Mas como dizia Lacan a propósito do passe, se a Escola é fictícia, isso deixa alguma esperança, mas isso não impede que a marca estresse, inquieta, pelo fato mesmo do saber que tem que ser reconhecido.

Reconhecer difere de se-reconhecer: o “se reconhecer” daí identificação opõe-se ao reconhecer como diferença absoluta, e é mesmo a diferença absoluta que está em questão no passe (cf. o fim do *Seminário XI*): trata-se de reconhecer uma diferença diferente de todas as diferenças conhecidas, incluindo, e sobretudo, a sua própria.

Reconhecer-se faz correr o risco do entre-se, do igual ao si mesmo, com a possível rejeição do diferente, até mesmo do impossível de reconhecer, de saber fazer (*savoir-y-faire*) com a diferença. Não se trata aí de “se” reconhecer mas de se reconhecer aí.

Apreendemos aí que Lacan-a-marca pode tanto quanto se nomear Lacan-a exigência. Quanto a esse ponto, como não se aperceber do hiato que tem entre o que Lacan propõe e o que ele muitas vezes se queixa, a moleza de espírito, e até mesmo a covardia (cf. *A Lógica do fantasma*, lição do dia 21 de junho 1967).

É verdade que largar a covardia pode dar alguma vertigem, mas no entanto...

A exigência do plano institucional de Lacan só se iguala a sua exigência no que diz respeito à função do analista, a qual, o que ele reafirma diversas vezes, emerge da experiência da análise. Esse laço mantido entre a prática e a doutrina da análise, e depois sua aplicação ao procedimento como o passe, faz dele hoje o Um de exceção do qual retiramos cotidianamente a orientação da práxis. Para que essa posição não vire um culto da personalidade, então, como ele mesmo dizia dele mesmo “façam como eu, não me imitem”. Não se trata, com efeito, de fazer como, mas como dizia também, de obrigar-se a inventar, re-inventar a psicanálise. Nesse ponto também a tarefa não é tênue, porém é justamente a isso que cada cura deveria confrontar. Podemos ser gratos ao Dr. Lacan por ter nos proposto essas novas veredas que ele trilhou para nós, e nada proíbe, por um lado explorá-las, e por outro, dizer como regulamos nossos passos a partir disso na prática da psicanálise.

Lacan é: “Andamos...” já que como seus leitores já sabem, seu ensino é marcado (é o caso de dizer) por um “*work in progress*” constante, sem por isso renegar o que precede. Em outras palavras, é ao mesmo tempo “avante, marche!” e “avante, marque!”, a marca. E isso não vai sem o desejo *de* saber na medida em que ele indexa a mudança de posição ética que a análise torna possível: responsabilidade do impossível, resposta ética e lógica, resposta ao impossível ao qual o sexo nos confronta. Mas por isso precisou que Lacan ouse proferir seu “Não há relação sexual” para que se tome a medida do Real em jogo no negócio e que a questão do amor se abra para outra perspectiva que não a narcísica.

*Tradução de Dominique Fingermann*

**Bernard NOMINÉ (França)**

## Luto do sentido ?

Conferência no Reid Hall, sobre o lançamento do livro de Colette Soler

Ao fechar o livro de Colette Soler, vem-me uma pergunta que na verdade me acompanhou durante todo o tempo da leitura : haveria um luto do sentido a ser feito no fim da cura?

Se tomo o risco de formular tal pergunta, na medida em que ela me parece estar no limite da ingenuidade, e até mesmo da incongruência, é porque acredito em sua importância no que diz respeito à meta da cura analítica de hoje. Em todo caso, foi a esse esforço de elucidação que me conduziu a leitura desse enorme trabalho de que Colette Soler testemunha em seu livro e eu agradeço a ela.

Sem dúvida, se hoje ainda pensamos em nos aventurar na experiência analítica, é porque temos aí uma expectativa do sentido, e é portanto porque a operação de sentido é suposta tratar a insensatez do sintoma que faz sofrer, que angustia ou que deprime. De fato, constata-se comumente que é isso que se passa. Já se proclamou alto e bom tom que a análise não cura, mas deve-se guardar silêncio quanto ao fato de que ela trate? Seria a significação obtida ou a busca de sentido que trata? A questão é importante e faz surgir de imediato uma dificuldade : nem sempre se diferencia o sentido da significação.

Na verdade, parece-me que alguns mal-entendidos vêm do fato de que o campo do sentido e da significação é um campo fundamentalmente instável, em que pode-se chapinhar como em areia movediça. Lacan falou sobre a *cola do sentido* de tal modo que pensou-se que no fim de seu ensino ele desconsiderava o sentido. Certamente, sua paixão por Joyce poderia encorajá-lo a desconsiderar o sentido. Porém, as asserções de Lacan se entrecrocavam tanto ao longo de seu ensino que é preciso prudência antes de poder afirmar que em tal momento foi dado um passo sobre o qual ele não voltará atrás.

Assim, eis alguns paradoxos para animar nosso debate.

O sintoma testemunha uma fixação de gozo, um sentido gozado (*sens joui*) graças ao aparelho linguageiro que fornece o código. Esta é a lição que Lacan aprendeu com Freud. O gozo está portanto na cifração. É um gozo que permanece despercebido pelo sujeito. Assim, não deveríamos confundir-lo com a satisfação obtida pelo deciframento.

Mas se o sentido gozado for essencialmente um sentido fixado, então é algo mais da ordem da significação. O sentido escapa e é aliás sua fuga infinita que melhor o caracteriza ; a significação, por sua vez, é um momento de parada nesse deslocamento contínuo.

Em resumo, se há gozo-sentido (*jouis-sens*), seria na fuga do sentido ou na fixação de uma significação?

Parece-me que, sobre essa questão, nossa clínica cotidiana nos informa. O que traz sofrimento ao sujeito, o que o faz tropeçar sempre nos mesmos sulcos, é uma significação fixada, uma significação “absoluta”, dizia Lacan, e ele se referia aqui à fantasia. O que observamos constantemente em uma análise é que o analisando demonstra pontos de fixação, isto é, pontos em que um gozo fixou de uma vez por todas uma significação absoluta que só pede sua repetição e repetição mais ainda, no corpo (*encore et en corps*). Este gozo é sustentado por uma significação sexual, sem dúvida nenhuma. A análise mostra sua eficácia quando ela questiona essa significação fixada, e como poderia ela fazê-lo a não ser pela remobilização do sentido, permitindo-lhe escapar novamente.

Foi aí que eu me disse, preparando essa pequena contribuição, que seria preciso tentar definir de que modo a psicanálise opera com o sentido. Não penso que ela opere

desconsiderando-o totalmente. Não se pode reduzir de modo radical a posição do analista à do sofista, ainda que Lacan tenha nos levado a considerá-lo com mais simpatia do que o fazia Platão. Parece-me poder dizer que a análise libera as significações fixadas questionando o sentido, acentuando o não-sentido, fazendo ouvir o duplo sentido, em resumo, remobilizando-o. O que não significa absolutamente que ela faça pouco dele.

De certo modo, Lacan fez do sentido até mesmo uma nova presentificação do objeto perdido. Esta é a lição que podemos extrair de sua *Introdução à edição alemã dos Escritos*. “O sentido do sentido só se apreende pelo fato que ele esco, a ser entendido como de um tonel.” E ele acrescenta: “é pelo escape (escoamento) que um discurso assume seu sentido”. Portanto, atenção aos discursos que não escapam; eles são herméticos, no real sentido do termo, eles funcionam bem, mas não têm nenhum sentido. Não penso que Lacan tenha recomendado que o discurso do analista prescindia do sentido. Se ele lutou tanto para manter o escape do tonel, como ele mesmo confessa no texto ao qual me refiro, é porque ele mediu o risco da passagem ao universitário. Se existe um discurso que pretende estar ao abrigo do turbilhão do sentido, esse é o discurso do universitário, e não o do analista. De que modo poderia o psicanalista de hoje interessar-se por seu trabalho se ele não fosse motivado pelo escape do tonel?

Se a cura avança com a denúncia do gozo fixado em benefício de uma satisfação do deciframento, como isso pode parar? O analisante, em dado momento, ver-se-ia diante do fazer o luto da busca do sentido? Renunciar à satisfação do deciframento fá-lo-ia recair no trilho do gozo fixado? Sem dúvida, é isso que ele teme enquanto não chegar ao momento lógico em que a cura se termina com “*queda do alcance de sentido*”, como Colette Soler observa em seu livro.

Ainda existem aí muitos paradoxos. Arrisquemo-nos a animá-los um pouco. Certamente, existe satisfação no sentido encontrado, mas o trabalho de deciframento não deixa de ser uma tarefa da qual o analisante quer constantemente se subtrair. Entre duas palavras, escolhendo sempre a menor, com mais frequência é a angústia que o encoraja a submeter-se a ela, mais do que sua expectativa de satisfação. Faria ele tanta questão dessa satisfação do deciframento? De meu ponto de vista, ele tem menos apego a ela do que à sua paixão pela ignorância e por seu sintoma. A satisfação pelo deciframento estaria unicamente do seu lado? Não seria também para agradar seu analista que ele se dedica cuidadosamente a ele em alguns momentos? Em outras palavras, é a transferência que incita a satisfação com o deciframento.

Definitivamente, é o analista que deve fazer o luto do sentido, ou mais exatamente o de uma significação última que o asseguraria contra o escape do sentido. E isso deveria ser algo bastante natural para ele, na medida em que tiver descoberto a incidência em sua própria história desse campo que permanece fora de alcance do sentido. Quer dizer, se ele tiver apreendido a importância do escape do tonel. É preciso que ele tenha chegado aí para que perca a ideia de fechá-lo, para ele, ou para um outro.

Existe sem dúvida um entusiasmo, uma satisfação em descobrir desse modo o que constitui o impulso da busca de sentido. No fim do percurso analítico, é um alívio não ter que se responsabilizar pelo escape de sentido, o que não implica, com isso, uma inclinação pronunciada pelo que está fora de sentido. Elevar às alturas o fora de sentido, tornar o real o melhor do melhor, francamente, parecer-me-ia suspeito. Fazer a promoção do fora de sentido, torná-lo um ideal, seria atribuir-lhe uma significação. No que diz respeito ao de sentido...esqueçam portanto ! Impossível saber se estar por dentro ! É isso que Lacan observa no *Prefácio* que Colette Soler tornou famoso. “*Basta que se preste atenção para que se saia dele*”.

Enfim, último paradoxo : de que modo poderíamos medir esse núcleo fora de sentido do inconsciente a não ser tomando a via do sentido, isto é, do deciframento? Se não fosse assim, seria preciso considerar que aquele que não tem a menor vontade de atribuir um mínimo de sentido ao que se passa com ele, isto é, aquele que se recusa a supor um saber a

quem quer que seja, este estaria em uma posição mais correta do que aquele que entrou em uma longa análise e que pena para sair dela. Ou então, para tomar a questão inversamente, seria preciso considerar que no fim do percurso o analisando se encontra na posição de não mais assinante (*désabonné*) do inconsciente?

Todos esses paradoxos são levantados e abordados sem concessões no livro de Colette Soler.

Vou concluir com o tema do impossível.

Para Freud, a psicanálise faz parte das três tarefas impossíveis, mas isso não o fez recuar, longe disso. O mesmo se passa com Lacan, já que ele faz do encontro com o impossível a própria condição da validade do discurso analítico e sua possibilidade de transmissão. É com essas palavras que ele termina sua introdução à edição alemã dos *Escritos*: **“como não considerar que a contingência, ou o que cessa de não se escrever, não seja o lugar por onde se demonstra a impossibilidade, ou o que não cessa de não se escrever? E que por aí se ateste um real que, apesar de não ser mais bem fundado, seja transmissível pela fuga a que corresponde todo discurso”**.

Em outras palavras, o que se transmite é o real enquanto turbilhão criado pelo escape de sentido que nenhum discurso consegue tamponar. Estaríamos aqui dissertando sobre essas coisas inapreensíveis se tudo isso se deixasse captar facilmente com o auxílio de nossos conceitos? Lacan irá comentar essa conclusão em sua conferência no congresso da Escola freudiana na Grande-Motte em 1973, de modo mais arejado, dizendo que ele se comprazia com o fato de que “nos grupos, cada um fala e traz sua experiência, é aí que pode ser feito o que só se concebe em nossa ideia do real em termos de uma espécie de cristalização, é aí que podem produzir-se os pontos nodais, os pontos de precipitação que fariam que o discurso analítico tenha enfim seus frutos.”

*Tradução de Maria Cristina Kupfer  
Revisão de Dominique Fingermann*

**Marc STRAUSS (França)**

## O riso de Lacan

“Eu me lembro...”<sup>118</sup>, uma homenagem a Perec, que compartilho com o anúncio desta jornada organizada para marcar os trinta anos da morte de Lacan. Eu me lembro, então, dos dez anos da morte de Lacan. Há vinte anos, porque não dizer há um século, tendo em vista a massa de acontecimentos que conheceu depois o campo analítico?

De fato, eu me lembro, sobretudo, da última frase da intervenção de Colette Soler, que ela concluía falando do riso de Lacan; eu a cito de memória: “um riso tão particular, o riso do saber”. Ela havia colocado em palavras o efeito que faziam sobre mim meus encontros com Lacan, efeito que perdurava com a lembrança dos mesmos. Um efeito quase físico, bastante indefinível, ainda que agradável. Eu diria um espanto, no sentido forte, no qual eu estava ao mesmo tempo um pouco medusado e, no entanto, não todo medusado; e divertido também, ainda que não todo divertido – não todo divertido, pelo menos por causa do dinheiro do qual eu lhe fazia dom, como último ato tão memorável de cada um de nossos encontros. Um efeito de afeto então, que me cortava o fôlego, eu digo da fala, e que ao mesmo tempo me fazia experimentar a simpatia pelo que me parecia captar e experimentar,<sup>119</sup> simpatia que eu definiria

<sup>118</sup> (N. da T.) “Je me souviens” (*Eu me lembro*), é o título de um poema de Georges Perec.

como uma comunhão numa forma atenuada de alegria, uma alegria não sem reserva, a reserva de meu espanto primeiro e persistente.

Minha última frase comporta um equívoco gramatical. Com efeito, quando eu digo que eu experimentava a simpatia pelo que me parecia captar e experimentar, o que é isso? Trata-se de Lacan ou de mim? Esta ambiguidade da língua é bem vinda, pois qualquer que seja a resposta, o fato de que a simpatia se experimenta mostra que há do Um que se realiza nela. Mas qual é esse Um? É o que encarna Lacan com o que ele parece captar e sua alegria à qual sou confrontado, um pouco perplexo? Ou neste Um, estou eu incluído por causa da minha simpatia com o trio precedente? Esta questão do Um é muito complexa para desdobrar. Dela trataremos ao longo deste ano no Colégio clínico, com o tema “O que faz laço?”. Mas, aqui, podemos nos autorizar a colocar em ressonância, prestes a verificar a pertinência, o “Há do Um” de ... *ou pior*, e o “Há d’alegria” (“*Y’a d’la joie*”) de Charles Trenet, de 1937. Esta canção que Lacan não podia não conhecer e que, como por acaso, conta um sonho maravilhoso e seu difícil despertar.

Retorno então à alegria do riso e da simpatia que ele suscita. Ela é feita de alegria? Como todos os afetos, ela tem causas, e ademais contraditórias. Trata-se de uma alegria infantil de sacudir a ordem estabelecida, a alegria de descobrir e desvelar então uma ordem não sabida, a alegria de comprazer ao outro, a alegria do dever cumprido – no caso desta última existir? Como saber? É impossível descrever todas as razões possíveis e parece mais razoável não tentar. Dever-se-ia, então, se contentar em experimentá-la, sem se perguntar de que ela é feita?

Isso já não é pouco, mas reconheçamos que é um pouco triste, como toda renúncia. É aí que as palavras de Colette Soler articularam para mim as razões desta alegria, a razão de fato, o saber. Lacan sabia, e o que ele sabia o alegrava, o fazia rir. E nós só podíamos estar em simpatia com esse riso tão solitário, tão completamente isento de maldade diante de alguém, de seu interlocutor em particular. Por seu riso, Lacan tornava seu saber tanto intrigante quanto tentador.

Qual era este saber?

Resposta: um saber sobre a fala e sua função. Segundo a lembrança que eu tenho, Lacan tinha este riso nos momentos de “demais”, de excesso. Um excesso que podia tomar duas formas: por um lado, o excesso de sentido, portanto de suficiência, e que era assim logo desinflado; por outro lado, o excesso de não sentido, a queda no não-sentido de uma crença tão idiota quanto inútil. Idiota posto que mentirosa, da mentira da verdade, é claro; e inútil pois não protege do buraco real no simbólico e do medo que daí surge.

A experiência analítica demonstra, com efeito, que não se pode jamais saber quando as palavras mentem, mas que as palavras não faltam jamais. Graças a esta experiência, pode-se mesmo dizer o que se passa quando estas parecem faltar; ou mesmo quando elas não existem, pois, nós sabemos que, sobre um ponto preciso, não há palavra possível. Trata-se, é claro, da relação sexual. É por isso que nós podemos rir, com gentileza, face àquele a quem nós deixamos tão polidamente a palavra, o analisante, quando este nos explica o que, desta relação, ele compreendeu e defende de corpo e alma. Ele aprenderá como nós mesmos e com o tempo, que ele se cansa por pouca coisa e poderá então por sua vez rir, pois só restará o gozo fora do sentido.

Por outro lado, o que será incontestável para ele, é que terá falado e que, falando, ele existiu para o outro, para aquele que o escutava; este é de fato o contrato implícito do dispositivo, nossa oferta, como dizemos depois de “A direção do tratamento...”. No fundo, o

---

<sup>119</sup> (N. da T.) No original, [...] pour ce qu’il me semblait saisir et éprouver [...]. A língua francesa exige sempre um pronome antes do verbo, mesmo quando a frase se refere a um sujeito gramatical indeterminado, o que não ocorre na língua portuguesa. Para a tradução, corresponde ao problema de decidir conforme o contexto: “pelo que ele me parecia”/“pelo que me parecia”.

cogito do analisante poderia ser um “Falo, logo existo... no ouvido do outro, senão em sua atenção”. Ao gozo fugidio do sentido responde, portanto, um gozo real de um dizer, o gozo que faz o inconsciente real, o “*j’ouïs sens*” (“eu ouço/gozo sentido”), como o escreve Lacan, com o j, apóstrofe, o, u, i, s.<sup>120</sup>

É esta a alegria do saber. Ele vai do não-sentido que pesa sobre nossos ombros e nos terrifica, ao não-sentido gozado que os sacode de rir. Do fora de sentido ao fora de sentido gozado, é uma citação do livro de Colette Soler sobre os “Afetos lacanianos”, página 138 exatamente.<sup>121</sup>

Esta passagem do fora de sentido do sintoma, com seus desconfortos e suas penas, ao fora de sentido gozado, é o que bem manifestava o riso do saber de Lacan: a alegria que provoca a vitória do real sobre a mentira e seus constrangimentos.

Observemos que é uma opção, experimentar alegria nesta vitória; uma opção do psicanalista, estritamente relativa ao seu discurso, pois nos outros discursos a vitória do real é precisamente a coisa a evitar a qualquer preço, em razão da desordem que ela causa. De onde vem a questão seguinte: todo psicanalista, para poder estar à altura de sua tarefa, estar adequado ao seu discurso, deve ter uma inclinação marcada por essa opção, mesmo que optar nesse sentido não seja a priori para cada um de nós? A resposta não é evidente e creio que Lacan a esperava de seu passe. E nós a esperamos sempre...

Deve-se dizer que optar no sentido do real seria uma ideia louca, se o real não tivesse já seu lugar reservado na estrutura. Contudo, a opção permanece problemática, pois a alegria da vitória do real sobre a mentira não cura da ausência da relação sexual, do mesmo modo que ela não cura dos choques dolorosos que podem nos vir do real. Mas enfim, estes últimos não advêm do inconsciente, eles deveriam de preferência nos encorajar a não aumentar mais ainda.

Acrescentemos, ainda, que a vitória sobre o real é perdida logo em seguida à sua tomada. Com efeito, apesar disto, a mentira da cadeia do sentido não cessa e esta mentira só pode distrair do real, separá-lo de novo. Pode-se deplorar esta perda, esta impossível eliminação do constrangimento do sentido, do discurso, mas pode-se também se contentar de que o saber psicanalítico não abre de cara a nenhum poder que não advenha de seu discurso próprio.

Já que falei de uma alegria do saber, posso situar também um cômico do saber; sobretudo para o psicanalista. Este cômico reside no fato que, com relação ao real, o psicanalista não é mais bem servido que os outros.

Dito isto, a opção do discurso analítico produz um ganho, deve-se lembrar, sobre o sintoma. Ora, nós já o evocamos, o sintoma também é uma vitória do real sobre o sentido, mas involuntária e não sabida. A análise traz à luz sua função e seu valor essencial, que é a preservação de uma parte de real de seu ser, uma parte preciosa, preservada da mentira do sentido, necessária para se cobrir com a máscara que permite de se posicionar em um discurso. Em uma análise, aprende-se a lidar com o encontro com o que para nós faz real, mede-se o valor e sabe-se daí tirar a alegria, tanto quanto seja possível, a alegria de triunfar sobre a mentira e a alegria de se saber falante, logo existente. A função do sintoma, trazida à luz pela interpretação analítica, sendo ex-posta à luz do real, o sintoma pode assim aí se dissolver, o que equivale a dizer reduzir-se a ele.

Pequena alegria suplementar, não me desagrade, com este termo dissolver, terminar esta homenagem a Lacan por uma de suas expressões. É com esta palavra que ele define o efeito da análise, no seminário “L’insu...”, na lição 9, de 15 de março de 1979. Eu comentarei a frase no dia 3 de dezembro, no primeiro seminário anglófono – eu aproveito a ocasião para

<sup>120</sup> (N. da T.) Jogo homofônico em francês entre *jouissance* (“gozo”), *joui-sens* (“gozo do sentido”) e *j’ouïs sens* (“eu ouço sentido”; “gozo sentido”).

<sup>121</sup> (N. da T.) Colette Soler. *Les Affects lacaniens*, Paris, PUF, 2011.

fazer um pouco de publicidade e aqui eu me contento de citá-la: “O analista pode, se ele tem a chance, intervir simbolicamente para dissolver o sintoma no real”.

Sublinhemos somente que tudo isso precisa também de chance. A chance é o que não responde às leis do discurso, é a irrupção contingente de um real incontestavelmente percebido como agradável e, portanto, acolhido com entusiasmo. Então, ter chance afeta, de um afeto sobre o qual Lacan interrogava os psicanalistas quanto ao que fazia a prática destes: eu nomeei o afeto de alegria, *Freude*. Em que Lacan era bem freudiano...

*Tradução de Elisabete Thamer  
Revisão de Dominique Fingermann*

## THESAURUS SOBRE O PASSADOR

(Preparado por Ricardo Rojas e Dominique Fingermann)

### ■ PROPOSIÇÃO DE 9 DE OUTUBRO DE 1967 SOBRE O PSICANALISTA DA ESCOLA

[...] É o que lhes proporei, dentro em pouco, como ofício a ser confiado, no tocante à demanda de tornar-se analista da Escola, a alguns a quem denominaremos **passadores**\*\*.

Cada um deles terá sido escolhido por um analista da Escola, aquele que pode responder pelo fato de que eles estejam nesse passe ou que retornaram a ele, em suma, ainda estando ligados ao desenlace de sua experiência pessoal.

É com eles que um psicanalisante, para se fazer autorizar como analista da Escola, falará de sua análise, e o testemunho que eles poderão colher pelo vivido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe. A decisão de tal júri seria esclarecida por isso, portanto, não sendo essas testemunhas não sendo juízes, é claro.

(LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.260-261, §255).

### ■ UM PROCEDIMENTO PARA O PASSE (1967)

(Item 4)

Acrescento a eles [aos três membros para o funcionamento de um júri] três dos **passadores** definidos pela função para a qual sua mediação nos parece digna de ser experimentada, a saber, a ele recolher o testemunho que se apresenta na passagem à qualidade de A.E.

Eles são, também, sorteados numa lista constituída pela contribuição trazida por cada um dos A.E., tendo eles próprios aceito a conscrição implicada em sua posição.

Quem é escolhido? Exatamente aquele que então parece apropriado a cada um dos chamados A.E. e sob sua responsabilidade eventual.

Essa propriedade é simples e ao alcance de sua apreciação: do que seja um psicanalisante em sua tarefa e do que ele crê estar no passe em que, precisamente, advém o desejo do psicanalista, esteja ele, ou não, em dificuldade.

Esse pode ser o caso de alguém que ocupa qualquer posição na Escola, de um outro A.E. que, num extremo, acabou de passar por sua mediação, ou, num outro extremo (entendido com relação à qualificação), de alguém que não pertence à Escola e que por esse fato tem acesso a ela.

Desse campo limitado à mera apropriação do sujeito, quantas unidades ele pode extrair? Em princípio, tantas quantas lhe agrade, não há nenhuma objeção. Porém, para evitar – é necessário pensar em tudo – de se propor a manifestação do absurdo, limitemos a três, para cada um o número dos designáveis. Pela responsabilidade implicada nessa designação já tornará razoável que cada um possa, por causa disso, produzir um.

(Item 5)

Os três **passadores** são aqueles que recolhem o que os postulantes têm a apresentar, com um fim a ser definido em breve.

Eles o levarão ao júri plenário que, em seu conjunto, em muitos casos, não desconhece o interessado.

Se ele não conhece nada sobre este, cada um de seus membros pode fazer uma idéia dele por uma convocação expressa, beneficiando-se das condições com as quais se contentou até então. Convocação do candidato e, eventualmente, de seu psicanalista.

\* Colaboração de Maruzânia Soares Dias (FCL-SP) para a organização das traduções na versão em português.

\*\* Grifos nossos.

A decisão no júri plenário se toma segundo a opinião de dois dos três A.E. que fazem parte dele. Nem diretor nem os **passadores** participam dela, a não ser por consulta.

Vocês podem observar que qualquer Sociedade organizada assim seria ingovernável. No entanto, não se trata, para mim, de governar.

Trata-se de uma Escola, e não de uma Escola comum. Se, nela, vocês não são responsáveis diante de si mesmo, ela não tem nenhuma razão de ser.

E sua responsabilidade essencial consiste em fazer avançar a análise e não em construir um asilo de velhos para os veteranos.

(Item 6)

Sobre isso: o problema de renovação deste júri. Proponho de início, sob a condição de modificá-lo depois, uma circulação que permita a avaliação do maior número.

Esses dois terços, mantenhamo-lo como a taxa dos escolhidos por sorteio, a cada seis meses, em cada um dos grupos em exercício.

Observemos que isso não determina, por antecipação, salvo por incidência da probabilidade, a duração do mandato de um membro.

Para substituir os que saem, sorteamos da lista constituída dos A.E. e dos **passadores**, com exceção, mas somente para a renovação imediatamente em causa (isto é, não para os sucessores), dos que estão saindo.

Permanece a questão do órgão de que podem resultar diretivas a tomar e ideias a elaborar.

Esses resultados, insistimos nisso, são, de início, esperados do próprio júri de aprovação.

A cumulação deles a longo alcance viria, naturalmente, para estudo do cartel “Tornar analista”, mantido, até o presente, mais ou menos aquilo que está no papel.

É a partir daí que adquirirá vida, mas não lhe damos, até que se tenha sacudido, nenhum valor diretorial.

(LACAN, Jacques. *Opção Lacaniana*, nº18. São Paulo: abril 1997).

## ■ RESPOSTA ÀS OPINIÕES MANIFESTAS SOBRE A PROPOSIÇÃO (VERSÃO TRANSCRIÇÃO) (1967)

As referências que menciono, não têm nada a ver com o desejo de ser analista. Eu não vendo o segredo do discurso enganoso aos **passadores**.

[...] Que Freud tenha atravessado o passe, é uma questão fora de controle e pode sem inconveniente ser posta em dúvida. Ele não poderia ser seu próprio **passador**.

Se creio nas lembranças tão precisas que Madame Blanche Reverchon-Jouve por vezes honrosamente me confiou, tenho o sentimento que, se os primeiros discípulos tinham sujeitado algum **passador** escolhido dentre eles, digamos: não o desejo deles de ser analista, – cuja noção nem sequer era então perceptível – tanto é que quem quer que seja que ainda o perceba – mas somente o projeto deles de ser, o protótipo dado Rank em sua pessoa do “eu não penso” poderia ter sido colocada muito mais cedo no lugar da lógica da fantasia.

E a função do analista de Escola veio à tona desde então.

Pois afinal é preciso que uma porta esteja aberta ou fechada, assim sendo, estamos na via psicanalisante ou no ato psicanalítico. Pode-se alterná-los como o bater de uma porta, mas a via psicanalisante não se aplica ao ato psicanalítico, que se julga na sua lógica em suas consequências.

[...] Quanto ao estado da ordem de informação que eu esperava dos **passadores**, não é impossível recolher junto ao funcionamento estatutário dos júris.

Estes serão colocados em função segundo o procedimento anterior, bem próximo à conjuntura presente que torna provisoriamente o sorteio o modo de escolha o menos questionável, e cuja minha presença, que eu havia proposto reduzida à consulta, se fará voto.

O júri de acolhimento será composto de 5 membros.

*Tradução de Guilene Chantal Postel*

### ■ DISCURSO NA ESCOLA FREUDIANA DE PARIS (1969)

Pois afinal não está o psicanalista sempre à mercê do psicanalisante, ainda mais que o psicanalisante de nada pode poupá-lo quando ele tropeça como psicanalista, e menos ainda quando ele não tropeça? Pelo menos, é isso o que nos ensina a experiência.

O que não pode poupar-lhe é o des-ser com que ele é afetado como término a ser atribuído a cada psicanálise, e que me espanta reencontrar em tantas bocas desde minha proposição, como que atribuído àquele que inflige o golpe, por estar, no passe, conotando unicamente uma destituição subjetiva: o psicanalisante.

Para falar da destituição subjetiva sem trair o segredo do blabláblá ao **passador**, ou seja, aquilo cujas formas em uso até agora já fazem imaginar sua dimensão, eu a abordarei noutro lugar. (p.278; §273)

[...] Deixo de lado o fato de que alguém que entende do riscado faz de mim um fascista, e, para acabar com as futilidades, registro, com um sentimento divertido, que minha proposição teria imposto a admissão de Fliess na Internacional psicanalítica, mas recordo que o *ad absurdum* exige tato, e que aqui ele fracassa porque Freud não podia ser seu próprio **passador**, o que foi justamente a razão de não poder liberar Fliess de seu des-ser.

A acreditar nas lembranças muito exatas que a Sra. Blanche Reverchon-Jouve às vezes me faz a honra de confiar, tenho a sensação de que, se os primeiros discípulos houvessem submetido a um **passador** escolhido entre eles, digamos, não sua apreensão do desejo do analista – ideia que nem sequer era perceptível então, se é que alguém entende disso agora –, mas apenas seu desejo de sê-lo, o analista, o protótipo fornecido por Rank em sua pessoa, do « Eu não penso », poderia ter sido situado muito mais cedo em seu lugar na lógica da fantasia. (p.279-280; §273)

[...] Como seria preciso mudarem aqueles cujo exercício da proposição responde, a título da nomeação de **passadores**, pela coleta do depoimento deles, pela sanção de seus frutos, prevalecendo o seu *non licet* sobre os *licet* que, no entanto, sejam quais forem os *quemadmodum*, compõem uma maioria tão inútil quanto esmagadora. (p.284; final do §278)

(LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.278-280, 284 ; §273 e final do §278)

### ■ COMUNICADO DO JÚRI DE APROVAÇÃO A TODOS OS MEMBROS DA ESCOLA (1969)

O júri de aprovação eleito pela assembleia geral de 23/01/1969, de acordo com o diretório que se reuniu para sua primeira sessão estatutária, realizada quarta-feira, 02 de maio de 1969, por esta nota informa os A.E. atualmente em exercício entre os quais contam todos os seus membros, que cada um deles pode apresentar, um, dois até três nomes (não mais, mas também, nenhum), para colocar no lote de onde serão sorteados pelos futuros candidatos ao título de A.E., seus “**passadores**” (grifo nosso), não sem lembrar que esses candidatos, na época de se apresentarem ao júri de aprovação, os escolherão por sorteio, em número de dois, podendo recusar qualquer um que pareça não convir, com o risco para eles de vê-los reduzidos aos dois últimos a restar no chapéu.

1. Na mesma nota falta certo número de pontos onde persistem os mal-entendidos, de uma obstinação tão amarrada que ela necessita ser revista por todos os membros da escola:

a) função do **passador**: ela não constitui nem uma promoção, nem mesmo a sanção de que uma análise tenha sido realizada com sucesso, mesmo que fosse somente pelo analista que apresenta o mesmo.

É um encargo que o analista no título de A.E., investe alguém que ele julga capaz de recolher uma informação relativa ao passe e dar testemunho disso ao Júri de aprovação, suposto, não

sem razão, ser um colégio advertido. É somente em consequência disso que o **passador** deve ter a experiência como psicanalista, mas não é obrigatório que ele tenha sido atravessado pelo ato do analista que o apresenta, nem tampouco que seja um analista de Escola. Resulta disso que, em princípio, o A.E. poderia ser dispensado de informar a pessoa que considere adequada para servir de **passador**, que ele a propõe para este encargo. Fazê-lo é exclusivamente cortesia e o eleito mantém o direito de recusar a honra. Se ele aceitá-la, não poderá abster-se de qualquer exame que lhe seja exigido a título do passe.

Se ele for deixado na ignorância da sua presença na lista, como é concebível que ele pode renunciar na primeira ocasião em que seja informado, assim como em uma ocasião posterior, mas em todo caso, não tem retorno.

b) questão do passe: o **passador** é ainda menos um “passado” que está lá não mais que para uma análise lógica do passe, a qual, não sabemos atualmente nem o que ela é, nem se ela é possível de ser decidida.

A única definição possível do passante é que ele não é sem sabê-lo.

É a esse título que ele não será admitido para fazer a prova de sua passagem sem a permissão expressa de seu analista.

Esta permissão necessária é somente uma não reprovação, e de modo algum uma condecoração a título de uma análise bem sucedida.

Ela consente que um candidato se ofereça a contribuir com um julgamento que lhe interessa, sobre os limites testemunhados por sua análise, e especialmente, na medida que ela tem a pretensão didática.

É por isso oportuno que, enquanto psicanalista, esse candidato tenha, pelo menos, alcançado o seguinte: de não estar sem saber que se trata desses limites.

Que em uma tal prova um psicanalista seja aprovado como A.E. faz do seu psicanalista, ao mesmo tempo A.E., mas, não dá nem a um nem a outro o direito de se autorizar o título de A.M.E: Seria um analista cuja escola garantisse a omnivalência?

c) Sanção da passagem diante do júri de aprovação: o júri pode muito bem negar-se a aprovar um candidato ao título de A.E. sem que esse fato macule nem a pertinência da análise percorrida, nem a capacidade do psicanalista que consentiu a apresentação, e nem esse fato pressupõe que o candidato não se tornará analista.

Com efeito, o júri tira um ensinamento da apresentação, mas ele não é suficiente. É necessário que aquele que o fornece, apareça localizado no ponto propício para que outras apresentações façam uso dos seus próprios recursos, em outras palavras, ele tem em si a promessa de contribuir significativamente para o trabalho dos A.E.

A decisão do júri de aprovação, em uma palavra, se passa no limite que separa o desempenho da competência.

É claro que a competência se inaugura pelo desempenho, que nunca é apenas particular da psicanálise.

É deste ponto do passe, e para interrogá-lo, que a proposição de 9 de outubro de 1967, procura reter uma seleção e a privilegiar.

O que indica essa seleção, é a preservação dessa mesma articulação de sua distorção subsequente por outras afluências que a incham, e a necessidade do privilégio aferente é superdemonstrado, se ainda fosse necessário, pelas respostas mais recentemente registradas na proposição.

d) Em conclusão, tomar nota de que intitular-se A.E. da Escola não qualifica ninguém a se autorizar ser A.M.E. da Escola. Os dois títulos não são de modo algum incompatíveis, o que prova sua independência.

## ■ JAQUES LACAN NA ESCOLA BELGA DE PSICANÁLISE (1972)

Enfim, a partir de quando há um analista? É por isso que nesta Escola, que é a minha, tentei, como Escola que ainda deve submeter-se às suas provas, fiz essa proposta a qual realmente afugentou um certo número de pessoas.

[...] Está sendo uma experiência. Propus, tentei propor que se esclareça pelo testemunho do interessado, de quem quer que possa ele mesmo testemunhá-la (hum), testemunho do interessado do momento, que não está bem certo de testemunhar o que é ser analista tendo em vista que é justamente isto que está em suspenso, a partir do momento que testemunha isto, onde ele se encontra, o que aconteceu para fazê-lo ao menos desejar sê-lo, e – se crê o que fundei como princípio, a saber, que a análise não poderia se conceber se não percorreu pessoalmente alguma coisa que se assemelha à experiência analítica, onde se encontra no momento em que, ou isto se confirma, ou isto então se afirma simplesmente, o que fez desejar ocupar esta posição. Deixei, aliás, a liberdade a cada um de testemunhá-la ou não. Ninguém é forçado a se oferecer à experiência do que chamo, um pouco como eu pude, o passe. [...]

Acreditei que era... (hum), que oferecia mais chance a este testemunho o fato de poder ser dado, que isto não se passa com alguém já em posição de pronunciar o *dignus est intrare*, não é mesmo?! Ademais é preciso mesmo assim que haja alguém que o pronuncie, esse *dignus est intrare*. A ideia de separar aquele que colhe o testemunho, daquele que produz esse *dignus est intrare*, se impunha de certa maneira a partir daí. Tentei esta via que consiste em começar: por abrir uma via, há sempre um *initium* que comporta uma parte de arbitrário. [...]

Portanto, a experiência já começou. Há pessoas que foram escolhidas por aqueles que já estavam instalados no sistema; para fazê-las sair de seu sistema (deles), é forçoso se apoiar sobre o próprio sistema: há também pessoas que foram designadas. Com isso não se pode crer que teremos todos os resultados escabrosos, turbulentos. É verdade que alguns **passadores** foram muito bem designados. Quero dizer que eram pessoas sérias, honestas, capazes, conduzindo análises próprias, eu as escolhi entre aquelas, entre os frescos e moídos, ou ainda em análise, e eles receberam aqueles que se encontravam a si mesmos, que se acreditavam no estado ou humor de testemunhas seus próprios casos.

[...] É certo que os dois estão ligados em parte, enfim não é. Aqui não posso entrar em detalhes. Mas o que lhes quero dizer, é algo que... infelizmente não consigo alguém que o testemunhe de imediato, o escreva; enfim, é um modo de falar, porque ao nível daqueles que colhem o testemunho dos **passadores**, a saber o que instituí como... guardando na medida do possível as antigas denominações, mantive esse termo de “júri de acolhimento”, há bem alguma coisa, é o que eu dizia agora a pouco, do *dignus est intrare*, e como, ademais, esse passe era feito para selecionar pessoas que tinham, ao menos, o sentimento de estar cientes desta abertura, não é, depois eles se expuseram então a isso que estava na prova do passe do qual se colheu algo que tenha valido para que se possa considerá-lo depois, que neste plano, e somente neste plano, eles estavam em posição de prosseguir o trabalho, isto é, para prosseguir de um modo totalmente diferente do recrutamento daqueles que estão em posição de dar o *dignus este intrare*, desta forma conservando algo que já era uma primeira abertura; o termo de analista da Escola para nós tem um outro sentido que membro, dito, aliás, titular. Esses analistas de Escola eram pessoas que não recebiam para tanto a consagração da experiência [...]. Eu quis pleitear um recrutamento que mais seja um recrutamento mais jovem do que aqueles que acham simplesmente ter, então realmente para o exterior, porque é preciso conservar bem alguma coisa que tenha uma superfície, não é, para o exterior, o título de analista membro de Escola; isso faz A.M.E., é engraçado, e é aquele cuja Escola reconhece que tem realmente uma prática de analista e que pode dar um testemunho de sua prática. [...] E pode-se esperar também que a pessoa em questão seja, mesmo assim, capaz de elaborar alguma coisa, um trabalho. Quanto aos A.E., era a ideia de um trabalho de vanguarda, seriam especialistas nessa interrogação da formação, do que é, como ser senão autorizar-se analista; e

tudo dava o sentimento que de fato, isto era uma via, há quem seja deste registro. Então o que eu queria dizer, é que até aqui, isto não nos levou a um recrutamento largo. É preciso dizer que dos A.E., poucos foram qualificados, fazendo já alguns anos que existe essa experiência. Há todo tipo de coisas curiosas. As pessoas que eram analistas instalados [...] isso os havia forçado [...] a essa introdução por essa via; à função de A.E. Certamente não eram aqueles que já estavam mais instalados que se encontravam na medida, como era de se esperar, de trazer um testemunho quente da experiência que os tinha levado até lá, e é uma pena na medida em que os melhores devem então saber alguma coisa, embora tenham tomado distância em relação a justamente esse momento, nesse momento crucial de passagem, de passagem ao ato. É disto que se trata, não um *acting-out*, mas de passagem ao ato. É precisamente o que é veiculado por esses trabalhos que dizem respeito a um certo campo, o de passagem ao ato. É a isto, como podem ver, que sempre faço alusão e agora consigo dizê-lo [...]. É que os passantes chegam pela experiência do passe, a um resultado totalmente incrível, a uma percepção de um monte de coisas que ainda estavam aí em suspenso em sua análise. [...] Da mesma forma, e vocês vêem como tudo isto, é de uma relação muito complexa, não há exemplo onde o testemunho dos próprios **passadores** não era..., os **passadores** é que mostravam por vezes o testemunho mais cativante na medida em que até agora [...] essa experiência do passe era para todos [...] uma coisa que consome absolutamente, que queima, que transtorna absolutamente e se mostra nos efeitos que eram absolutamente consideráveis.

*Tradução de Guilene Chantal Postel*

#### ■ CONGRESSO DA ESCOLA FREUDIANA DE PARIS LA GRANDE MOTTE (1973)

Eu não acho que seja completamente exato que o discurso de Serge Leclair nos dê uma ideia do que é o passe. O que acontece no júri de aprovação não é o que constitui o passe. É para ter um testemunho do passe que nós estamos no júri de aprovação.

Se Leclair enfatizou os velhos hábitos de uma espécie de sufocamento e de reserva que são aqueles que incentivam incontestavelmente o fato de que depois de tudo, digamos a palavra, a teoria analítica não está madura, que há ainda muito a fazer para que se faça passar no ato as coisas que efetivamente nós sabemos, nós recolhemos no testemunho dos **passadores**, qualquer que seja o valor das críticas que Leclair tem feito sobre a escolha dos **passadores**, mas não podíamos contar com nada além da experiência dos analistas, não é correto dizer, por exemplo, que um analista uma vez disse a alguém “você pode se fazer **passador**”; ele o designa como **passador**, e este alguém não tem que ser informado. Esta é uma regra que eu creio ter indicado muito suficientemente para que se possa dizer em que casos onde as coisas se passaram de outro modo, quer dizer, onde o analista informou de alguma forma sua aprovação ao analisante, para lhe designar como **passador**, há um erro pelo menos em relação ao entendimento do que eu mesmo propus. O analista designa alguém como **passador** e não pede sua opinião.

É exatamente assim eu creio, como as coisas devem ser entendidas, e é uma grande responsabilidade dar o nome de alguém como **passador**; é necessário abrir o caminho.

A partir daí, julguem por si mesmos se, de fato, como disse Irène Roublef, pode ser necessário que o júri de aprovação seja diversificado.

#### ■ INTERVENÇÃO NA SESSÃO DE TRABALHO “SOBRE O PASSE” DO SÁBADO, 3 DE NOVEMBRO (1973)

É disso que se trata, é nesse sentido que o passe finalmente não pode ser julgado como alguém disse nesta tarde, ou nesta manhã, eu não sei mais, senão na via de uma tentativa de apreensão, e talvez para o diálogo entre aqueles que, por estarem expostos a este passe, tiveram a experiência.

Esta é, obviamente, o que vocês não podem perder, por que afinal de contas, não é tão velha, aqueles que estão se oferecendo a esta experiência não são velhos, e a questão pode ser a de saber se agora é a hora que eles oferecem algum tipo de registro, desenho, caricatura, ou se eles deixam de amadurecer, mas há uma certeza, é que se eu ousei introduzir esta experiência, como disse outro dia, e justamente à propósito de uma intervenção, não era para que eu viesse.

Seja qual for a ideia que vocês possam fazer, no nível do júri de aprovação eu não opero senão com a mais extrema discrição; vocês me dirão que essa discrição também significa discernimento, eu opero talvez, mais longe do que admito: por que não? Eu, eu sinto que eu espero, e se nós não temos resultados mais luminosos, mais brilhantes a lhes dar do que este que resulta dessa experiência é muito precisamente em função dessa discrição que vai muito além da discrição e que é da ordem da expectativa.

Eu não estou, da minha parte, e me desculpo, senão esperando no que vai ser capaz de dar, até e incluindo, claro, uma maneira muito diferente para recolher o testemunho.

Mas que alguém aqui simplesmente me propõe uma outra maneira de recolher. Eu desejei, muito precisamente, evitar o retorno aos velhos hábitos, à saber, essa espécie de caráter magistral que emerge do fato de que alguém está ali como um candidato, eu não me importo que o chamem um candidato ou cãndido-*a*, escrevam isso como quiserem, que importa, o importante é que isso passe, e que esta é essencialmente uma experiência daquele que vem oferecer-se aqui, e bem, há alguém que justamente não está aqui sobre seus grandes cavalos para ouvi-lo, e é precisamente nisso que os passadores, eu pedi, contudo expressamente, que eles fossem escolhidos entre os mais novos participantes e selecionados por quem? Por seu analista, e como já sublinhei independentemente do consentimento do próprio sujeito.

Aqueles que estão ocupando a posição do passador em certos casos, de fato se colocam como analistas: isto não é absolutamente o que nós esperamos deles. O que nós esperamos deles é um testemunho, é uma transmissão, uma transmissão de uma experiência, uma vez que ela não é justamente dirigida a um velho, a um mais velho.

Este corredor, esta falha pela qual eu tentei fazer passar meu passe, eu poderia ter talvez inventado uma forma mais sutil, mas seria preciso também não complicar mais as coisas, seria preciso permanecer na ordem do que se faz.

Eu poderia pedir-lhes para se tornarem prestidigitadores, por exemplo, mas vocês sabem o que teria gerado como cansaço! Não, eu simplesmente pedi a eles, e repito, o resultado é algo completamente novo, algo que, em nenhum daqueles que foram apresentados, foi sem efeito, efeitos que podem causar estragos afinal, por que não? Mas, os estragos, cada um sabe que, tais como somos, ferrados, nós da espécie humana, os estragos são o que pode nos acontecer de melhor.

Bom. Bem, eu estou aqui com os estragos nas minhas costas, bom; e, depois de tudo, não é mais preciso, para isso, pois, como alguém apontou para mim, se há alguém que passa seu tempo a passar o passe, sou eu.

*Tradução de Lílíana Alves (FCL-RJ)*

#### ■ NOTA ITALIANA (1974)

Só existe analista se esse desejo lhe advir, que já por isso ele seja rebotalho [*rebut*]<sup>122</sup> da dita (humanidade).

Digo-o desde já: essa é a condição da qual, por alguma faceta de suas aventuras, o analista deve trazer a marca. Cabe a seus congêneres “saber” encontrá-la. Salta aos olhos que isso supõe um outro saber elaborado de antemão, do qual o saber científico forneceu o modelo e pelo qual tem a responsabilidade. É justamente aquela que lhe imputo, de haver transmitido

<sup>122</sup> Optamos por essa tradução para bem distinguir *rebut*, termo caro a Lacan, de *reste* (resto) e *rejet* (rejeito/rejeição/rechaço). (N. da T.)

unicamente aos rebotalhos da douda ignorância um desejo inédito. O qual se trata de verificar: para fazer o analista. Haja o que houver com o que a ciência deve à estrutura histórica, o romance de Freud são seus amores com a verdade.

Ou seja, o modelo do qual o analista, quando existe, representa a queda, o rebotalho disse eu, mas não qualquer um.[...]

Acreditar que a ciência é verdadeira a pretexto de que é transmissível (matematicamente) é uma ideia propriamente delirante, que cada um de seus passos refuta ao repelir para os idos tempos uma primeira reformulação. Não há, por isso, nenhum progresso que seja notável por não se conhecer sua consequência. Existe apenas a descoberta de um saber no real. Ordem que nada tem a ver com a ordem imaginada de antes da ciência, mas a qual razão alguma garante ser um feliz acaso [*bon heur*].

Se o analista se criva do rebotalho de que falei, é por ter um vislumbre de que a humanidade se situa pelo feliz-acaso [*bon heur*] (é onde ela está banhada : para ela, só existe o feliz acaso), e é nisso que ele deve ter circunscrito a causa de seu horror, o dele próprio, destacado do de todos – horror de saber.

A partir daí, ele sabe ser um rebotalho. Isso é o que o analista deve ao menos tê-lo feito sentir. Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance. Isso é o que o meu “passe”, de data recente, muitas vezes ilustra: o bastante para que os **passadores** se desonrem ao deixar a coisa incerta, sem o que o acaso cai no âmbito de uma declinação polida da candidatura.

Isso terá outro alcance no grupo italiano, se ele me seguir nesse assunto. Pois, na Escola de Paris, não há briga a esse respeito. Visto que o analista só se autoriza de si mesmo, sua falta passa para os **passadores**, e a sessão continua, para a felicidade [*bon heur*] geral, embora com um matiz de depressão.

O que o grupo italiano ganharia ao me seguir seria um pouco mais de serenidade do que aquela a que chego com minha prudência. Para isso, é preciso que ele corra um risco.

Articulo agora as coisas para as pessoas que me ouvem.

[...] Concluso: o papel dos **passadores**, é a própria trípode que o garantirá, até nova ordem, já que o grupo só tem esses três pés.

Tudo deve girar em torno dos escritos a serem publicados. (p.313-315)

(LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro : Zahar, 2003, p.313-315; final do §308, 309 e 311)

### ■ NOTA QUE JACQUES LACAN ENCAMINHOU PESSOALMENTE ÀQUELES QUE ERAM SUSCEPTÍVEIS DE DESIGNAR OS **PASSADORES** (1974)

Não basta que um analista acredite ter obtido o um fim de análise, para que, de analisante que chegou a este termo, por tê-lo, ele mesmo, elaborado, se faça um **passador**.

O fim de uma análise pode ter feito somente um funcionário do discurso analítico. É o que acontece frequentemente hoje.

O funcionário não é necessariamente indigno do passe, onde ele testemunharia seus primeiros passos na função: é o que tento coletar.

Para coletá-lo de um outro, é preciso outra diz-mensão: aquela que comporta de saber que a análise, da queixa, só utiliza a verdade.

Antes de mergulhar de cabeça no engajamento, testemunhará ele que está a serviço de um desejo de saber?

Qualquer um que saberia interrogar o outro do desejo de saber, seria ele mesmo pego de um desejo de saber.

Ele entra, talvez, em sua função, sem reconhecer o que o leva a tal.

Um risco: é que esse saber, ele terá que construí-lo com seu inconsciente, isto quer dizer, o saber que ele encontrou, crescido em seu próprio eu, e que talvez não convenha à referência de outros saberes. Daí, às vezes, a suspeita que vem ao sujeito nesse momento que a sua própria verdade, talvez na análise, a sua, não tenha vindo à tona.

É preciso um **passador** para escutar isso.

*Tradução de Rosane Mello e Revisão de Guilene Chantal Postel*

#### ■ INTERVENÇÕES NA SESSÃO DE TRABALHO SOBRE O “MAIS UM” (1975)

– Ele está sempre presente, mas sempre ignorado. E é isso que eu vou sugerir com este pequeno texto; é que os analistas poderiam perceber isto, ele é sempre desconhecido porque todavia não é o Outro do Outro, o “mais um” está sempre presente, sob formas ordinárias que podem ser totalmente encarnadas, o caso do líder é evidente, mas dos analistas poderiam perceber que num grupo, há sempre um “mais um” e modelar a atenção deles sobre isso.

[...] E é nesse sentido que a gente alcança um pouco o que foi dito sobre a função do **passador** e de uma certa forma também a presença do analista, que neste grupo nós nos encontramos, desta maneira, em posição de analisante.

*Tradução de Rosane Mello e Revisão de Guilene Chantal Postel*

#### ■ JORNADAS DE ESTUDO DA ESCOLA FREUDIANA DE PARIS. CONCLUSÕES – (1975)

É uma questão evidentemente bem diferente do que eu mencionei da instituição do passe. Mas é, talvez, também que, no passe, é evidente que eu faço todos os meus esforços para que haja mais de dois, quero dizer que há dois **passadores**. Mas este não é para gerar um a mais [*en-plus*], porque aquele que se propõe para o passe está totalmente em outra posição como sujeito. Ele nem ao menos é sujeito. Ele se oferece a este estado de objeto que é aquele que o destina à posição de analista. Do modo que, se o despojamos de certa forma, não é de forma alguma uma recompensa, mas é que precisamos dele; precisamos dele para sustentar a posição analítica.

Não é, portanto, um título que resulta da passagem, é exatamente o oposto. Me admira que não se tenha visto aquilo que posso, portanto, aqui testemunhar, é que foi preciso –

já evocamos seu nome – que eu rasteja aos pés de alguém que justamente não quero nomear novamente, alguém de quem já se falou demais, foi preciso que eu rastejasse a seus pés para fazê-lo aceitar ser um analista da Escola.

*Tradução de Rosane Mello e Revisão de Guilene Chantal Postel*

#### ■ INTERVENÇÃO CONCLUSIVA AO PÚBLICO DA E.F.P. Em Deauville (1978)

– Não há necessidade de ser AE para ser **passador**.

É uma ideia louca dizer que só os A.E. podiam designar os **passadores**.

É de certa maneira uma garantia; eu disse a mim mesmo que ainda assim, os A.E. deviam saber o que faziam.

A única coisa importante é o passante, e o passante, é a questão que coloco, a saber, o que é que pode vir na cachola de alguém para se autorizar ser um analista?

Eu quis ter testemunhos, naturalmente eu não tive nenhum, testemunhos de como isso se produzia.

Claro, é um completo fracasso, este passe.

Mas é preciso dizer que para se constituir como analista é preciso ser muito amante; amante de Freud principalmente, isto é, acreditar nessa coisa absolutamente louca que se chama inconsciente e que tentei traduzir por “sujeito suposto saber.”

Não há nada que me aborreça mais do que os congressos, mas não este porque cada um trouxe sua pobre pequena pedra à ideia do passe, e o resultado não é mais esclarecedor num congresso que quando se vê passantes que sempre foram ou já bem engajados nesta profissão de analista, – é por isso que o A.M.E. não me interessa especialmente, não me interessa especialmente que o A.M.E. venha testemunhar, o A.M.E. faz isso por hábito – pois é isto o que é preciso: como é que existem pessoas que creem nos analistas, que vem lhes demandar alguma coisa? É uma história absolutamente louca.

Por que é que nós viríamos demandar a um analista o temperamento de seus sintomas? Tendo em vista que todo mundo é neurótico, é por isso que chamamos o sintoma, na circunstância, neurótico, e quando ele não é neurótico as pessoas têm a sabedoria de não vir demandar a um analista de se ocupar dele, o que prova mesmo assim que não ultrapassa isso, saber vir demandar ao analista para corrigi-lo, ele deve ser chamado psicótico.

*Tradução de Rosane Mello e Revisão de Guilene Chantal Postel*

## ■ O MOMENTO DE CONCLUIR (1977-1978)

### Lição de 10 de janeiro de 1978

A matemática faz referência à escrita, à escrita como tal, e o pensamento matemático, é o fato de que se pode representar um escrito.

Qual é a ligação, senão o lugar, da representação da escrita? Nós temos a sugestão de que o real não cessa de se escrever. É por meio da escrita que se produz a força. Escreve-se mesmo assim o Real, porque, é preciso dizer, como o Real apareceria se ele não se escrevesse? É assim que o Real está aí. Ele está aqui por minha forma de escrever. A escrita é um artifício. O real aparece, portanto, por um artifício, um artifício ligado ao fato que há palavra e mesmo o dizer. E o dizer concerne o que se chama a verdade. É por isso que eu digo que, a verdade, ela não pode ser dita.

Nessa história do passe, eu sou conduzido, já que o passe, sou eu quem o tem, como se diz, produzido, produzido na minha Escola na esperança de saber o que podia advir no que se chama o espírito, o espírito de um analisante para se constituir, quero dizer, receber pessoas que vem lhe demandar uma análise.

Talvez esta pudesse ser feita por escrito; sugeri a alguém, que alias, estava mais do que de acordo. Passar para o escrito há uma chance de estar um pouco mais próximo do que podemos alcançar do Real, porque o que se faz atualmente, já que tentei sugerir à minha Escola que os passadores podiam ser nomeados por alguns.

O que aborrece é que estes escritos não serão lidos. Em nome do quê? Em nome do que, do escrito, que se tem lido demasiadamente. Então que chance existe de ser lido? Está aí deitado sobre o papel, mas o papel é também o papel higiênico. [...]

*Tradução de Rosane Mello e Revisão de Guilene Chantal Postel*

## Programa do III Encontro Internacional da EPFCL

### A ANÁLISE, FINS E CONSEQUÊNCIAS

9, 10 e 11 de dezembro 2011

Paris ▪ Cité des Sciences et de L'Industrie – La Villette

#### SEXTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO

##### “A Escola à prova do passe”

▪ **8h45: Recepção dos participantes**

▪ **9h30: Abertura:** Albert Nguyên (França)

▪ **10h00-13h00: Primeira mesa-redonda – “O DISCERNIMENTO DO PASSADOR”**

**Coordenado por:** Dominique Fingermann (Brasil) e Clotilde Pascual (Espanha)

**Intervenções de:** Colette Soler (França), Elisabete Thamer (França), Frédérique Decoin-Vargas (França), Béatrice Tropis (França) et Trinidad Lander S.-Biezma (Venezuela)

As intervenções serão seguidas por um amplo debate ao qual cada membro da Escola, especialmente aqueles que participaram de um lugar ou outro do dispositivo do passe, é convidado a colaborar.

▪ **13h00-14h45: Almoço**

▪ **15h00-17h45: Segunda mesa-redonda – “A APOSTA DO A.M.E. E SUAS CONSEQUÊNCIAS”.**

**Coordenado por:** Josep Monseny (Espanha) e Marc Strauss (França)

**Intervenções de:** Carmen Gallano (Espanha), David Bernard (França), Maria Teresa Maiocchi (Itália), Patricia Munoz (Colômbia), Bernard Nominé (França)

▪ **18h00-19h00: Conclusões do dia**

**Presidência:** Nicole Bousseyrroux (França)

**Intervenções de:** Sidi Askofaré (França), Luis Izcovich (França), Anne Lopez (França), Diego Mautino (Itália), Antonio Quinet (Brasil)

▪ **19h30: HOMENAGEM A JACQUES LACAN**

**Celebração dos trinta anos do falecimento de J. Lacan**

A forma que essa manifestação de fechamento da série de quatro iniciativas da EPFCL-França tomará está em vias de elaboração. Vocês encontrarão informações mais detalhadas no envio de *Prelúdios* na lista ou no MAG nº2, previsto para o final de outubro.

**UMA SUITE COM VIOLONCELO E VINHO OFERECIDOS PELA ESCOLA**

FECHARÁ AGRADAVELMENTE ESSE LONGO DIA DE TRABALHO.

**SÁBADO, 10 DE DEZEMBRO E DOMINGO, 11 DE DEZEMBRO<sup>123</sup>**

**“A Análise, fins e consequências”**

**SÁBADO, 10 DE DEZEMBRO**

### Plenária

- **8h45: Recepção dos participantes**
- **9h30: Abertura: Sigo o rastro do desejo do Outro** – Sol Aparicio (França)
  
- **9h45-11h15: Primeira sequência**  
Presidência: Alba Abreu (Brasil)
  1. **O analista analisante** – Marcelo Mazzuca (Argentina)
  2. **Momentos de separação na análise** – Susan Schwarz (Austrália)
  3. **O affaire de 9 outubro** – Stéphanie Gilet-Lebon (França)
  
- **11h30-13h00: Segunda sequência**  
Presidência: Jacques Adam (França)
  1. **E depois? A satisfação de continuar a passar** – Ana Martínez (Espanha)
  2. **O fim, os fins** – Colette Soler (França)

### Salas Simultâneas

#### SALA 1

Presidente: Patrick Barillot (França)

#### ▪ 15h00-16h45 : Primeira sequência

1. **Um limite da estrutura a ser encontrado numa psicanálise** – Xavier Campamà (Espanha)
  2. **O impotência versus o impossível** – Teresa Trias-Sagnier (Espanha)
  3. **A con-formação do analista** – Fulvio Marone (Itália)
  4. **De Sepultura à Slipknot : do ritmo da análise ao corte da melodia** – Tatiana Assadi (Brasil)
- Debatedores: Cathy Barnier (França) e Lydia Hualde (França)

#### ▪ 16h45-18h15: Segunda sequência

1. **O fim de análise : apropriar-se de um destino. Do que insiste em se repetir ao alívio do que se esquece** – Ana Guelman (Israel)
  2. **Analista em função, função do analista** – Paola Malquori (Itália)
  3. **A subversão transferencial à luz lacaniana** – Gladys Mattalia (Argentina)
- Debatedores: Fulvio Marone (Itália) e Mireille Scemama-Erdos (França)

#### SALA 2

Presidente: Mario Brito (Venezuela)

#### ▪ 15h00-16h45: Primeira sequência

1. **Do passo de sentido ao ab-sentido: o que resta de uma análise** – Glaucia Nagem (Brasil)
2. **Desfazer pela fala o que se fez pela fala** – Bernard Lapinalie (França)

<sup>123</sup> Com o título “A análise, fins e consequências”, o III Encontro Internacional terá continuidade, e para a EPFCL-França ocorrerão as tradicionais Jornadas Nacionais de dezembro.

**3. Com o risco da psicanálise** – Lydie Grandet (França)

**Debatedores:** Mikel Plazaola (Espanha) e Jean Michel Arzur (França)

▪ **16h45-18h15: Segunda sequência**

1. **À maneira de...** – Rosa Roca (Espanha)

2. **Aslínguas da análise** – Radu Turcanu (França)

3. **A alegria do bem-dizer** – A. Alonso, A. M. Cabrera, C. Delgado, T. Sanchez-Biezma, M. L. de la Oliva (Espanha)

**Debatedores:** Carlos Guevara (França) e Irène Tu Ton (França)

**SALLE 3**

**Presidente:** Elisabete da Rocha Miranda (Brasil)

▪ **15h00-16h45: Primeira sequência**

1. **Os passadores e a lógica temporal** – Armando Cote (França)

2. **Desvelamento do segredo em um cartel inédito de passadores** – Olga Medina (França)

3. **O saber do final de uma análise. Como nomeá-lo?** – Ricardo Rojas (Colômbia)

**Debatedoras:** Ana Canedo (Espanha) e Muriel Mosconi (França)

▪ **16h45-18h15: Segunda sequência**

1. **Atravessando o fantasma no ato sexual** – Yehuda Israeli (Israel)

2. **Do objeto como borda ao *sinthoma* como furo** – Conrado Ramos (Brasil)

3. **A partição do sujeito ou a disposição melômana** – Anne Théveniaud (França)

**Debatedores:** Juan del Pozo (Espanha) e Didier Grais (França)

▪ **18h30-21h00: Assembleia Geral da EPFCL-França**

▪ **21h15: Jantar dançante (grupo de jazz latino) na *Cité des Sciences***

**DOMINGO, 11 DE DEZEMBRO**

▪ **9h30: Recepção**

▪ **10h00-11h30: Primeira sequência**

**Presidência:** Claude Léger (França)

1. **O fim pelo sentido, fora de sentido** – Patricia Dahan (França)

2. **O A.M.E.: o passe além do dispositivo** – Sonia Alberti (Brasil)

▪ **11h30-13h00: Segunda sequência**

**Presidência:** Lola Lopez (Espanha)

1. ***Sinthoma* e semblante** – Antonio Quinet (Brasil)

2. **A verdadeira viagem** – Luis Izcovich (França)

▪ **14h45-16h15: Terceira sequência**

**Presidência:** Pascale Leray (França)

1. **O conhecimento do sintoma e as opções de fim de análise** – Gabriel Lombardi (Argentina)

2. **Quando o indemonstrável faz prova** – Anita Izcovich (França)

▪ **16h15-17h45: Quarta sequência**

**Presidência:** Jean-Jacques Gorog (França)

1. **Devir do *sinthoma*** – Cora Aguerre (Espanha)

2. **O desenlace** – Michel Bousseyroux (França)

▪ 18h00: Encerramento do III Encontro: Nadine Naïtali e Albert Nguyễn

## Próximos eventos

### VII ENCONTRO DA IF-EPFCL

#### O que responde o psicanalista? Ética e clínica de 6 a 9 de julho de 2012

no Centro de convenções do Hotel Sofitel – Copacabana, Rio de Janeiro.  
site: [www.rio2012if-epfcl.com.br](http://www.rio2012if-epfcl.com.br) | e-mail: [rio2012ifepfcl@gmail.com](mailto:rio2012ifepfcl@gmail.com)



A resposta do psicanalista se diferencia da ciência por levar em consideração o sujeito do desejo que esta rejeita; se diferencia da religião e suas práticas por não ceder à crença num Outro que não existe assim como ao Um ditatorial das massas e seitas; se opõe à resposta do capitalista porque não foraclui, como este, a falta. Ao contrário, o analista, ao ocupar a posição de rebotalho que é própria da sua ética, faz valer as questões tanto do mal-estar do sujeito sofredor quanto do mal-estar da civilização. A isso, Freud responde: “caminhe!”, “fale!”. No lugar de responder às demandas e aspirações do ser-para-o-sexo, o psicanalista faz valer o “eu te peço que não respondas à minha demanda, porque não é isso” (Lacan, “Ou pior...”, 09/02/72).

Freud diagnostica no início do século XX o mal-estar da civilização como renúncia ao gozo sexual; Lacan, no final do século passado, o aponta como resultado do laço social dominante que é o discurso do capitalista e sua forclusão da castração. Resultado: somos todos proletários diante do capital. Mas hoje, nossa sociedade de consumidores, microcréditos, microempresas, microcéfalos é a expressão da “civilização de metas”. Resultado: todos empresários! Eis o imperativo do supereu que transforma nossas vidas em olimpíadas, matando quem está na frente e acenando com medalhas de chocolate e louros de plástico. Ao vencedor: as batatas! (Machado de Assis, Quincas Borba, 1892).

Quais são as formas de retorno da castração foracluída? A generalização da falta-a-gozar concomitante ao empuxo ao gozo tem efeitos no sujeito individual que não se distingue do sujeito coletivo, conforme Freud, em 1921. Quais as respostas do analista orientado pela ética do desejo e do bem-dizer? A psicanálise denuncia os novos semblantes do sintoma demonstrando que sua estrutura permanece a mesma. Por ser tecido de linguagem ele é sensível à palavra, por condensar um gozo ele é reduzido pelo ato analítico. A responsabilidade do analista implica no acolhimento do sintoma e na sustentação do tratamento possível do gozo do sofrimento. Fundamentado em uma ética anticapitalista, o psicanalista desmascara os semblantes do social com os quais se travestem os discursos da dominação: os *gadgets* como objetos de desejo, os corpos-mercadorias, os novos produtos sólidos no lugar da fluidez dos laços, as intermináveis respostas às demandas e aspirações do ser-para-o-sexo, as violentas investidas racistas de segregação da diferença.

Opondo-se ao *main stream*, sem ser passadista, o psicanalista não se alia à ciência e ao capital forclusivos que fazem crer no delírio generalizado – do somos todos Um – e nas “novas” descobertas do homem neuronal. O discurso do psicanalista é o avesso disso, fazendo dele cúmplice do negro de todas as raças (Heiner Müller). O analista se alia ao artista com seu *tour* de force de poesia que desvela o não-sentido de todas as coisas, os sentidos religiosos *prêt-à-porter* e que o sentido é dado pelo desejo de cada um.

O adulto permanece o filho do homem: a psicanálise mostra que ao criar-se nas palavras o homem as cria com o que poetisa sua singularidade. O que não quer dizer que a psicanálise pretende

uma saída individualista. Não há sujeito sem outro, diz Lacan. E sempre haverá um outro, com sua diferença e sua forma de gozo. À cloaca máxima da civilização (conforme a conferência de Lacan em 1973, no MIT), que suga o ser de sua morada de linguagem, o analista com sua clínica, em seu ato e sua interpretação, desvela a castração como constituinte de todo ser falante e o sem-razão de um Outro gozo, que é sempre diferente. E norteador pela lógica da heteridade, aponta a abertura ao novo e para a chegada sempre surpreendente do outro.

*Antonio Quinet e Sonia Alberti*

**SUBTEMAS:**

responsabilidade do psicanalista | a ética na psicanálise | psicanálise e política | clínica do ato | desejo e interpretação | bem dizer e gozo | a aposta clínica no sujeito e os discursos da contemporaneidade | psicanálise e crença | o psicanalista e a ciência | arte e psicanálise | psicanálise e os outros saberes | as respostas do analista às psicoses | ...e às toxicomanias | a criança na psicanálise | o psicanalista e o Real.

**TABELA DE PREÇOS:**

Até 31/12/2011	Até 05/03/2012	Até 15/06/2012	No local (em dinheiro):
R\$ 570,00	R\$ 600,00	R\$ 650,00	R\$ 750,00
Estudantes de graduação, profissionais da Saúde, da Educação e da Justiça (com comprovante oficial): Somente 150 vagas – R\$ 380,00			

Inscriva-se pelo site [www.rio2012if-epfcl.org.br](http://www.rio2012if-epfcl.org.br), com seu cartão de crédito e de forma segura. Para tanto, é necessário criar um login e, após este ser gerado, faça o pagamento com seu cartão de crédito. Havendo dúvidas, não hesite em entrar em contato pelo e-mail: [rio2012ifepfcl@gmail.com](mailto:rio2012ifepfcl@gmail.com), tentaremos redimi-las.

**NORMAS PARA ENVIO DE PROPOSTAS DE TRABALHO:**

Após a inscrição no Encontro, os interessados em apresentar trabalhos deverão encaminhar o argumento, junto com o comprovante do depósito bancário, de acordo com as seguintes instruções:

- Resumo em arquivo formato *Word* versão 2007 ou superior. Envio do argumento **até 18/03/2012**.
- Arquivo contendo duas páginas: 1) folha de rosto contendo o título do trabalho, nome completo do autor, sua instituição e *e-mail*; 2) folha do argumento contendo apenas o título do trabalho e o corpo do texto (contextualização do tema e objetivo do trabalho) com 1500 a, no máximo, 2000 caracteres.
- O resultado da seleção dos resumos será divulgado **até 30/04/2012** e os autores cujos trabalhos tiverem sido selecionados terão **até o dia 03/06/2012** para enviar o texto integral para [rio2012ifepfcl@gmail.com](mailto:rio2012ifepfcl@gmail.com). A versão definitiva não poderá ultrapassar 10.000 caracteres contados com os espaços. Infelizmente, será impossível incluir na programação os trabalhos que não chegarem ao limite dessa data ou que extrapolarem o previsto em tamanho.

**REALIZAR-SE-ÃO TAMBÉM NA MESMA DATA:**

- o Simpósio sobre o Passe: dia 6 de julho de 2012, às 18:00 horas;
- as Assembleias Gerais da Internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano: Hotel Sofitel – Copacabana | Rio de Janeiro: dia 9 de julho de 2012.

## Sumário

<b>Editorial</b>	
<i>por Dominique Fingermann</i>	2
<b>A Escola: Encore !</b>	
Colette Soler (França), <i>O tempo longo</i>	3
<b>A análise, fins e consequências</b>	
<b>Os passadores da psicanálise</b>	
Rosa Escapa (Espanha), <i>A “dit-mension” do passador</i>	8
Dominique Fingermann (Brasil), <i>A presença do passador: atualidade da Escola</i>	10
Pascale Leray (França), <i>A implicação do passador</i>	18
Anne Lopez (França), <i>Passe e passadores</i>	20
Marc Strauss (França), <i>Corte com a verdade!</i>	24
<b>O ato se julga pelas suas consequências</b>	
Nicole Bousseyroux (França), <i>Satisfazer os casos de urgência</i>	29
Mario Brito (Venezuela), <i>Do amor ao Analista ao Desejo de Analista</i>	30
Patricia Dahan (França), <i>Unidade da linguagem, singularidade d’alíngua</i>	33
Ana Martínez (Espanha), <i>Depois do final de análise e do passe, uma experiência</i>	37
Diego Mautino (Itália), <i>Do tripode ao tripudium</i>	42
<b>A Escola: em consequência de causa</b>	
Carmen Gallano (Espanha), <i>A designação de passadores: uma aposta orientada</i>	44
Luis Izcovich (França), <i>A doxa e a comunidade de Escola</i>	46
Patricia Muñoz (Colômbia), <i>Razão que ecoa</i>	51
Albert Nguyên (França), <i>Satisfação da castração</i>	56
<b>Lacan, a marca</b>	
Nicole Bousseyroux (França), <i>Efeto de real</i>	62
Albert Nguyên (França), <i>Lacan a marca</i>	64
Bernard Nominé (França), <i>Luto do sentido?</i>	66
Marc Strauss (França), <i>O riso de Lacan</i>	68
<b>Thesaurus sobre o passador</b>	<b>72</b>
<b>Programa do III Encontro Internacional da Escola</b>	<b>83</b>
<b>Próximos eventos</b>	<b>86</b>

***Wunsch 11 foi editado pelo CAOE 2010-2012***

composto por :

Dominique FINGERMANN

Ana MARTINEZ

Patricia MUÑOZ

Albert NGUYÊN

*Diagramação*

Cícero OLIVEIRA

